

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Sem-Abrigo - O Acompanhamento Institucional e a sua
Repercussão no Quotidiano

Sónia Martins Teixeira

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Orientadora: Prof. Doutora Dulce Maria da Graça Magalhães

Setembro, 2011

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Sem-Abrigo - O Acompanhamento Institucional e a sua
Repercussão no Quotidiano

Sónia Martins Teixeira

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia

Orientadora: Prof. Doutora Dulce Maria da Graça Magalhães

Setembro, 2011

Resumo

Com a elaboração desta investigação pretendemos estudar a realidade e as vivências de ser e estar dos Sem-Abrigo, bem como o apoio que lhes é prestado pela instituição Legião da Boa Vontade (LBV), situada na cidade do Porto.

Neste sentido, e enquanto instituição educacional e cultural de solidariedade social, interessa-nos compreender se este centro social fomenta programas de apoio aos Sem-Abrigo com o propósito da sua reinserção social, designadamente o acompanhamento institucional e a ronda da caridade.

Os Sem-Abrigo são considerados muitas vezes como indivíduos que não tem identidade, que não participam na vida social e política, como se permanecessem numa “morte social”, sendo que as razões que os conduzem à condição de Sem-Abrigo são diversas.

As linhas teóricas orientadoras da nossa pesquisa baseiam-se na análise de conceitos como a pobreza e exclusão social, o acompanhamento institucional, a reinserção social, o voluntariado, entre outros. Estes conceitos quando interligados pretendem dar conta da condição de Sem-Abrigo, do tipo de apoio que lhes é prestado, neste caso em específico o “programa ronda da caridade”, e também ao nível de orientação durante a semana nas instalações da LBV.

Para levar avante este estudo recorreremos à metodologia qualitativa com objectivo de analisar o meio social entendido como local de produção de sentido e de valorização, isto é, o significado que os indivíduos atribuem às suas acções, usando observação e a entrevista semi-directa como técnicas da metodologia qualitativa.

Palavras-chave: Sem-Abrigo, Pobreza, Exclusão Social, Reinserção Social, Voluntariado, Acompanhamento Institucional.

Abstract

The aim of this investigation is to study the reality and experiences of being Homeless, as well as the support provided to them by the institution Legião da Boa Vontade (LBV) located in the city of Porto.

In this line of thought, and as an educational and cultural institution of social solidarity, we are interested in understand if this center promotes social programs to assist Homeless people with the purpose of their social reintegration, especially the institutional accompaniment and the round of charity.

Homeless people are often considered as individuals who have no identity, that do not participate in social and political life, as if they remained in a “social death”. The reasons which lead them to the condition of Homeless are far diverse.

The guiding lines of our research are based on concepts such as poverty and social exclusion, institutional accompaniment, social reintegration, volunteering, among others. The interrelation between concepts explains the Homeless condition, the type of support provided to them, in this specific case the “programa ronda da caridade”, and also the Homeless guidance, during the week, on the facilities of LBV.

In order to carry out this dissertation we applied a qualitative methodology with the aim of analyze the social environment perceived as place that produces meaning and values, that is, the meaning that individuals give to their actions, by using observation and semi-direct interview as techniques of qualitative methodology.

Keywords: Homeless, Poverty, Social Exclusion, Social Reintegration, Volunteering, Institutional Accompaniment.

Résumé

L'objectif de cette enquête est l'étude de la réalité et les expériences d'être sans-abri, ainsi que l'appui fourni par l'institution Legião da Boa Vontade (LBV), situé dans la ville de Porto.

Dans cette ligne de pensée, et comme une institution éducative et culturelle de solidarité sociale, nous sommes intéressés à comprendre si ce centre favorise les programmes sociaux pour aider les sans-abri dans le but de leur (ré)insertion sociale, notamment l'accompagnement institutionnel et le tour de la charité.

Les sans-abri sont souvent considérés comme des individus qui n'ont pas d'identité, qui ne participant pas à la vie sociale comme s'ils restaient dans une "mort sociale". Les raisons qui les conduisent à la condition de sans-abri sont diversifiées.

Les axes de notre recherche sont basés sur des concepts tels que pauvreté et l'exclusion sociale, l'accompagnement institutionnel, la (ré)insertion sociale, le volontariat, entre autres. L'interrelation entre les concepts explique la condition de sans-abri, le type de appui apporté à eux, dans ce cas le "Programa Ronda da Caridade", et aussi l'orientation des sans-abri, pendant la semaine, sur les installations de la LBV.

Dans cette thèse nous avons appliqué une méthodologie qualitative avec l'objectif de analyser l'environnement social perçu comme lieu qui produit du sens et de valeurs, c'est-à-dire, le sens que les individus donnent à leurs actions, en utilisant l'observation et semi-directe entrevue comme techniques de la méthodologie qualitative.

Mot-clés: Sans-abri, Pauvreté, Exclusion Sociale, (Ré)insertion Sociale, Volontariat, Accompagnement Institutionnel.

Agradecimentos

Todo este trabalho realizado não seria possível se não tivesse contado com a inestimável ajuda de pessoas maravilhosas que já há muito fazem parte da minha vida, outras e por situações óbvias, começaram a fazer a partir do início da realização desta investigação. Foram tempos, momentos e situações de luta constante que nos faziam querer desistir, contudo, do outro lado, estavam sempre aqueles que tudo fariam para que eu acreditasse que valia a pena.

A primeira palavra de carinho e gratidão vai para a Professora Dulce Magalhães, uma orientadora maravilhosa com um método de acompanhamento inabalável. Obrigada pela sua orientação, pelas palavras de força e de coragem naqueles momentos de catástrofe, uma excelente orientadora à qual devo todo o trabalho desenvolvido, obrigada!

Obrigada *mui* nobre Faculdade de Letras da Universidade do Porto por estes anos de “hospitalidade”. Quero agradecer também ao director do mestrado de Sociologia, Prof. Doutor Carlos Gonçalves e aos restantes professores do respectivo curso, Sociologia, por todo o ensinamento transmitido e pela disponibilidade, cumplicidade e amizade criada ao longo de todo este percurso.

Agradeço também à instituição Legião da Boa Vontade, e a todas as pessoas que tive o privilégio de conhecer no seio desta instituição, nomeadamente à Assistente Social que desde o início teve uma enorme paciência e uma prontidão extrema para me integrar no “programa ronda da caridade”; quero agradecer também aos voluntários, à Vanda, ao Pedro e ao Diogo por todo o apoio e ajuda que me deram, obrigada chefes! A minha gratidão vai também para os utentes, Sem-Abrigo, beneficiários do apoio prestado pela LBV.

A todos os meus amigos, o meu muito obrigado, sem vocês teria descarrilado muitas vezes! Ricardo, Marta, Nádia, Luísa, Ju, Dalila, Fred, G3, Pedro, Francisco, Paulo e Carolina, amigos importantes e inesquecíveis em todo este percurso que me levantavam após uma queda... obrigada por toda a partilha, pelo ombro amigo que tantas vezes foi necessário, pelas palavras, pelo carinho, pelas “borgas” e claro pela amizade. Adoro-vos.

Quero agradecer também à minha avó, ao meu afilhado, a tias e primos por sempre terem estado presentes nesta caminhada.

Obrigada Mãe e Pai, por todo o amor incondicional, por todo o esforço e dedicação, pelas vossas palavras de coragem e de apoio... por sempre terem acreditado que seria capaz. Os vossos sorrisos, os vossos abraços, o vosso beijo de despedida a cada partida para o Porto sempre foram a minha fonte de inspiração. Obrigada, Amo-vos!

Ricardo, sabes o quanto és importante para mim, e o quanto foste importante para o desenvolvimento desta investigação. Um especial obrigado por teres trilhado comigo, de mãos dadas, todo este percurso, obrigada por nunca me teres deixado desistir e por teres estado sempre presente. A ti devo-te imenso, ah e sabes o quanto gosto de ti? Para lá de muito... Obrigada!

Índice

	Pág.
Resumo	III
Abstract	V
Résumé	VII
Agradecimentos	IX
Introdução	13
1. Pobreza e Exclusão Social: Dimensão Conceptual	19
1.1. O conceito de pobreza	19
1.1.1. O conceito de pobreza entendido como problema social e/ou problema sociológico	25
1.2. O conceito de exclusão social	26
1.2.1. Tipos de exclusão social	28
1.3. O conceito, caracterização e condição de Sem-Abrigo	29
1.3.1. Porquê Sem-Abrigo	30
1.3.2. Estratégias de sobrevivência	33
2. Sem-Abrigo: Trajectórias do <i>Self</i>. Trajectórias Sociais e Construção Identitária	35
3. A Instituição LBV, o Acompanhamento Institucional, a (Re)Inserção Social e o Voluntariado	45
3.1. Caracterização da instituição	45
3.2. Voluntariado	48
3.3. (Re)inserção social	50
4. Caminhos Metodológicos	53
4.1. Contributos teóricos para a metodologia qualitativa	53
4.2. Modelo de análise	55
4.3. Estratégia metodológica	60
5. Ronda pela Cidade: Missão de <i>Boa Vontade</i>	67
5.1. Instrumentos de Recolha e Análise de Informação	70
Considerações Finais	83
Referências Bibliográficas	87
Webgrafia	92

ANEXOS	93
Anexo I: Grelhas de Observação	94
Grelha de Situação de Observação na instituição LBV	95
Grelha de Situação de Observação no “programa ronda da caridade”	97
Tabela auxiliar à grelha de observação no “programa ronda da caridade” ..	99
Anexo II: Guiões de Entrevista	100
Guião de entrevista aos Sem-Abrigo da LBV	101
Guião de entrevista aos voluntários da LBV	103
Guião de entrevista dirigida à assistente social da instituição da LBV	105
Anexo III: Grelhas de Análise Horizontal das Entrevistas dos Sem-Abrigo e dos Voluntários	108
Análise Horizontal das Entrevistas dos Sem-Abrigo	109
Análise Horizontal das Entrevistas dos Voluntários	119
Anexo IV: Transcrição da Entrevista da Assistente Social	132

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito da dissertação de mestrado e com o apoio da instituição Legião da Boa Vontade (LBV). Esta instituição está sediada no Porto, é uma instituição de cariz religioso que criou por sua vez o centro social que é uma IPSS e é a partir deste centro social que são desenvolvidos todos os projectos que promovem programas de apoio social a vários níveis, neste caso específico e sendo também nosso objecto de estudo, o acompanhamento institucional aos Sem-Abrigo, com o propósito da reinserção social. O objectivo da presente investigação pretende dar conta da realidade da condição de Sem-Abrigo, nomeadamente o acompanhamento institucional, que neste caso se traduz no programa ronda da caridade e também no apoio oferecido durante a semana pela LBV nas instalações, dos Sem-Abrigo, a sua repercussão no quotidiano, bem como a apropriação que esta população faz da esfera social.

Os “Sem-Abrigo são, na actualidade, um dos problemas sociais com que se defrontam a maioria dos países industrializados. Tornam-se um problema a partir do momento em que a sua presença nas ruas aumenta a cada dia e a sua situação se degrada cada vez mais” (Alves in Carmo, 1996:27), verificando-se por parte das instituições de solidariedade social uma grande preocupação em fazer frente a esta situação, tentando combater problemas de pobreza e de exclusão social, como é o caso da LBV. Neste sentido, torna-se emergente a criação de soluções eficazes que, deverão dar respostas às necessidades mais essenciais, básicas destes indivíduos (Sem-Abrigo) respeitando as suas maiores vontades, tais como, o facto de já não quererem abandonar a vida que levam nas ruas, uma vez que a falta de horários, a ausência de regras já se tornaram uma constante, tendo-se cristalizado nas suas vidas. Estes dados serão confirmados mais à frente, com as respostas obtidas pela nossa população alvo, pelos voluntários e pela Assistente Social da LBV. Segundo os postulados da escola de Chicago “a relação do homem com a natureza não é tratada como um problema geral, mas mediatizada pelos particularismos dos espaços geográficos” (Herpin, 1982:30) quer isto dizer que, o objectivo fundamental é perceber a origem e os motivos de determinados fenómenos sociais, e quais os factores que estão na sua retaguarda e que de certa forma os impulsionam a chegarem a esta condição de Sem-Abrigo.

Por conseguinte, todos os processos de acompanhamento institucional já referidos em cima com o propósito de apoio e em último caso reinserção social dos Sem-Abrigo enquanto objecto de estudo constam do desafio analítico deste projecto de pesquisa que pretende ser alcançado através da operacionalização do plano de investigação. Desta forma, surge a

necessidade de levantar uma questão de partida que servirá de fio condutor em todo este processo de investigação face ao objecto de estudo: o apoio prestado pela LBV aos Sem-Abrigo influencia ou potencia a sua reinserção sócio-profissional?

Para o desenvolvimento de todo este trabalho e para “ser considerado uma verdadeira investigação” (Quivy, 2005:119) contamos, com o auxílio de hipóteses de pesquisa para “conduzir com ordem e rigor, sem por isso sacrificar o espírito de descoberta e de curiosidade que caracteriza qualquer esforço intelectual digno deste nome.” (Idem, Ibidem) Assim, as hipóteses de trabalho por nós lançadas que, posteriormente serão corroboradas ou infirmadas, após o confronto com a informação recolhida apresentam-se seguidamente: i) os beneficiários do apoio da LBV encontram nesta instituição condições favoráveis à sua reinserção social; ii) o apoio da LBV favorece uma inculcação religiosa/espiritual aos beneficiários (Sem-Abrigo) capaz de possibilitar a sua reinserção social; iii) a emergência dos Sem-Abrigo resulta de factores diversos como por exemplo a toxicodependência, o alcoolismo, a precariedade de emprego, a modificação das estruturas familiares, ou as deficientes políticas de saúde, de educação, de habitação e de segurança social; iv) a condição de Sem-Abrigo varia conforme o género, destacando-se a população masculina. Encontramo-nos num momento em que presenciamos uma crescente individualização das sociedades contemporâneas que, cada vez mais, conduz a um isolamento dos agentes e uma manifestação das desigualdades sociais.

Assim, a escolha da temática, bem como a sua ligação com o acompanhamento institucional e possível (re)inserção social dos Sem-Abrigo prende-se com o facto de se considerar que em termos analíticos poderá constituir uma mais-valia. Estamos perante uma problemática aliciante, na medida em que nos possibilitará uma aproximação ao nosso objecto de estudo – Sem-Abrigo com todo o apoio oferecido pela instituição de solidariedade social como é o caso da LBV e as repercussões que poderão resultar deste vínculo.

Partimos para este trabalho com o objectivo geral de elaborar um retrato social da condição de Sem-Abrigo da LBV bem como perceber todo o acompanhamento institucional oferecido pela instituição aos Sem-Abrigo e a todos os indivíduos que careçam de recursos económicos e até familiares. Contudo, e com o decorrer da investigação, houve um afunilamento mais específico destes objectivos, isto é, foi nossa intenção analisar a conduta social destes indivíduos até ao acompanhamento institucional; verificar o grau de envolvimento dos Sem-Abrigo com a instituição LBV; perceber até que ponto poderá haver ou não uma interferência espiritual/religiosa na reinserção destes indivíduos; identificar as apostas institucionais de combate à exclusão social, bem como conferir a importância da inclusão na instituição relativamente à esfera social do Sem-Abrigo, ou seja, a orientação dada

a estes indivíduos, o acompanhamento, a criação de oportunidades com o objectivo de os reinserir no seio familiar, no mercado de trabalho, na sociedade.

O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos, divididos a partir de uma lógica sequencial dando assim forma ao objecto de estudo por nós estudado – o acompanhamento institucional dos Sem-Abrigo.

Assim, o primeiro capítulo designa-se por pobreza e exclusão social: dimensão conceptual. Aqui, damos conta da definição de cada um dos conceitos e da sua relação. Avançamos com a distinção entre pobreza absoluta e pobreza relativa tendo como referencia teórica alguns autores, nomeadamente Giddens (2004) e Almeida (1994). Referimo-nos também, e seguindo ainda o raciocínio de Giddens (2004) à explicação sobre a pobreza a partir da explicação comportamental não esquecendo a cultura de pobreza e cultura de dependência, explicação da pobreza a partir da situação social e ainda a explicação da pobreza segundo os estruturalistas (perspectiva funcionalista, perspectiva marxista e perspectiva weberiana). Dentro desta lógica, e segundo Capucha (1992) mencionamos as categorias sociais vulneráveis à pobreza, tais como, os idosos, os assalariados com baixos níveis de remunerações, os trabalhadores precários, as mulheres, os deficientes, as minorias étnicas, os desempregados e ainda os indivíduos com baixa escolaridade à procura do primeiro emprego. Focamos ainda a nossa abordagem teórica, no que nos diz Capucha (1998) acerca das prioridades políticas de combate à exclusão social. Segundo o autor é emergente a criação de emprego, o sistema de educação deveria ser reforçado, aponta também como prioridade uma aposta na mudança do sistema de protecção social.

Ainda neste capítulo, fazemos uma distinção, e segundo Santos (1999) entre problema social e problema sociológico.

Seguimos o raciocínio do autor Costa (2007) e com um novo subcapítulo, para apontar os principais tipos de exclusão social, designadamente, a nível económico, social, cultural, patológico e a nível dos comportamentos auto-destrutivos.

O conceito, caracterização e condição de Sem-Abrigo e toda a sua envolvente dão origem a outro subcapítulo. Para explanar este ponto focamos a nossa abordagem em alguns autores, nomeadamente em Carmo (1996).

O segundo capítulo intitula-se por: Sem-Abrigo: trajectórias do *self*. Trajectórias sociais e a construção identitária. Aqui tentamos dar conta, de que forma os indivíduos (Sem-Abrigo) constroem a sua identidade, e quais os valores e normas que orientam o seu comportamento. Para tal, servimo-nos de conceitos como (re)aprendizagem e (re)socialização servindo de padrão para explicar tais comportamentos em diferentes contextos sociais. A

construção da identidade destes indivíduos poderá ser afectada por determinados factores o que, de certa forma, os poderá impedir de edificarem uma identidade segura. Inerente a esta construção estão as escolhas, as opções que estes indivíduos terão de fazer ao longo da sua vida causando um impacto no seu *self* e que poderão ser consideradas atitudes desviantes perante os padrões da sociedade actual, referimo-nos ao alcoolismo, à toxicodependência, etc. Contudo, nem todos os indivíduos que se encontram nesta condição de Sem-Abrigo, são tidos como dependentes químicos, porém, estão nesta situação devido a factores diversos, como o desemprego e as deficientes políticas, entre outros, que os desencadearam a esta situação. Uma vez que, a sociedade actual considera a esfera profissional como um dos principais vectores da vida destes indivíduos, e estes indivíduos estão numa situação social e económica desfavorecida, geram-se desigualdades sociais entre as diferentes categorias sociais (assalariados de baixo nível de remunerações, os trabalhadores precários, as minorias étnicas, os desempregados, etc.). Abordamos também, os estilos de vida dos Sem-Abrigo, isto é, torna-se necessário analisar um plano analítico estipulando etapas de modo a conseguir objectivos em prol da sua auto-realização. Por conseguinte, na retaguarda de cada história, quase todos partilham do mesmo “sentimento”, a desmotivação que de certa forma os “obriga” a desistir dos seus objectivos pessoais.

O terceiro capítulo deste trabalho de investigação diz respeito ao trabalho desenvolvido pela LBV, o seu funcionamento, tipo de apoios e programas sociais que desenvolve. Como já referimos, é uma instituição de forte cunho religioso, que desenvolve diversos programas de apoio social direccionados aos indivíduos mais carenciados, e neste caso em específico, não só aos Sem-Abrigo, mas também às pessoas que neste momento atravessam dificuldades, na tentativa da sua reinserção social. Este apoio prestado pela LBV é a nível de alimentos e agasalhos durante o “programa ronda da caridade” e a nível de orientação/acompanhamento durante a semana nas instalações da instituição. A ajuda dos voluntários neste trabalho é imprescindível, uma vez que, o “programa ronda da caridade” conta única e exclusivamente com a ajuda dos voluntários

O quarto capítulo é referente à metodologia adoptada para conseguir desenvolver todo este trabalho de investigação. Neste caso, trabalhamos com a metodologia qualitativa uma vez que era nosso objectivo analisar dimensões específicas dos fenómenos sem negligenciar o todo, era nosso objectivo encontrar singularidades e diferenciações por isso recorreremos à técnica da entrevista e da observação. Neste capítulo abordamos de uma forma geral a afiliação teórica da metodologia qualitativa, com principal enfoque no paradigma interaccionista.

Neste ponto metodológico elaboramos o nosso modelo analítico de pesquisa. A construção do modelo de análise é um processo em curso sendo que para a sua edificação contribuirão relação entre conceitos, dimensões, variáveis e indicadores.

Por fim, apresentamos o capítulo empírico, isto é, a apresentação de todas as informações recolhidas, através de entrevistas exploratórias, observações e entrevistas semi-directivas. O tratamento de todos os dados recolhidos permite, posteriormente, testar as interpretações iniciais por nós lançadas. Todo este trabalho requer um esforço de constante verificação e validação das interpretações dos dados.

Todo o esforço por nós desenvolvido permitiu-nos verificar que, a presença de homens Sem-Abrigo é mais assídua do que a presença de mulheres tendo idades compreendidas entre os trinta e quatro anos e os sessenta e oito anos de idade, a maioria destes indivíduos são divorciados e os principais factores que os impulsionaram a esta situação de Sem-Abrigo foram, nomeadamente, problemas relacionados com álcool, toxicoddependência e problemas de estruturação familiar.

1. Pobreza e Exclusão Social: Dimensão Conceptual

Há todo um conjunto de direitos e deveres normativos inscritos nas estruturas sociais e reconhecidos em documentos legais que conferem aos indivíduos o estatuto de cidadãos. No entanto, ao nível da sociedade, existe um grupo de indivíduos que estão excluídos de direitos cívicos básicos (como a liberdade, o direito à escolha dos governantes e a participação política) e privados de direitos e deveres sociais (como o acesso a equipamentos sociais, o direito ao trabalho, à habitação condigna, o acesso a cuidados de saúde) a quem a sociedade não oferece o estatuto de cidadão, produzindo-se por conseguinte, situações de exclusão social. Como defende Capucha “entre esses direitos e deveres estão incluídos naturalmente os cívicos básicos – liberdade de expressão, reunião e associação, direito à escolha dos representantes e dos governantes, direito à privacidade e à livre escolha das pessoas com quem se quer partilhar a vida, entre muitos outros –, mas também direitos e deveres sociais e culturais ao trabalho e ao rendimento autónomo, à educação e à cultura, à habitação, ao acesso a cuidados de saúde, à posse de uma identidade positiva, à protecção social e cívica, à participação social e à pertença a grupos” (Capucha, 1998:209). E ao conceito de exclusão social associa-se o conceito de pobreza e a situação de Sem-Abrigo.

Não obstante, tanto o conceito de pobreza como o conceito de exclusão social prestam-se a duas análises distintas. A pobreza define-se pela quantidade de bens que o indivíduo tem face aos outros, portanto a pobreza está sujeita a uma análise mensurável. A exclusão está sujeita a uma análise menos estatística e mais relacional; reflectindo a qualificação da relação social que se estabelece entre dois indivíduos, entre um indivíduo e um grupo e entre um indivíduo e a sociedade.

1.1. O conceito de pobreza

A complexidade do fenómeno da pobreza explica a variedade de perspectivas em que este conceito pode ser definido. Segundo Almeida (1994), “nos anos que se seguiram à II Guerra Mundial as sociedades modernas conheceram um longo período de prosperidade e crescimento. Pensou-se que esse crescimento seria continuado, sustentado e acabaria, de um lado, por se difundir em direcção às sociedades mais atrasadas do terceiro mundo e, de outro lado, por resolver os problemas daqueles que, nas sociedades desenvolvidas, iam ficando excluídos dos modos de vida dominantes, da plena participação social e do pleno exercício da

cidadania” (Almeida, 1994:165). Pensava-se então que o crescimento iria por termo à pobreza em todo o mundo. Contudo, “o crescimento não era linear e uniformemente acelerado (...) toda a história de crises, seguidas de superações de crises e de períodos de crescimento e de novas crises, veio mostrar que as crenças na inevitabilidade da sociedade do bem-estar para todos eram falsas e que não apenas a fome crescia no terceiro mundo, como o próprio mundo desenvolvido comportava níveis preocupantes de pobreza” (Idem Ibidem:165-166).

A pobreza permanece como um «problema», as assimetrias insistem em reproduzir-se com todos os seus efeitos de marginalização (como a exclusão social e os Sem-Abrigo, por exemplo) não só nos países subdesenvolvidos como também nos países desenvolvidos. Todavia, a pobreza não deve ser encarada como um problema mas sim como um fenómeno social, pois ela faz parte integrante da sociedade.

As características e o significado social de pobreza variam de sociedade para sociedade. E, como tal, é evidente que a pobreza dos países desenvolvidos seja diferente da pobreza dos países subdesenvolvidos, embora subsista em ambos. Segundo Capucha (1998) a concepção de pobreza resulta da deficiência das condições materiais de existência, ou da ausência e /ou insuficiência de recursos de ordem económica, social ou cultural.

Sociólogos e investigadores abordam duas formas de pobreza tradicionais no seu estudo – a pobreza relativa e a pobreza absoluta. A pobreza absoluta define como pobres um conjunto de famílias e pessoas cujos recursos naturais, sociais, materiais e económicos são tão escassos que não garantem a subsistência e eficiência física e o suprimento das necessidades básicas. Está relacionada com a incapacidade e falta de conhecimento que as pessoas têm para rentabilizar os recursos. “O conceito de pobreza absoluta está enraizado na ideia de subsistência – as condições básicas que permitem sustentar uma existência física saudável. Diz-se que pessoas que carecem de requisitos fundamentais para a existência humana – tal como comida suficiente, abrigo e roupa – vivem em situação de pobreza” (Giddens, 2004:313). À pobreza relativa está relacionado um conjunto de famílias e pessoas pobres (ausência de rendimentos económicos) cujos recursos são tão escassos que se encontram excluídos os modos de vida minimamente aceitáveis – como andar calçado e vestido, fazer três refeições por dia e possuir electrodomésticos para conservar os alimentos – os padrões normativos definidos como normais na nossa sociedade e excluídos os exercícios de direito de cidadania no país onde vivem.

Deste modo, a pobreza absoluta (necessidade de subsistência ou de sobrevivência) e a pobreza relativa (necessidades socialmente construídas) não se sobrepõem. Neste sentido, a pobreza constrói-se em torno daquilo que são as necessidades sentidas num determinado

contexto e as expectativas dos indivíduos desse contexto. Embora a pobreza relativa seja aquela que define necessidades socialmente construídas, o seu conceito está, ele próprio, sujeito a abordagens mais comparativas, o que não significa que as necessidades de todos os países sejam todas iguais, pois a abordagem das questões da pobreza no geral tem sempre um referencial que é *standard* de vida num determinado contexto e as necessidades e expectativas criadas nesse contexto.

Há um conjunto de explicações sobre a pobreza; contudo, e tendo em linha de conta o nosso objecto de estudo, importa-nos principalmente versar sobre as explicações comportamentais, explicações a partir da situação social e a explicação estruturalista. Segundo Giddens (2004) “as explicações da pobreza podem ser agrupadas em categorias principais: as teorias que consideram os indivíduos pobres responsáveis pela sua própria pobreza, e as teorias que consideram a pobreza como produzida e reproduzida pelas forças estruturais da sociedade” (Giddens, 2004:318). De seguida apresentamos e de uma forma mais explícita a explicação comportamental (engloba a cultura da pobreza e a cultura da dependência), a explicação a partir da situação social e a explicação estruturalista (abrange a perspectiva funcionalista, a perspectiva marxista e a perspectiva weberiana).

Explicação comportamental

- *Cultura da pobreza*: indivíduos que, genericamente, possuem fracos recursos económicos, que em situações débeis, formam comunidades fechadas separadas do exterior – baseiam-se na família com forte instabilidade. A instabilidade dos rendimentos não promove a existência de projectos futuros e, deste modo, desenvolve-se uma cultura baseada numa fraca inserção social, com regras que fogem à sociedade. Neste sentido, Giddens defende que a reprodução da pobreza cultiva-se através dos descendentes: “quem nasce pobre, vive e morre pobre”. Lewis acrescenta ainda que “a pobreza não é o resultado de inadequações individuais, mas de uma atmosfera social e cultural mais lata na qual as crianças pobres são socializadas. A cultura da pobreza é transmitida entre gerações porque os jovens desde cedo não vêem razão para aspirar a algo mais. Em vez disso, resignam-se fatalisticamente a uma vida de empobrecimento” (Idem, Ibidem:319).
- *Cultura da dependência*: a pobreza permanece na medida em que o estado apoia os pobres, o que se traduz numa salvaguarda para eles. Os indivíduos ficam dependentes

dos subsídios e são passivos para alterar este estado. “Com este termo, Murray refere-se às pessoas pobres que dependem das provisões da segurança social em vez de entrarem no mercado de trabalho. (...) Em vez de se orientarem para o futuro e lutarem por uma vida melhor, os dependentes da segurança social contentam-se em aceitar as ajudas” (Giddens, 2004:319).

Explicação a partir da situação social

- A quebra de rendimentos conduz à pobreza. E a pobreza é algo que decorre das dinâmicas sociais dos indivíduos. Os empregos que existem não são os suficientes para os indivíduos que os querem ocupar. Deste modo, é a própria sociedade que gera a pobreza.

Explicação estruturalista

- *Perspectiva funcionalista:* a pobreza faz parte integrante do funcionamento da sociedade e assegura a mão-de-obra para os cargos menos prestigiados da sociedade. Complementando a ideia pode-se dizer que os pobres reequilibram os ordenados, financiam os empregos daqueles que não são pobres, garantindo-lhes o estatuto social. A pobreza beneficia a riqueza.
- *Perspectiva marxista:* existe uma macroeconomia. São os baixos rendimentos salariais que produzem pobres, dado que existe uma concentração política da riqueza. Existe uma minoria, mas essa minoria detém todo o poder económico e prestígio social. Embora a maioria, pobre, possa querer revoltar-se, não o consegue pois é oprimida pelos mais poderosos. Deste modo, a maioria só irá receber salários reduzidos. De acordo com esta óptica, é a concentração económica feita pelos *ricos* que produz e reproduz a pobreza.
- *Perspectiva weberiana:* a posição que os diferentes indivíduos possuem no mercado explica a existência de pobreza. Se os indivíduos não possuem um bom posicionamento no mercado, conseqüentemente, vão auferir salários reduzidos e passam a uma situação de pobreza. E, assim, não possuem condições para encontrar uma melhor posição no mercado que lhes permita auferir melhores rendimentos. Se

não existem empregos, há fortes probabilidades de esses indivíduos vivenciarem verdadeiros momentos de crise.

Definindo as categorias sociais mais desfavorecidas, consideramos que efectivamente estas assumem uma particular vulnerabilidade face a situação de pobreza, uma vez que, ocupam “lugares inferiores no espaço das posições sociais e que tornam difícil o acesso a uma parte significativa dos indivíduos que as compõem à condição de cidadania plena e à integração no mercado de trabalho” (Cies/Ceso E&D cit. por Rodrigues, 1999:71). A título ilustrativo de grupos sociais que integram estas categorias, podemos mencionar os idosos, assalariados com baixas remunerações, trabalhadores precários, mulheres, deficientes, minorias étnicas, desempregados, indivíduos com baixa escolaridade à procura do primeiro emprego. Tudo isto, permite-nos constatar que a pobreza é definitivamente um fenómeno multidimensional, sendo fundamental que a análise desta temática incorpore diferentes dimensões (demográfica, económica, social, cultural, familiar) todas estas dimensões configuram as categorias sociais identificadas como mais vulneráveis à pobreza e exclusão social.

Segundo Capucha, [et al.] (1992) é possível identificar algumas categorias sociais que de certa forma estão mais sujeitas à vulnerabilidade e que conhecem portanto algumas situações de pobreza. Neste sentido, os idosos na sua grande generalidade, são uma dessas categorias vulneráveis, incorporam esta categoria social, porque os valores que estes ganham com as suas pensões de reforma ou de sobrevivência, são baixos o que conduz a uma situação de vulnerabilidade. Não menos importante é compreender que estes sujeitos, na sua maioria não possuem outra(s) fontes de rendimento alternativas às pensões, significando uma situação prolongada de pobreza. Por outro lado, este grupo social necessita de um conjunto de bens e serviços que supram as suas necessidades específicas, reportamo-nos por exemplo à assistência médica, ao apoio domiciliário ou à necessidade de medicamentos, assumindo, todas estas necessidades específicas um peso relevante nos orçamentos (reduzidos) das famílias.

Outra categoria social vulnerável são os assalariados de baixo nível de remunerações. Estes, geralmente, não vivenciam situações de carência e de exclusão tão óbvias como acontece noutras categorias. Segundo Capucha [et.al] (1992) “não se trata de população assistida, uma vez que tem inserção formal no mercado de trabalho. No entanto, entre outros factores, a exiguidade dos salários (...) leva a dizer que também aí se verifica vulnerabilidade

à pobreza (...) trata-se de uma categoria social caracterizada por uma estrutura etária jovem e fortemente feminizada” (Capucha [et.al] 1992:71)

Os trabalhadores precários e da economia informal são igualmente categorias vulneráveis à situação de pobreza, todavia a vulnerabilidade à pobreza não afecta igualmente todas as pessoas nestas circunstâncias, mas particularmente aquelas a quem este tipo de vínculo com o mercado de trabalho se associa à posse de fracas qualificações e à obtenção de baixos salários.

As minorias étnicas são uma categoria onde a vulnerabilidade à pobreza é maior, inclui africanos provenientes das ex-colónias portuguesas, ciganos e parte de um pequeno grupo de timorenses. Trata-se de uma categoria que contrasta com todas as outras no que diz respeito à dimensão.

Os desempregados são uma categoria social cada vez maior; o que coloca vários indivíduos em situação de vulnerabilidade, quer os sujeitos que se encontram no desemprego quer as respectivas famílias. Entre os desempregados existe ainda um subconjunto que vivencia situações particulares; referimo-nos aos desempregados de longa duração que por via do perpetuar da sua situação de desemprego deixam de usufruir o subsídio de desemprego. A perda desta fonte de rendimento, ainda que ela mesma seja exígua traduz-se numa vulnerabilidade acrescida para este contingente populacional.

Perante estas categorias vulneráveis à pobreza e exclusão social, tornam-se emergente, segundo Capucha (Costa, 1998), prioridades nas políticas de combate à pobreza e à exclusão social capazes de suprir as necessidades dos indivíduos em situação de pobreza, de carências a nível económico, cultural e profissional. Destacamos então “primazia à criação de emprego; reforço dos sistemas de educação e qualificação e facilitação da mobilidade das pessoas; reforma do sistema de protecção social e das restantes políticas sociais: desenvolvimento de medidas específicas de combate à pobreza e à exclusão social, criando focagens particulares nos grupos mais desfavorecidos” (Capucha in Costa, 1998:235).

No que respeita à primeira política, criação de emprego, Capucha (Costa, 1998) refere a alternância entre trabalho e formação fomentando a formação contínua com o surgimento de estágios para os desempregados nos lugares dos trabalhadores em formação. Em segundo lugar temos o reforço dos sistemas de educação, isto é, poderia haver uma tentativa de voltar o ensino para a educação para certos valores, tais como a solidariedade, o respeito pelos direitos humanos, entre outros, com vista a promover a valorização das diferentes especificidades culturais o que poderá fomentar posteriormente a igualdade de oportunidades. Contudo, falta ainda a Portugal uma articulação entre a formação do indivíduo e o mercado de

trabalho. Ainda nesta segunda prioridade e seguindo o raciocínio de Capucha (Costa, 1998) torna-se indispensável a criação de um método de apoio para os grupos mais desfavorecidos que carecem de formação especial diminuindo assim os obstáculos e reduzindo o preconceito e estigmatização, com o objectivo de termos uma sociedade mais igualitária.

A terceira área que Capucha (Costa, 1998) aponta como prioridade diz respeito a uma mudança que o sistema de protecção social deveria sofrer. Neste sentido o autor aponta algumas ideias essenciais, no seu ponto de vista, para o combate à pobreza social, por exemplo relativamente ao financiamento do sistema, isto é, “(...) A melhor distribuição dos meios, afectando a maior fatia dos recursos públicos, a quem mais necessita (...)” (Capucha in Costa, 1998: 237). A organização do sistema é algo que inquieta também o autor, dado que “afirma a necessidade de o Estado assumir um duplo papel de garante dos direitos fundamentais a prestações mínimas e componente da oferta de serviços de protecção e assistência além desses limiares mínimos” (Idem, Ibidem:237). Deverá ser estimulada a abertura do sistema a outros parceiros sociais como autarquias e organizações não-governamentais, não só no plano de aplicação, mas também na execução e avaliação das políticas. Por fim, e seguindo o raciocínio do autor, Capucha (Costa 1998) a quarta área de prioridade consiste na necessidade de desenvolver medidas específicas de combate à pobreza e à exclusão social. Segundo o autor, esta questão poderia resolver-se com a criação de observatórios da pobreza e da exclusão social, bem como um acompanhamento da evolução do fenómeno; seria vantajoso não só estudar os custos das políticas sociais, mas também o custo da ausência delas ou da sua ineficiência, isto é, “é necessário saber não apenas quanto custa a integração social, mas também quanto custa a exclusão” (Idem, Ibidem:238)

A pobreza, para além de ser um fenómeno social, é também um fenómeno cultural e possui uma dimensão simbólica da natureza da pobreza – é uma dimensão desigual. Nada acontece para tornar a sociedade igualitária – os indivíduos vivem a pobreza como um destino, um objectivo, uma direcção, e nada fazem para a alterar.

1.1.1. O conceito de pobreza entendido como problema social e/ou problema sociológico

Enquanto ciência social, a sociologia debruça-se sobre determinadas questões que muitas vezes são pensadas como problemas sociais. Entenda-se o problema social como um

impedimento que “atinge um grupo ou uma categoria de pessoas, e suscita interrogações num círculo alargado, para além do individual” (Santos, 1999:7).

A pobreza é tida como um problema social, na medida em que é vivida por um grupo de pessoas. É algo extensível e é alvo de um pensamento colectivo. A sociedade envolvente considera esta realidade social como um desvio às normas socialmente impostas.

Torna-se essencial, ao cientista social, realizar uma ruptura com o seu campo ideológico e valorativo, em torno deste tema, para obter a distância suficiente do seu objecto de estudo. Só assim, com este distanciamento é que é possível transformar o problema social num problema científico. Desta forma, ordena-se ao cientista social um esforço acrescido de reflexividade.

Ao transportar a pobreza para o campo de estudo da sociologia, o problema social passa a ser considerado como a construção social da realidade.

Todos estes procedimentos permitem compreender que a formulação de um problema científico obedece a “regras estritas (as regras do jogo intelectual entre profissionais de uma disciplina): a procura regrada a objectividade e da verdade” (Idem Ibidem:15).

Neste sentido, o problema científico procura as características comuns entre o “conjunto dos problemas sociológicos, das problemáticas que os articulam, das teorias que se disputam” (Idem Ibidem:15)

A definição de um problema sociológico é fruto de um processo complexo, onde se conjugam múltiplos conhecimentos teóricos e técnicos. Sendo que os discursos científicos reconhecem que “nenhum problema existe por si só, mas ao invés surge, ganha precisão, transforma-se, em relação estreita com um certo número de outros problemas, já existentes” (Idem Ibidem:13)

1.2. O conceito de exclusão social

A sociedade desde sempre conheceu fenómenos de exclusão. Pode-se dizer claramente que não existem sociedades que não produzam formas de exclusão. Fernandes (1985) considera que “há um multiplicador social de insucessos, que conduz à exclusão social. Esta abrange não só as relações sociais, como as representações que lhes são próprias. (...) Se as formas de exclusão são universais, em causa apenas podem estar as modalidades em que ela se manifesta e o grau de consciencialização de que se reveste.” (Fernandes, 1985:15).

A exclusão é multidimensional, manifesta-se de várias maneiras e atinge as sociedades de diferentes formas, sendo que os países pobres são afectados com maior profundidade. Os principais aspectos em que a exclusão se apresenta dizem respeito à falta de acesso ao emprego, a bens e serviços e também à falta de segurança, justiça e cidadania.

Considera-se que a exclusão social é entendida como uma situação de falta de acesso às oportunidades oferecidas pela sociedade aos seus membros; desse modo, exclusão pode implicar privação, falta de recursos, ou de uma forma mais abrangente, ausência de cidadania, se por esta se entender a participação plena na sociedade, aos diferentes níveis em que esta se organiza e se exprime: ambiental, cultural, económico político e social.

Giddens (2004) define exclusão social como “formas pelas quais os indivíduos podem ser afastados do pleno envolvimento na sociedade. (...) É também uma questão diferente da de pobreza em si. Foca a atenção num conjunto mais amplo de factores que impedem que os indivíduos ou os grupos tenham oportunidades que estão abertas à maioria da população” (Giddens, 2004:325). “São excluídos os que não participam dos valores e das representações sociais dominantes, com envolvimento, para além das riquezas materiais, do mundo dos valores e do domínio do espírito, isto é, do universo simbólico.” (Fernandes, 1995:16)

Além disto, pode-se também dizer que a exclusão também se manifesta sob a forma de etnicização. “O mundo da exclusão social parece ser, na actualidade, o espaço propício ao aparecimento dos fenómenos de discriminação e de segregação, desenvolvendo-se em relação a eles, fácil e espontaneamente, a xenofobia e as diversas modalidades de racismo. (...) As sociedades contemporâneas são decididamente espaços onde se afirma a exclusão. Tendem a ser excluídos determinados grupos sociais, através de um processo de etnicização.” (Idem, Ibidem:16).

Segundo Fernandes (1995) são os mundos de discriminação e de segregação que são considerados os espaços de exclusão social. As zonas de marginalidade são constituídas nos centros e nas periferias das cidades, onde se concentram algumas “classes perigosas”. Estas áreas são compostas por populações carecidas de capital escolar e económico, e postas fora da sociedade.

No entanto, nem todas as formas de exclusão são claramente visíveis. Deste modo, é difícil delimitar as fronteiras da exclusão, devido à sua variedade e à extensão dos seus horizontes. Tende então a ser excluído “todo aquele que é rejeitado de um certo universo simbólico de representações, de um concreto mundo de trocas e de transacções sociais e de espaços apropriados com a marca de distinção de classe.” (Idem, Ibidem:17)

Para além das situações em que os indivíduos são excluídos através de decisões que se situam fora do seu controlo, também existem processos de uma auto-exclusão de certos aspectos centrais da sociedade. Assim, a exclusão não é somente produto das atitudes de uns indivíduos face a outros. Podemos apontar como exemplo a desistência dos estudos, a recusa de uma oportunidade de emprego ou a decisão de abstenção nas eleições políticas.

1.2.1. Tipos de exclusão social

Sendo a exclusão social um fenómeno evidente na sociedade contemporânea, os *media* não se cansam de nos fazer chegar uma panóplia de informações relativas a ela. No entanto, continua a haver um certo desconhecimento acerca dos vários tipos de exclusão; assim, sabemos que ela existe, mas desconhecemos as várias formas que pode assumir, bem como não temos consciência de que a podemos praticar quotidianamente nas situações mais comuns e banais.

Este fenómeno é bastante complexo e heterogéneo, uma vez que está intrinsecamente ligado à sociedade e a todos os movimentos que nela ocorrem.

Alfredo Bruto da Costa (2007), no seu livro *Exclusões Sociais*, defende a existência de cinco tipos de exclusão social. São eles:

Económico: trata-se da pobreza definida como uma situação de privação múltipla, por ausência de recursos e caracterizada, fundamentalmente, por más condições de vida, baixos níveis de instrução e qualificação profissional, desemprego ou emprego precário (com baixas remunerações e más condições de trabalho). A sua duração prolongada gera características próprias, psicológicas, culturais e comportamentais. No seu extremo, esta forma de exclusão social pode conduzir à situação dos Sem-Abrigo.

Social: a causa imediata reside na ruptura de laços sociais, gerando-se uma situação de privação de tipo relacional, caracterizada por isolamento e, por vezes, associada à falta de autonomia pessoal. Pode resultar da falta de recursos (rendimento), do estilo de vida familiar ou da deficiente provisão de serviços públicos. É o caso dos idosos que vivem na solidão, dos deficientes sem apoio ou dos doentes crónicos ou acamados, carentes de cuidados.

Cultural: deve-se a fenómenos de ordem cultural, como a discriminação racial ou de género. É o caso da situação de exclusão de algumas minorias étnico-culturais. Também podem ser de natureza cultural os motivos que levam a sociedade a dificultar a integração social de alguns grupos sociais, como por exemplo, os ex-reclusos.

Patológico: trata-se de situações de ruptura familiar, motivadas por factores de natureza psicológica ou mental, como os comportamentos violentos. O grande exemplo aqui é as rupturas familiares que levam a problemas deste tipo. É o caso de doentes do foro psiquiátrico não internados e que não são aceites pelas famílias.

Comportamentos auto-destrutivos: este tipo de exclusão tem como causas imediatas, comportamentos relacionados com a toxicod dependência, o alcoolismo e a prostituição.

Estes tipos de exclusão social aparecem, na prática, muitas vezes sobrepostos; analisando-os profundamente é possível verificar que uma forma de exclusão pode ser resultado de outra.

Do mesmo modo que definimos exclusão social é necessário ter subentendido uma ideia do que significa o seu oposto, “correctamente designado por «inclusão social», «integração social» ou «inserção social» ” (Costa, 2007:14). “Quer isto dizer que existe um *continuum* de inclusão-exclusão. É praticamente impossível definir o grau preciso de exclusão ou inclusão que uma dada situação representa.” (Costa [et al.], 2008:7). Contudo, o que parece importar é que ao longo deste processo de exclusão e inclusão, deva ser estabelecido um limiar a partir do qual o indivíduo possa ser considerado excluído.

1.3. O conceito, caracterização e condição de Sem-Abrigo

Embora pareça muito fácil caracterizar esta população, com a qual todos nós nos podemos cruzar nas ruas, na realidade, é bastante difícil fazê-lo com precisão, isto porque nem todos os indivíduos Sem-Abrigo são facilmente identificáveis como tal. “Assim é considerado Sem-Abrigo, todo o indivíduo que não tem um espaço e laços com a comunidade onde vive (...) Definiu-se, então, Sem-Abrigo como todo o indivíduo que vive efectivamente na rua, sem ter condições de, sem recorrer a um apoio social, pagar um alojamento.” (Alves, in Carmo, 1996:29)

Alguns estudos associam, frequentemente, os nómadas aos Sem-Abrigo, na medida em que se trata de pessoas sem domicílio fixo. Assim, e neste caso, optamos por um conceito mais abrangente de Sem-Abrigo para designar “a situação daqueles indivíduos que não possuem meios de subsistência, nem domicílio certo e pernoitam ao relento ou recorrem a alternativas próprias (escadas, casas velhas abandonadas, camaratas, albergues, etc.) e que estão a viver num processo de ruptura (ou romperam já) com os principais «espaços de referência social» – família, trabalho e comunidade”. (Pimenta, 1992:24-25)

Os Sem-Abrigo, no fundo, são um grupo extremamente heterogéneo, ou seja, um grupo de pessoas com características muito diferentes a nível de percurso que as antecedem, das condições em que vivem, do tipo de carências que sentem, entre outras. Os estudos nesta área permitiram chegar à conclusão de que a condição dos Sem-Abrigo varia no tempo, podendo esta ser permanente ou provisória. Quer isto dizer que, certas pessoas vivem na rua há muito tempo e por lá continuarão (período de longa duração), enquanto outras apenas vivem esta situação esporadicamente (períodos de curta duração e de rápida reconfiguração).

O carácter heterogéneo desta população exprime-se, também, ao nível das opções de pernoita que cada um toma. As opções de pernoita dos indivíduos sem domicílio fixo variam entre pensões e camaratas subsidiadas por instituições de solidariedade social, albergues a funcionarem sobre a protecção dessas mesmas instituições ou autarquias, espaços residenciais ou não residenciais, abandonados e sem as mínimas condições de habitação e de higiene, veículos abandonados e, até mesmo, a pernoita ao relento, ou seja, em passeios públicos, arcadas de prédios, debaixo de pontes e viadutos, etc.

1.3.1. Porquê Sem-Abrigo?

Segundo no diz Alves in Carmo (1996) para se principiar um estudo desta população, temos que ter em consideração diversas situações de marginalização social, ao nível de emprego/desemprego, habitação, saúde, protecção social, entre outros. Pensa-se que estas serão, talvez as situações padrão mais adequadas para se proceder à explicação do processo de marginalização do indivíduo Sem-Abrigo.

Ainda seguindo o raciocínio de Alves in Carmo (1996) verifica-se que ao nível de habitação há por toda a parte e, principalmente, nas grandes cidades, uma grande falta de alojamentos a custos acessíveis e de habitação social destinada aos indivíduos e até às famílias com escassos recursos económicos.

Uma vez que a habitação é um bem fundamental onde se aplica uma boa parte dos orçamentos familiares, “as alterações nas condições de acesso à habitação podem ter efeitos significativos sobre os indivíduos e as famílias, pelo que se justifica a intervenção do Estado, ao nível da política de financiamento, do custo e disponibilidades do crédito.” (Alves in Carmo, 1996:53)

O alojamento é um factor, uma variável que, combinado com outros factores nomeadamente a educação, a saúde etc, quase sempre desencadeia o processo de marginalização social.

Portanto, se tivermos em conta o passado de cada um destes indivíduos, as suas trajetórias de vida bem como as razões que de certa forma os impulsionaram a esta condição de Sem-Abrigo, talvez consigamos ter uma noção mais precisa, mais concreta, mais palpável desta realidade. Neste sentido, importa perceber se no período da chamada “socialização primária” estes indivíduos cresceram em contextos desfavorecidos, onde as carências eram várias, tanto a nível económico, social e cultural. Trata-se, assim, de uma situação complexa que deverá ser analisada como uma das etapas do processo de exclusão social.

A habitação não é a única determinante que influencia a problemática dos Sem-Abrigo, mas também “a precariedade do estatuto económico que caracteriza a situação dos activos desempregados resulta de uma inserção no mercado de trabalho, cujas consequências são a insegurança constante, o baixo nível de rendimentos e a ausência de cobertura social.” (Alves in Carmo, 1996:54)

A uma grande maioria destes indivíduos, cabe-lhes apenas acesso a profissões mais desqualificadas e com menos prestígio, por isso menos remuneradas. Tomamos como exemplo os trabalhos na construção civil e a hotelaria, a que têm acesso, vulgarmente de uma forma ilegal, isto é, sem qualquer vínculo contratual com a respectiva empresa. Portanto, é característica desta população os vínculos laborais incertos, não usufruindo de nenhum ou quase nenhum direito, tal como nos avança Alves in Carmo (1996).

A questão da saúde prende-se com os restantes factores já mencionados, tais como condições habitacionais, o meio ambiente, condições laborais e, os hábitos alimentares de vida.

Em suma, existem muitos mecanismos geradores e reprodutores deste fenómeno que demonstram que este tenderá a agravar-se; exemplo disso são os seguintes indicadores:

- A generalização da precariedade de emprego e o reforço do sector subterrâneo da economia;
- O baixo nível médio dos salários, em particular do salário mínimo;
- A escassez de oportunidade de acesso/interacção dos jovens no mercado de trabalho;
- A modificação das estruturas familiares com enfraquecimento das solidariedades;
- As psicoses;
- O agravamento do fenómeno da toxicodependência;
- O alcoolismo;
- A persistência de elevadas taxas de desemprego de longa duração, principalmente os trabalhadores menos qualificados e mais idosos;

- As deficientes políticas de saúde, de educação, de habitação e de segurança social.
- Os debates sobre o problema dos Sem-Abrigo, acabam muitas vezes por desviar-se para debates sobre a mendicidade, apesar de nem todas as pessoas que pedem esmola se encontrarem em situação de sem-abrigo ou vice-versa.

Deste modo podemos constatar que, o que mais contribuiu para o agravamento deste fenómeno foram as mudanças sócio-políticas no país, designadamente a alteração das formas da pobreza, o aumento da precariedade do trabalho e do desemprego de longa duração, o aumento do consumo de álcool e de substâncias ilícitas, as dificuldades de acesso à habitação, o aumento do número de famílias monoparentais e o encerramento de hospitais psiquiátricos.

Para melhor explicar este fenómeno, e de acordo com a literatura acerca dos Sem-Abrigo, verificamos que a leitura tem apontado para factores causais de ordem estrutural e individual. Para uns a condição Sem-Abrigo é resultante da condição primária de pobreza. Neste sentido, e segundo Shinn, (1992), in Bento e Barreto (2002) não existem Sem-Abrigo, mas sim pessoas muito pobres que, a dada altura, perdem o seu alojamento por várias razões relacionadas com a sua pobreza. As taxas de pobreza, de salários, de apoios sociais, de acesso ao mercado habitacional e de emprego, e outras, resultam nesta perspectiva de factores primários para o aumento ou diminuição de pessoas Sem-Abrigo.

Por outro lado, como afirma Rossi (1989) in Bento e Barreto (2002) embora os factores estruturais gerais possam ajudar a explicar quantas pessoas em determinado momento estão Sem-Abrigo, o estudo das características pessoais pode ajudar a explicar quem pode chegar a essa situação. Os estudos a nível individual dos Sem-Abrigo têm destacado a existência de alguns factores, os quais podem ser agrupados, seguindo Piliavin (1993) in Bento e Barreto (2002) em quatro categorias: perturbações psiquiátricas, défices educacionais e profissionais, desafiliação e identificação cultural.

Segundo Lee, (1992) in Bento e Barreto (2002) as causas estruturais (políticas, económicas, habitacionais) enfatizam as forças externas aos Sem-Abrigo, que têm pouco controlo sobre elas. As causas individuais, tais como doenças mentais, abuso e dependência de substâncias, défices no talento ou motivação, pelo contrário, responsabiliza-os directamente. Segundo Bento e Marmeleiro (1989) in Bento e Barreto (2002) os psiquiatras e os psicólogos, fazendo sobressair as doenças mentais, o alcoolismo e a toxicodependência podem agravar os estereótipos e estigmas associados ao “vadio”, ao “drogado” ou ao “louco”.

Os estereótipos “alcoólicos” ou “drogados”, por exemplo, evita que o público sinta o desconforto da confrontação com as pessoas que são nomeadas Sem-Abrigo. São

simplificações que tendem a exagerar certas características dos Sem-Abrigo, escamoteando a grande variedade desta população. Estigmatiza-os e agrava-lhes a sua condição (Breakey, 1992 in Bento e Barreto, 2002).

O estigma, tal como é caracterizado por Goffman (1963) in Bento e Barreto, (2002), é um atributo social que desacredita profundamente uma pessoa, estilhaçando a sua identidade e impedindo-a de ser socialmente aceite. Assim “o estigma compreende percepções negativas extremas e rejeição social do indivíduo marcado” (Phelan, 1997 in Bento e Barreto, 2002:59). Na condição de sem-abrigo, tudo o que é fundamental para um ser humano pode estar profundamente alterado: casa, família, relações interpessoais, espaço, tempo, identidade, trabalho, integração social, liberdade, saúde.

Muitas das vezes, os Sem-Abrigo, encontram-se alojados em centros de acolhimento, quando o seu principal problema se exprime em graves questões de saúde ou num difícil acesso ao mundo de trabalho. Há ainda outros que através dos seus comportamentos, provocam distúrbios nos espaços públicos que eles próprios usufruem (como a mendicidade agressiva), contribuindo para a degradação da qualidade de vida na cidade e para o aumento da insegurança de todos os outros que lá vivem.

Desta forma, a resposta à questão da habitação deverá ser encaixada num quadro de medidas mais vasto, de modo a poder-se responder, mais facilmente, a situações de emergência como a saúde e o emprego. Todavia, para a administração local e regional e para os gestores dos espaços públicos (como sejam os centros comerciais, os jardins públicos, etc) encarar o problema dos Sem-Abrigo traduz-se numa preocupação diária em fornecer alojamento e gerir as zonas que estão sob a sua alçada.

1.3.2. Estratégias de sobrevivência

A maior parte dos indivíduos em condições de exclusão extrema (Sem-Abrigo), consegue arranjar algum dinheiro, através dos chamados pequenos “trabalhos informais”, no entanto, admite ainda poder ganhar algum dinheiro com a prática da mendicidade.

Os tipos de trabalhos exercidos mais frequentemente por estes são as cargas e descargas, a recolha de cartão, a arrumação de automóveis, a serventia na construção, os recados e a prática da prostituição. Estes trabalhos ocasionais e mal pagos, não chegam sequer a assegurar a subsistência dos Sem-Abrigo que continuam a viver na rua e alimentarem-se em locais onde lhes é cedido o apoio por diversas instituições de solidariedade social,

nomeadamente o apoio prestado pela LBV. Nestas condições, não surpreende que algumas pessoas acabem por adoptar condutas desviantes e enveredar pela delinquência e pela mendicidade. Estes são os que se encontram em condições de maior degradação e desumanização.

Segundo Alves in Carmo (1996) é frequente encontrar os Sem-Abrigo com tudo o que possuem, o mais próximo que podem de si. A maior parte destes indivíduos dorme com os sacos ao lado ou por baixo da cabeça, não os deixando nunca sozinhos, pois estes sacos contêm tudo aquilo que lhes pertence. Como nos dias de hoje se torna complicado deixarem os seus pertences nos locais onde pernoitam, é usual transportarem tudo consigo, de um lado para o outro. É frequente vermos estes indivíduos a dormir com os sapatos calçados, o que se pode explicar pelo facto dos sapatos serem um dos objectos mais roubados entre os Sem-Abrigo.

Em relação à escolha do sítio para dormir, e seguindo o mesmo raciocínio da autora Alves in Carmo (1996) verifica-se uma maior primazia e aglomeração nos locais próximos das esquadras da PSP, pois é uma forma de estarem mais protegidos de possíveis ataques ou assaltos, nas entradas dos prédios, debaixo de varandas, em passeios. Outros optam, em contrapartida, dormir nas ruas menos visitadas, em jardins, ou nos prédios abandonados, sendo de salientar que estas zonas constituem um maior perigo. Outro local também eleito pelos Sem-Abrigo para passar a noite, principalmente para os mais idosos, uma vez que estes têm maior dificuldade em defender-se, são os bancos da urgência dos hospitais, ou então à entrada das urgências. Baseando-se num estudo americano, a autora Alves in Carmo (1996) avança ainda com a ideia de que existe uma estratégia de defesa por parte das mulheres Sem-Abrigo segundo um estudo americano, é a falta de higiene propositada, para afastar eventuais agressões sexuais. Todas estas formas de defesa corporal e dos pertences consistem numa tentativa constante de sobrevivência num meio austero, que é a vida na rua.

2. Sem-Abrigo: Trajectórias do *Self*. Trajectórias Sociais e Construção identitária

A necessidade de nos debruçarmos sobre as questões relativas à construção da identidade dos Sem-Abrigo prende-se com uma panóplia de questões. Procuramos então compreender de que modo os sujeitos edificam a sua identidade, como se vêem a eles mesmos, quais os valores e normas que pautam as suas condutas, quais as instituições e/ou indivíduos que servem como âncora na construção do “eu” que a sociedade vê na vida de todos os dias. Não é do nosso interesse abordar estas questões de um modo geral; importa-nos sim focar a construção da identidade dos Sem-Abrigo.

Sabemos que a sociedade Ocidental, encerra em si mesmo, um conjunto vasto de grupos sociais, havendo em cada grupo particularidades que os distingue uns dos outros. Neste sentido, entendendo os Sem-Abrigo como um grupo social, importa-nos perceber quais são as particularidades do mesmo que influenciam a construção da identidade dos seus membros.

O senso comum diz-nos que, um indivíduo que não têm habitação, geralmente, não tem qualquer tipo de relação com a família ou a mesma é inexistente, não possui qualquer tipo de rendimento financeiro, em alguns casos são dependentes químicos (álcool ou drogas), mendiga e é considerado como um Sem-Abrigo/mendigo. É também do conhecimento geral que este fenómeno é cada vez mais visível nas sociedades contemporâneas, principalmente nos grandes centros urbanos. As características que mencionamos para ilustrar a condição de Sem-Abrigo acabam por ser bastante generalistas e estereotipadas, o que culmina numa atitude excludente face a este grupo social. Por seu turno, os Sem-Abrigo, enquanto grupo social têm consciência de que são socialmente desenquadrados, acabando eles mesmos por desenvolver um conjunto de atitudes e comportamentos que fomentam a exclusão social que vivenciam, por via da sua condição de Sem-Abrigo.

Tudo isto permite-nos verificar que, “o mundo social, para mais, não deve ser entendido como uma multiplicidade de situações em que um “ego” encara um “alter”, mas um mundo no qual cada pessoa está igualmente envolvida no processo activo de organizar uma interacção social previsível” (Giddens, 1994:46). Com isto pretendemos afirmar que todos os indivíduos desempenham o seu papel no tecido social, havendo interacções que por via de um conjunto de normas e valores que nos foram incutidos socialmente, tornam as nossas acções previsíveis.

Na realidade, o ser humano constrói-se a si mesmo enquanto sujeito, através de um constante processo de (re)aprendizagem, e de (re)socialização. Em criança, aprendemos junto

da família e da escola, uma vasta gama de saberes práticos que nos permitem ler e interpretar o mundo que nos rodeia; é através da aprendizagem desses saberes que o ser humano começa a sua vida social e aprende a viver em comunidade. Mais tarde os principais agentes de socialização passam a ser os amigos/grupo de pares e os *media*, o que pode mudar um pouco a intencionalidade do processo de (re)socialização, embora não lhe retire a sua função de aprendizagem. É através deste processo constante que os indivíduos aprendem a comportar-se em diferentes quadros de interacção social. De facto, o processo de (re)socialização é permanente e acompanha-nos desde o dia em que nascemos até ao momento em que morremos. No entanto, este processo é imperceptível pois, na maioria das vezes, os indivíduos não conseguem compreender que desempenham um determinado papel social, ou desenvolvem determinada acção porque em algum momento aprenderam que esse seria o comportamento esperado.

O mesmo acontece com o grupo social que procuramos compreender melhor - os Sem-Abrigo estão conscientes que não são bem-vindos socialmente, o que faz com que desenvolvam sentimentos e comportamentos que indiciam a consciência do seu *status social*. Com base neste pressuposto os indivíduos constroem a sua auto-identidade; esta “(...) não é algo que é apenas dado, como resultado das continuidades do sistema de acção do indivíduo, mas algo que tem de ser rotineiramente criado e sustentado nas actividades reflexivas do indivíduo” (Giddens, 1994:46).

Por outro lado, a auto-identidade assume-se como “o self tal como reflexivamente compreendido pela pessoa em termos da sua biografia” (Idem, Ibidem:47), o que implica que este processo se desenvolva temporal e espacialmente, permitindo que os indivíduos consigam interpretar reflexivamente os acontecimentos quotidianos que preenchem a sua vida e assim construir uma imagem de si mesmo. Deste modo, “ser uma “pessoa” não é apenas ser um actor reflexivo, mas sim ter um conceito de pessoa (tal como aplicado tanto ao self como aos outros). O que se quer dizer com “pessoa” certamente varia com as culturas, embora haja elementos da noção que são comuns a todas as culturas” (Idem Ibidem:47), com isto verificamos que a construção da auto-identidade processa-se inevitavelmente na relação com os demais sujeitos que compõem a sociedade. Há assim, uma constante troca, entre sociedade (mundo exterior) e o indivíduo (*self*), isto é, o indivíduo enquanto ser individual introduz algo novo na sociedade e esta influencia a construção da identidade do indivíduo enquanto ser individual. Na realidade, o ambiente externo traz mudanças constantes que acarretam riscos e consequências para os sujeitos que a compõem. Torna-se então fácil compreender que a construção de uma auto-identidade estável “ (...) pressupõe os outros elementos da segurança

ontológica – uma aceitação da realidade das coisas e dos outros (...) ” (Giddens, 1994:48). Esta aceitação nem sempre acontece em pleno dado que muitas das vezes o ser humano depara-se com um sentimento muito próprio relativo ao julgamento que os outros fazem sobre a sua conduta, o que acaba por condicionar as suas acções quotidianas, ao mesmo tempo que influencia a imagem que os sujeitos constroem deles próprios. Muitas vezes, estes sentimentos conduzem ao aflorar de outros sentimentos, como culpa ou vergonha o que acaba por significar um “ (...) medo pela transgressão, quando os pensamentos ou actividades do indivíduo não coincidem com expectativas de um tipo normativo” (Idem Ibidem:57). Este sentimento quando experimentado, de um modo inconsciente afecta em muito a auto-identidade dos sujeitos condicionando o seu comportamento. O ser humano ao deparar-se com todo este tipo de sentimentos acaba por fazer com que os indivíduos se sintam “estranhos num mundo em que pensávamos estar em casa” (Lynd, 1958 cit. por Giddens, 1994:59).

A Europa medieval, por exemplo, pautava-se por uma rigidez relativa no que respeita a questões fundamentais para a construção da auto-identidade, reportamo-nos a atributos como o *status* social, o género, a origem social, etc (Baumeister, 1986 in Giddens, 1994:67). A procura incessante pela auto-identidade reflecte, claramente, o individualismo presente nas sociedades contemporâneas. Essa busca pela unicidade de cada indivíduo, onde o seu potencial é exponencial no sentido de conferir um carácter único a cada saber individual e pessoal perfila uma postura típica de cultura pós-moderna.

Neste sentido podemos afirmar que “o self é visto como um projecto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável (...) nós somos não o que somos mas o que fazemos de nós” (Giddens, 1994:67). Tal afirmação permite-nos chegar a um novo foco de análise, que se prende com as escolhas que os sujeitos se vêem obrigados a realizar ao longo da sua trajectória de vida, escolhas essas que acabam por causar impacto na construção da identidade dos próprios sujeitos. É precisamente com base nesta construção quotidiana do *self*, tendo por base as escolhas pessoais, que se consegue encontrar a unicidade dos indivíduos. Assim, “ (...) aquilo que o indivíduo se torna depende dos esforços reconstitutivos em que se empenha” (Idem, Ibidem:67).

Esta noção de que a identidade é construída pelas escolhas e percursos do dia-a-dia permite-nos, de certo modo, começar a compreender que algumas das escolhas dos indivíduos que analisamos (Sem-Abrigo), tenham conduzido à sua actual situação e ao mesmo tempo os tenham levado a construir uma imagem de si mesmo baseada nos reflexos negativos dessas suas escolhas.

Reportamo-nos por exemplo ao consumo de substâncias químicas (álcool e/ou drogas), que por via do seu efeito aditivo criam dependências múltiplas, alteram rotinas, criam novos hábitos de vida e acabam por gerar todo um novo ciclo de relacionamentos que os indivíduos não possuíam até ao momento em que começaram a ser dependentes desses aditivos. Importa então compreender todo este processo de integração num novo grupo social e o progressivo desvincular com toda uma realidade social que acompanha estes indivíduos até então. De facto, o consumo de álcool e/ou drogas, é considerado como uma atitude desviante perante os padrões da sociedade actual, o que por si só faz com que os indivíduos dependentes, sejam paulatinamente afastados da sociedade em geral. Por outro lado, esses consumos aditivos implicam perda de capacidades variadas, nomeadamente concentração, estabilidade emocional e familiar e até capacidade de trabalho, entre outras. Ao perderem um conjunto de estruturas basilares, os indivíduos acabam por se desintegrar progressivamente do seu meio social, passando a integrar-se num novo grupo social, onde adquirem um conjunto de hábitos e modos de estar diferentes daqueles que até então norteavam a sua conduta e a sua vida. De facto a construção da identidade baseia-se numa trajectória de vida que inclui passado e futuro, na qual “o indivíduo apropria o seu passado, passando-o pelo crivo do que é antecipado para um futuro (organizado).” (Giddens, 1994:68)

Importa ainda salientar que, temos consciência que nem todos os Sem-Abrigo são dependentes químicos e que por trás de cada um dos indivíduos que se encontra a vivenciar uma situação de Sem-Abrigo se encontra uma história de vida, única e pessoal. Porém, é evidente que o consumo de álcool e drogas se apresenta como uma das principais características deste grupo social (Sem-Abrigo), sendo que esta realidade se assume como um motor para o desencadear de um conjunto de acontecimentos com impactos na (re)construção da identidade dos sujeitos. Neste contexto pode-se considerar que os novos excluídos são “ (...) fruto da crise económica, do desemprego, da droga e das deficientes políticas sociais” (Pimenta, 1992:19). Neste sentido, afigurou-se como um bom exemplo para podermos abordar questões como a vergonha ou o sentimento de culpa que, não raras as vezes se assumem como uma das principais características dos Sem-Abrigo, sendo uma parte bastante significativa da auto-imagem que estes possuem sobre si mesmo e espelhando a imagem que os Sem-Abrigo detêm sobre aquilo que a sociedade em geral pensa sobre a sua condição. Este grupo social facilmente é julgado pela sociedade, sendo, precisamente, a partir dessas atitudes que rotulam, estereotipam e excluem, que os Sem-Abrigo constroem uma imagem de si mesmos e uma identidade muito pessoal. Como já dissemos anteriormente, os Sem-Abrigo são um grupo social bastante heterogéneo, com características diversas.

Não menos importante na definição da identidade dos Sem-Abrigo é a questão relativa à situação de pobreza vivenciada por estes indivíduos. A pobreza assume-se então como um problema social (e sociológico), demonstrando as assimetrias existentes e o modo como estas se reproduzem socialmente, causando marginalizações diversas. Assim a pobreza deve ser entendida como um fenómeno social, uma vez que é uma realidade que integra a sociedade. Não menos importante é a questão do significado que este fenómeno social tem nas diferentes sociedades, na realidade aquilo que se considera pobreza numa sociedade, não o é numa outra sociedade. A pobreza deriva das diferentes condições materiais de existência ou da ausência, no caso, traduzida pela insuficiência de recursos de ordem económica, social ou cultural (Capucha, 1998).

A sociedade actual considera a esfera profissional como um dos principais vectores da vida dos sujeitos. Constatar este facto implica assumir que actualmente a sociedade se pauta por valores de índole produtivista, baseando a integração social dos indivíduos na actividade profissional que estes desempenham. Há assim um claro enfoque social para as questões relacionadas com a segurança material e económica, sendo esse o factor decisivo para o desenvolver de todo um conjunto de relações sociais (Paugam, 1991).

Todo este sistema, desencadeador de pobreza dos dias de hoje permite-nos compreender, que o processo de exclusão social se afigura como multifacetado e afecta essencialmente uma parcela da população que se encontra (por diversos motivos) incapaz de incorporar este ciclo produtivo.

De facto, os processos de exclusão fomentam o perpetuar das desigualdades sociais. O processo de exclusão implica uma perda de poder, sendo que essa perda se pode manifestar de diversos modos, perda de capacidade económica, perdas familiares, perdas de auto-estima, perda de autonomia, perda de saúde, etc. Todas estas perdas acabam por se traduzir numa maior vulnerabilidade, impulsionando o indivíduo a percorrer um caminho (novo), que culminará na sua construção identitária baseada na vergonha e debilidade típicas de todo um conjunto de vivências quotidianas excludentes.

Numa relação íntima com a noção de exclusão social surgem os grupos sociais desfavorecidas, idosos, assalariados com baixas remunerações, trabalhadores precários, mulheres, deficientes, minorias étnicas, desempregados, indivíduos com baixa escolaridade à procura do primeiro emprego, que integram em si os sujeitos que se enquadram nas categorias mais vulneráveis à pobreza e exclusão social. Os indivíduos que integram estas categorias encontram-se numa posição social onde há uma privação de recursos de diversas ordens. Entre outros grupos vulneráveis, podemos afirmar que os Sem-Abrigo se assumem como a

imagem principal da exclusão social. Este grupo social assume o principal estereótipo da exclusão social, sendo, os Sem-Abrigo aqueles que vivem sem residência fixa, ou indivíduos que habitam na rua.

A situação de Sem-Abrigo traduz-se num conjunto de traços característicos: total ruptura familiar, desempregados, possuem pelo menos uma dependência (álcool ou drogas ilegais), são ex-reclusos. Na base desta situação encontram-se razões como problemas financeiros, desalojamento, rupturas familiares, toxicod dependência, alcoolismo, problemas comportamentais. Todas estas circunstâncias do seu trajecto de vida acabam por culminar numa situação de extrema exclusão social, onde os sujeitos não possuem a mínima qualidade de vida.

Importa ainda compreender que quando se fala de exclusão se incluem os “ (...) indivíduos que se encontram cobertos pelas estruturas da segurança social, mas falamos, principalmente, de indivíduos que se encontram para além desta, numa zona em que a cidadania e a utilidade social são realidades inexistentes” (Silva, 1998:39). Com isto, procuramos afirmar que a exclusão social é um processo existente em diversos níveis sociais, sendo vivenciado de diferentes formas consoante as situações que os indivíduos encontram no decorrer da sua trajectória de vida. A exclusão pode ser sentida, como a impossibilidade de aceder a um determinado conjunto de bens e serviços, não implicando necessariamente vivências de situações de pobreza. Pode igualmente significar que um indivíduo destoa, fuge (por alguma razão) dos padrões sociais em vigor acabando por isso mesmo por se ver excluído de um conjunto de actividades e relações e num patamar mais extremo é efectivamente sentido e vivido por todos aqueles que a sociedade tende a querer manter afastados das suas rotinas quotidianas, porque as suas condutas, hábitos e modos de estar não se coadunam com os valores socialmente válidos. Nesta situação encontram-se os Sem-Abrigo, que por via da sua condição, sem local para pernoitar, sem morada fixa, sem acesso aos serviços de apoio do Estado Social, sem trabalho, sem família, podendo ser ainda dependente de aditivos químicos (álcool e drogas) estando associados a toda uma insegurança gerada por ciclos de violência, assaltos e comportamentos desviantes, se afiguram como um grupo socialmente excluído.

De facto, a exclusão social de que são alvo os Sem-Abrigo faz com que este grupo social se feche em si mesmo, sendo uma população de difícil acesso, mesmo para as equipas voluntárias que procuram ajudar estes indivíduos. Neste sentido, os Sem-Abrigo incorporam, por via da sua vida na rua um conjunto de mecanismos de defesa e hábitos que os afasta cada vez mais da restante sociedade, dificultando o acesso de pessoas estranhas ao meio. O medo e

a vergonha social são, conforme já mencionamos anteriormente, uma característica bastante vinculada da identidade social destes sujeitos.

Os Sem-Abrigo, adquirem um estilo de vida, que “pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adopta, não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias mas, porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (Giddens, 1994:73). Assim, o estilo de vida assume-se como uma prática rotinizada “incorporando-se em hábitos de vestir, comer, modos de agir e meios favorecidos para o encontro com os outros” (Idem Ibidem:73). Todos estes modos de estar implicam uma certa unidade que confere segurança nas acções quotidianas dos sujeitos, uma vez que, é através dos estilos de vida que os indivíduos sabem como se comportar, como agir diante de determinados acontecimentos, ao mesmo tempo que permite que as pessoas saibam o que esperar dos outros e o que os outros esperam de nós.

A questão dos estilos de vida implica ainda analisar um novo plano nas questões da identidade, esse novo plano analítico remete-se para as questões do planeamento da vida. Na realidade, “o planeamento de vida é um meio de preparar um curso de acções futuras” (Idem Ibidem:76). Ao planear o decurso de um ciclo de vida significa, principalmente, construir etapas que se procuram atingir de forma a alcançar um conjunto de objectivos que em última instância são sinónimos de auto-realização. Havendo um objectivo a atingir há uma motivação para activar um conjunto de mecanismos que conduzem à satisfação desse objectivo. De facto, “o planeamento de vida pressupõe um modo específico de organizar o tempo, pois a construção reflexiva da auto-identidade depende tanto da preparação do futuro como da interpretação do passado” (Idem, Ibidem:76).

As escolhas, o estilo de vida e o planeamento da vida permitem aos agentes sociais conferirem sentido às suas acções. Importa ainda compreender que as diferentes hipóteses de vida que os grupos sociais encontram no seu percurso de vida, condicionam as escolhas dos estilos de vida, “as possibilidades negadas pela privação económica são diferentes, e vividas de modo diferente – isto é, como possibilidades nalgumas circunstâncias de pobreza, o alcance da tradição talvez se tenha tornado ainda mais desintegrado do que noutras situações” (Idem Ibidem:77).

No caso dos Sem-Abrigo e tendo em linha de conta toda a sua trajectória de vida até ao momento actual, percebemos facilmente que por trás de cada história particular, há um momento comum, em que os indivíduos deixam de ter capacidade (por variados motivos) de planear a sua vida, o que acaba por significar um progressivo abandono de objectivos pessoais. Todo este processo gradual acaba por fazer com que, os Sem-Abrigo percam as suas

ambições e até os seus padrões de referência desmoralizando-os e sustentando-lhes a ideia de não quererem mudar de vida.

Efectivamente, a actualidade não pode ser compreendida “como um remoinho de acontecimentos sem direcção, no qual os únicos agentes ordenadores seriam as leis naturais e os seres humanos” (Giddens, 1994:97). O mundo é assim, um conjunto de acontecimentos que se relacionam de forma a conduzir a vida e a sociedade a um equilíbrio. O mesmo se sucede com as vidas individuais, ou seja, os indivíduos não podem unicamente esperar que o destino escolha os caminhos que estes têm e devem trilhar no decurso da sua trajectória de vida. Com isto, os indivíduos possuem livre arbítrio e capacidade para alterar o decurso dos acontecimentos da sua vida; neste sentido “temos agora tendência para contrapor o destino à abertura dos eventos do futuro” (Idem Ibidem:97). O ser humano tem assim, a capacidade de decidir que rumo(s) seguir durante o seu percurso de vida, é através desta capacidade que o Homem, cria e recria a estrutura social que se assume como o palco de todas as interacções sociais.

Um outro questionamento que fizemos ao abordar as questões da identidade, prende-se com “a análise dos processos de atribuição ou construção social das identidades étnicas” (Fernandes, 1995:43). Considerarmos por exemplo, os Sem-Abrigo como um grupo étnico, prende-se com o facto de considerar estes como um grupo social, com características particulares, sendo por isso, dotados de uma cultura própria e pessoal. Vejamos a este respeito as teorias neo-culturalistas. Estas “interpretam (...) a etnicidade como um sistema cultural usado pelas pessoas no processo de inserção social” (Idem, Ibidem:43-44), ou seja, estas teorias procuram compreender em que medida o sistema cultural de um grupo social influencia o seu processo de inserção na sociedade. A análise das dinâmicas inerentes aos processos relacionais, conferindo um enfoque maior às dimensões expressivas e simbólicas.

Ao debruçarmo-nos sobre estas teorias, e assumindo que os Sem-Abrigo se constituem como um grupo social, conseguimos compreender um conjunto de questões relevantes na construção de uma identidade. Um exemplo disso mesmo são, por exemplo, as atitudes preconceituosas que a sociedade tem para com os Sem-Abrigo. Este conjunto de questões relativas à etnicidade “centram-se à volta da relação dialéctica entre atribuição categorial (definição exógena) e identificação (definição endógena), entre os processos de rotulagem e de auto-referência, entre endogeneidade e exogeneidade, entre a fixação dos símbolos identitários que estão na base da origem comum e que se reportam aos mitos e recordações e os processos através dos quais se revelam os traços étnicos na interacção social.” (Idem,

Ibidem:44). Neste sentido, conseguimos compreender que a identidade dos grupos permite desenvolver uma consciência comum, que desperta a sua identidade enquanto grupo social.

Esta perspectiva incorpora aspectos negativos, servindo alguns dos propósitos dos processos de exclusão social, fomentando a tolerância e respeito por determinadas identidades em detrimento de outras, conduzindo a “um relativo fechamento nos grupos minoritários em que se desenvolve uma tendência para atitudes de afastamento por parte da sociedade global” (Fernandes, 1995:44). De facto, os processos de atribuição de identidade incrementam o processo de etnização, uma vez que, com a consciência dessa identidade os indivíduos desenvolvem um conjunto de práticas e adquirem hábitos próprios dessa identidade com que se identificam ou lhes é imposto, tudo isto acontece porque “os seres humanos são formados através de um processo de reconhecimento que lhes confere, ao mesmo tempo, um sentido mais ou menos forte de identidade (...) a necessidade de reconhecimento e respeito, de orientação universalista, tende a coexistir com a exigência da identidade particular das diferenças” (Idem, Ibidem:45).

Nas sociedades contemporâneas desenvolvem-se atitudes para com os Sem-Abrigo e outros grupos minoritários que podem ser equiparadas a atitudes racistas, não são mais que um mero jogo (de poder) no âmbito da dialéctica das identidades. Relativamente aos Sem-Abrigo podemos afirmar que, estes desenvolvem uma identidade comunitária, ou seja, um grupo de indivíduos que se assume como uma comunidade tendo a sua génese elementos como a língua, a raça ou a condição social. Tudo isto, se edifica como a identidade social que se constrói “no interior de sociedades e dirigir-se para a defesa de determinados valores ou objectivos, sem cindir, no entanto com ela” (Idem, Ibidem:45).

As identidades nascem no seio de espaços segregados, onde se operam rupturas com os modelos das sociedades contemporâneas nas quais têm origem muitos movimentos de exclusão social, xenofobia e racismo. Essas identidades procuram estabelecer um vínculo com a sociedade em si; contudo este nó entre sociedade e identidade dos Sem-Abrigo nunca se chega a transformar efectivamente num laço social.

Em suma “o conceito de identidade contém, dimensões opostas e, na sua utilização, apresenta orientações diversas” (Idem, Ibidem:47). A identidade é um forte instrumento para a afirmação de culturas particulares que tendem a ser segregadas na actual sociedade, somente assim, os Sem-Abrigo enquanto grupo socialmente vulnerável e excluído adquire força para conseguir manter e perpetuar os laços que mantêm com a sociedade.

3. A Instituição LBV, o Acompanhamento Institucional, a (Re)Inserção Social e o Voluntariado

3.1. Caracterização da Instituição

É do nosso interesse compreender a realidade e as vivências de ser e estar dos Sem-Abrigo bem como o apoio que lhes é prestado pela instituição LBV situada na cidade do Porto. Neste sentido, e enquanto instituição educacional e cultural, de solidariedade social, interessa-nos perceber se este centro social fomenta programas de apoio aos Sem-Abrigo com o propósito da sua reinserção social, designadamente o acompanhamento institucional e a “ronda da caridade” pelo que consideramos pertinente fazer uma contextualização histórica desta instituição, para compreendermos a evolução desta, bem como da sua emergência em vários contextos da vida social. Para tal, recorreremos ao site da instituição Legião da Boa Vontade.

A LBV foi fundada no Brasil pelo Jornalista e profissional de rádio Alziro Zarur no dia 1 de Janeiro de 1950, com o objectivo de promover o diálogo inter-religioso e a solidariedade através de acções sociais, educativas, culturais e filosóficas. Com o falecimento do Zarur a 21 de Outubro de 1979 fica à frente da instituição o escritor e jornalista José Paiva Netto, actual presidente da instituição LBV.

Assim, a LBV é uma organização da sociedade civil internacional, ecuménica e sem fins lucrativos uma vez que, o seu trabalho se desenvolve em prol do desenvolvimento integral do ser humano. A missão desta instituição passa pela promoção da educação e cultura com espiritualidade ecuménica para que desta forma não falte alimentação segurança e trabalho para todos na formação do “cidadão planetário” (ser humano que com o seu espírito integrado em Deus, vive de acordo com os seus deveres e direitos respeitando o próximo). O centro social da LBV é uma organização religiosa não confessional, de carácter ecuménico irrestrito, isto é, conciliação das diferentes religiões e de todo o conhecimento humano e espiritual, numa força potente ao dispor dos povos.

A LBV distribui assistência material e espiritual aos que dela necessitam e o seu trabalho abrange não só todo o território do Brasil, mas também a Argentina, a Bolívia, os EUA, o Paraguai, o Uruguai e Portugal.

No caso português, a LBV iniciou o seu trabalho na metrópole portuense, em 1989, mas actualmente o seu trabalho abrange também a cidade de Lisboa.

A instituição em causa tenta combater a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável, através de oito objectivos/programas principais. São eles o i) “programa viva mais”, isto é promover a qualidade de vida activa na terceira idade; ii) “o programa cidadão bebé” promovendo a cidadania desde o útero materno; iii) “o programa um passo em frente,” que sustenta o apoio às famílias de baixos recursos económicos; iv) “o programa semente da boa vontade”, este é direccionado à criança e ao adolescente; v) “o programa sorriso feliz” baseado na informação, prevenção e promoção de saúde; vi) “o programa Proaso”, ou seja, é um programa de agentes comunitários de saúde oral; vii) “o programa educação para a família” que se traduz na acção voluntária na formação do cidadão ecuménico; viii) e por ultimo o “programa ronda da caridade”, isto é, o apoio ao Sem-Abrigo, com o propósito de reinserção social. É neste último programa que estamos a desenvolver esta investigação.

O apoio prestado ao Sem-Abrigo que se encontra pelas ruas do Porto é realizado à Sexta-feira e ao Sábado à noite há 18 anos. Este trabalho itinerante de apoio consiste em entregar refeições, lanches, roupas e cobertores. Todo este esforço por parte da instituição em ajudar aqueles que mais precisam, neste caso as pessoas que vivem ou circulam pelas ruas sem condições básicas de subsistência, também se prolonga por toda a semana nas instalações do centro social da LBV, onde os utentes recebem orientação, alimentação e roupa com vista à sua rápida reinserção social.

É de salientar que a LBV é um grupo vasto, que vive do apoio voluntário, daqueles a quem a pobreza não lhes é alheia, sendo o seu fio condutor, um dos mandamentos da Igreja: “Amai-vos uns aos outros como Eu Vos ameí”, (Instituição Legião da Boa Vontade <http://www.lbv.org.ar/pt/quem-somos/espiritualidade.html>) sem distinção de raça, posição social, sexo ou religião, provendo a união de todos os povos e nações, através da pregação do ecumenismo total.

Portanto para o desenvolvimento de todas as acções, a LBV conta com a participação de imensos voluntários que se predispõem em oferecer o seu tempo, esforço, a palavra amiga em prol daqueles que necessitam. Desta forma, a instituição fomenta a política de promoção do voluntariado aliando com outras organizações sociais.

Numa entrevista exploratória foi-nos dito que nesta instituição, na LBV, o voluntariado é desenvolvido em parcerias com empresas - voluntariado empresarial- com membros da Limpor, da PT, e da Vodafone. Esta instituição conta com a colaboração de 60 voluntários, sendo que doze são chefes de equipa. Estes voluntários percorrem por noite cerca de quarenta e dois km e atendem oitenta a cem indivíduos que se encontram na condição de Sem-Abrigo, ou que se encontram numa situação de carência económica, familiar e

emocional. São, portanto, factores que levam estes indivíduos a deslocarem-se à LBV, ou até mesmo à carrinha da LBV, para suprir as necessidades básicas, nomeadamente a nível da alimentação, vestuário e até mesmo à procura de um ombro amigo. O roteiro é apontado como um ponto fraco da “ronda da caridade”, estes roteiros sofrem sempre ligeiras alterações devido à presença de novos indivíduos nas ruas, ou devido aos fluxos migratórios dos indivíduos.

As equipas do “programa da ronda da caridade” são constituídas por seis elementos em média, incluindo sempre um chefe de equipa responsável por “supervisionar” o trabalho feito pelos voluntários. A cada voluntário é atribuída uma tarefa, isto é, cada voluntário fica responsável ou por distribuir o leite, a sopa, o kit, a roupa ou por ficar com a tarefa de secretário; quem ficar com esta tarefa tem que elaborar um relatório da ronda onde conste os postos de paragem, a quantidade de alimentos distribuídos, o número de utentes atendidos, bem como os quilómetros feitos nessa noite.

A instituição LBV é uma estrutura social que tem como objectivo o acolhimento de indivíduos, nomeadamente o acolhimento daqueles que se encontram inseridos nos mais variados programas promovidos pela instituição, com o propósito de lhes proporcionar estruturas de vida minimamente asseguradas, garantidas, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua reinserção social. Esta tarefa passa pelo estabelecimento de laços afectivos e emocionais, quer por parte dos técnicos quer por parte dos indivíduos

Neste contexto, e recorrendo aos contributos de alguns autores, o papel formador das instituições, assenta no facto de serem detentoras de esferas educacionais especiais, por meio das quais as pessoas cooperam socialmente de forma a desempenhar as funções institucionais, e por conseguinte, em todo o contexto informal pode dar-se a (re)educação, até ao ponto de transformar socialmente o indivíduo (Gerth; Mills, 1984). O impulso e a sensibilidade são canalizados e transformados, unidos a metas e gratificações comuns. Assim as instituições imprimem o seu “selo” no indivíduo, trabalhando para modificando a sua conduta externa. Um aspecto da aprendizagem de um papel consiste, precisamente, em adquirir as motivações que garantem o seu cumprimento, propondo-se, para o efeito um desempenho com a coerção que a instituição exerce.

Para esclarecer a vertente religiosa/espiritual da instituição, importamos alguns conceitos, tais como o desencantamento do mundo e a secularização. A emergência do desencantamento do mundo nas sociedades contemporâneas tende a definir o campo em que se vem localizando a problemática da religião. A secularização conhece actualmente algumas

reformulações, tanto em termos de declínio do sagrado como da sua restauração. Mais do que o refúgio privado, nos dias de hoje, os indivíduos parecem procurar sobretudo a plena subjectivização.

A secularização como individuação da religião é, examinada contemporaneamente de acordo com ópticas diversas. Ao lado dos que apreciam o recuo da religião e a sua perda de influência sobre os diversos domínios da vida social, há os que aportam a perspectiva de destruição do seu monopólio de atribuição de sentido de existência, e os que estudam as distâncias crescentes dos indivíduos em relação aos modelos apontados pela igreja entre outras.

São alguns os factores que fundamentaram a existência desta temática neste projecto de investigação. Primeiro, porque esta instituição tem um forte cunho religioso, segundo, porque é nosso objectivo perceber se há por parte da instituição uma inculcação espiritual/religiosa que possa potenciar a reinserção social dos indivíduos que se encontrem na condição de Sem-Abrigo.

Segundo o que nos foi dito pela Assistente Social, a LBV é uma instituição religiosa e que, em consonância com a própria filosofia da instituição procura sempre transmitir princípios positivos e valores. Neste sentido, em entrevista realizada com a Assistente Social foi-nos proferido que, “Basta esta instituição ser religiosa as pessoas fazem o trabalho... o espírito de solidariedade, o amor ao próximo, eu acho que isto está patente e isto é fundamental nem só de pão vive o homem, o mais importante é a parte humana, o resto é secundário, portanto sem isso o trabalho não faria sentido, aliás nós temos a preocupação de rezar um pai-nosso antes de sair para a ronda”.¹

Apesar de a LBV ser uma instituição religiosa, não há por parte dela, segundo o que nos foi dito pela Assistente Social, um condicionamento no comportamento dos beneficiários do apoio prestado pela LBV, inclusive esta instituição respeita todas as crenças

3.2. Voluntariado

O conceito de voluntariado assume importância na medida em que os voluntários arrogam um papel fundamental no apoio que prestam aos Sem-Abrigo. Na maior parte das vezes pode, inclusive, notar-se um certo envolvimento por parte dos Sem-Abrigo para com os

¹ Ver Anexo IV – Transcrição da entrevista da Assistente Social

voluntários, e vice-versa, pautado pela gratidão e respeito. A acção desempenhada pelos voluntários não é de todo gratuita; quer isto dizer que, “dessa acção decorre um conjunto de “rendimentos” (em sentido amplo), que, se raramente assumem a forma económica (...) tornam formas bem mais subtis de retribuição. A modalidade por excelência dessa retribuição é o reconhecimento social, pelos outros e pelo próprio (...)” (Amaro, 2002: 35).

A prática do voluntariado pode ser exercida por qualquer indivíduo, este apenas deve ser imbuído de práticas de boa vontade para ajudar e receptividade à partilha e trabalho em grupo. Assim, podemos designar que o voluntariado “teve e continua a ter como objecto preferencial de acção as desigualdades sociais, as quais quase se pode considerar como pilares da sua existência.” (Idem, Ibidem:34).

À prática do voluntariado subjazem motivações diferentes, por exemplo, a realização pessoal, a organização do seu tempo e esforço de modo a responder a uma inquietação interna, a tomada de consciência dos problemas sociais, tentar minorar as dificuldades que os indivíduos passam, tentativa de levar uma mensagem positiva e de esperança. Os factores determinantes do voluntariado são, muitas vezes, a compaixão e a solidariedade, factores que levam um grupo de pessoas a unir-se e auto-ajudar-se, para além da ajuda ao próximo. Um outro factor e, este mais contemporâneo, é a indignação contra a miséria, contra as más condições de educação, de habitação, entre outras. Existem portanto vários factores que movem os voluntários a desenvolver todo o trabalho que lhes compete, “A opção por trabalhadores voluntários está, nestes projectos, muitas vezes ligada às imagens e características de motivação, dedicação, personalização nas relações com a comunidade, esforço e capacidade de trabalho que lhes são normalmente atribuídas (...)” (Idem, Ibidem:55)

Todas estas indignações são tendencialmente colocadas sob a responsabilidade estatal, isto é, na luta política, na “centralidade” do Estado. A pretensão seria resolver estas situações, daí que o governo, pontualmente, faça as chamadas “reformas sociais” no sentido de promover a igualdade e qualidade de vida dos sujeitos. Contudo, na era da globalização, o Estado tomou outros caminhos, e seguiu outros interesses, deixando um pouco de lado as expressões de indignação. Deste modo, os mais desfavorecidos ficaram então ao abrigo de quem se oferece para ajudar, isto é, os voluntários. De um outro modo, o princípio do voluntariado é precisamente este: fazer o possível, mas sem esperar pelas decisões estatais e burocracias administrativas.

Com a criação das organizações não-governamentais (ONG's), vários voluntários surgiram, com alguns propósitos em mente, não só a indignação, mas também os sentimentos

de solidariedade e compaixão, sendo o objectivo socorrer e agregar a ideia de transformação à prática do voluntariado.

Actualmente, um outro objectivo dos voluntários, não é só a assistência aos mais variados níveis, mas também a cidadania, dando ênfase à educação e capacitação profissional, adoptando temas como a preservação ambiental, promoção da ética na política e nos negócios, cultura e defesa dos direitos.

A responsabilidade social deveria começar em casa, no contexto familiar. Contudo, na escola e mesmo nas empresas, este conceito de entreatuda e de solidariedade para com o outro deveria ser alimentado e, embora já algumas empresas cedam aos funcionários um dia por semana para se dedicarem ao voluntariado (as chamadas “políticas de voluntariado”), são ainda escassas e excepcionais, pelo que, seria necessário estimular as acções de voluntariado no sentido de criar uma maior responsabilidade social.

Deste modo, o voluntário ao aplicar a sua boa vontade sobre os problemas sociais está a contribuir não só para a melhoria da vida social, mas também para o seu bem-estar pessoal, através do crescimento interior.

3.3. (Re)inserção Social

Subjacente ao conceito de (re)inserção social está o conceito de reintegração do indivíduo excluído na sociedade com o objectivo de reconstituição ou produção de relações e laços afectivos com aqueles que envolvem o indivíduo em situação de exclusão.

Todo o trabalho de (re)inserção social não é direccionado unicamente para os consumidores de drogas ilegais, porém, pode servir também outros tipos de dependências (incluindo o alcoolismo, a prostituição, etc) ou até mesmo os grupos socialmente excluídos, por exemplo os Sem-Abrigo.

Este processo de inclusão visa uma aprendizagem, regeneração e recuperação da auto-estima, visa o readquirir hábitos sociais e profissionais, bem como visa também o desenvolvimento das suas capacidades.

Desta forma, temos que contar com algumas etapas de intervenção fundamentais no procedimento da (re)inserção social e que segundo as etapas de intervenção do Vale de Acór “projecto homem” destacamos primeiramente a existência de uma equipa de intervenção directa que vai ao encontro das pessoas que necessitam de (re)inserção social, por exemplo dos toxicod dependentes e alcoólicos. Estes, muitas vezes, já não têm autonomia para pedir

ajuda e procura-se estabelecer uma ligação com a rede de apoio ao mesmo tempo que se lhes inculca motivação e encaminhamento para o rastreio. A etapa que se segue é a das primeiras entrevistas, sendo estas realizadas em vários locais de atendimento e de acordo com a ajuda que o indivíduo precise tendo como objectivo base a entrada na comunidade terapêutica. A terceira etapa já se cinge à comunidade terapêutica que utiliza o modelo de intervenção terapêutico-educativo, ou seja, é trabalhada a história pessoal, a área emocional de forma a promover a motivação para uma mudança de vida. Esta intervenção é feita tendo em conta o acompanhamento individual, grupo de auto-ajuda, acompanhamento familiar, seminários formativos etc. Por fim, a quarta etapa é a chamada reinserção social, isto é, após a intervenção na comunidade terapêutica é efectuada a mudança para a reinserção social. Esta etapa é feita em dois períodos, um período residencial e um período ambulatorio. Neste processo de (re)inserção social, conta-se com o processo de crescimento pessoal e um maior contacto com o exterior, com a (re)inserção no mercado de trabalho, no seio familiar e social, reforçando a autonomia do indivíduo e consolidando um estilo de vida. Este processo finda com a classificação do utente que concluiu todo o caminho terapêutico-educativo.

Nestas situações e no decorrer de todo este processo de tratamento é indispensável o apoio da família, o utente nunca deve sentir-se sozinho, tem que ter o apoio e a confiança da família e de amigos. No término da fase intensiva de tratamento e com o retorno ao meio social e familiar o restabelecimento das relações e de laços afectivos é fulcral.

A capacidade que os amigos e a família têm para acolherem, compreenderem e estabelecerem regras de convivência demonstra interesse em ajudar na recuperação. É necessário que o utente tenha um ambiente familiar estável. Tudo isto contribuirá para uma melhoria da sua qualidade de vida e ajuda de certa forma em possíveis recaídas.

Estas situações de convívio, sobretudo o convívio fora do ambiente familiar são um desafio para o utente, e convém que o utente não mantenha contacto com amigos que se encontrem em situações de toxicoddependência ou alcoolismo.

4. Caminhos Metodológicos

4.1. Contributos teóricos da análise qualitativa

No âmbito da nossa investigação, e tratando-se de uma pesquisa de cariz qualitativo vamos, neste ponto, dar conta de alguns postulados teóricos que nortearam o nosso projecto de investigação enquadrando-os com os nossos objectivos de pesquisa.

Neste sentido, e dando conta da metodologia qualitativa, emerge como principal postulado teórico o paradigma interaccionista (da segunda escola de Chicago) para o estudo da investigação em causa. Por seu turno, mencionamos como variantes do interaccionismo a fenomenologia e a etnometodologia.

O paradigma interaccionista tem como objectivo não só o estudo da interacção social mas também o significado que os actores atribuem às suas acções. Referimo-nos portanto, a uma acção social que privilegia que, é em interacção social que se constroem comportamentos e significados inerentes a esses comportamentos. Portanto, consiste em descrever o desenvolvimento das interacções sociais, na medida em que se concorda que é nas situações de interacção que o sentido é estabelecido pelos indivíduos.

O interaccionismo simbólico baseia-se na interpretação dos factos por via da experiência humana em contexto de interacção. Logo, “o significado que as pessoas atribuem às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos, não acidentais ou secundários àquilo que é a experiência. Para compreender o comportamento é necessário compreender as definições e o processo que está subjacente à construção destas.” (Biklen; Bogdan, 1994:55).

Comparativamente ao interaccionismo simbólico, e segundo o constructo de Goffman, é na interacção face a face que vemos como é que os indivíduos representam o seu Eu e como o fazem recebendo a influência física dos outros, com os quais está em interacção, como por exemplo, as expressões faciais, corporais, os olhares e a própria linguagem, visto que, é o Eu que se exprime na interacção face a face, que se constrói nas relações com os outros.

Ao proferir o paradigma interaccionista simbólico, significa que se trata de um processo que tem que ver com todos nós no desempenho da vida quotidiana; contudo, convém salientar, que numa perspectiva interaccionista não nos referimos a indivíduos singulares, mas indivíduos que desempenham papéis.

A interacção social é um processo de interacção simbólica, isto é, o conhecimento humano não é estático, varia ao longo do tempo e espaço. Estamos, assim, perante uma acção social dinâmica, em que todos somos portadores de um vasto conhecimento do significado da nossa acção e da dos outros.

De acordo com os interaccionistas, o desvio existe porque todos os grupos sociais instituem normas e esforçam-se por aplicá-las em determinados momentos e circunstâncias. Definem a situação e o modo de comportamento adequados a estes, inclusivamente podemos avançar com uma dupla significação de desvio. Primeiro quando o indivíduo transgredir as normas da sociedade ou instituição de que faz parte passa a ser um tipo particular de indivíduo: o desviante. Em segundo lugar, a rotulagem de que este indivíduo foi alvo pode ser vista por ele de diferentes modos: pode pensar que é injusta ou assumi-la como verdadeira. Este paradigma estabelece a ligação do indivíduo à sociedade.

A fenomenologia é considerada como a ciência dos fenómenos, pretendendo captar os fenómenos subjectivos da realidade social, isto é, os conteúdos da consciência, os significados, etc, não recusando o que está na sua retaguarda. A fenomenologia teve a sua proveniência com autores como Edmund Husserl e Alfred Schütz. Segundo estes autores e sendo eles fenomenologistas afirmam que, os indivíduos quando fundamentados na fenomenologia partem para uma pesquisa, que tem como origem o silêncio, ou seja, não fazem preposições daquilo que as pessoas interpretam acerca dos factos, com o objectivo de melhor captar aquilo que se estuda. Assim, podemos enquadrar aqui, o objectivo de perceber se há interferência espiritual por parte da instituição no comportamento dos seus utentes; ou seja, uma vez que a LBV é uma instituição religiosa, é nosso objectivo perceber se esta influencia o comportamento dos utentes, e perceber se a afluência de utentes resulta deste factor.

Por seu turno, a etnometodologia de Garfinkel tem como objectivo captar o sentido das acções do quotidiano no contexto em que estas são produzidas, ou seja, dá prioridade à compreensão da racionalização das práticas do quotidiano através da linguagem. Assim, enquadrámos aqui objectivos variados da nossa investigação, tais como: a análise da conduta social até ao acompanhamento institucional e verificar o grau de envolvimento dos Sem-Abrigo. Com base neste postulado, conseguimos alcançar conhecimento acerca das diferentes formas de interacção entre os utentes, os técnicos, os voluntários e os Sem-Abrigo, isto é, a realidade social pode, deste modo, ser construída através de vários ângulos, isto é, através de distintas compreensões individuais, que suportam em si diferentes e variadas experiências.

Contudo, é importante salientar o facto de que os investigadores fazem interpretações sobre os significados dos sujeitos que, por vezes, poderão ser estranhos aos próprios sujeitos, visto que, não são mais que uma construção de investigação. Deste modo, é fulcral que o investigador possua um esquema conceptual que o capacite de fazer as interpretações mais exactas possíveis.

Embora os investigadores qualitativos enfatizem o subjectivo, não ignoram aquilo que é exterior da realidade conhecida, o que poderá ser visto enquanto uma resistência para a compreensão da realidade social. O investigador qualitativo, com orientação fenomenológica, conhece a realidade do modo como esta se lhe apresenta, de um modo mais idealista do que propriamente real, mais simbólico que concreto.

4.2. Modelo de Análise

Neste ponto do nosso trabalho apresentamos o nosso modelo teórico de referência. A escolha da temática, bem como a sua ligação com a (re)inserção institucional prende-se com o facto de se considerar que em termos analíticos constituirá uma mais-valia. Estamos perante uma problemática aliciante, na medida em que nos possibilitará uma aproximação com a (re)inserção institucional e as repercussões que daí podem resultar. Encontramo-nos num momento em que presenciamos uma crescente individualização das sociedades contemporâneas que, cada vez mais conduz a um isolamento dos agentes, impedindo a coesão colectiva tornando-se pertinente debruçarmo-nos sobre as respostas sociais apresentadas. É nosso objectivo estudar esta realidade a partir de uma dimensão sócio-cultural, onde nos propomos a elaborar um retrato social da condição de Sem-Abrigo, os factores inerentes a essa situação, perceber se existem mais homens ou mulheres nessa condição; a partir de uma dimensão sócio-institucional, ou seja, perceber o grau de envolvimento dos utentes com a instituição e/ou voluntários da LBV e compreender se a LBV tem condições que possam influenciar a (re)inserção social dos utentes; e ainda a partir da religiosa e institucional, isto é, verificar se há um vínculo religioso/espiritual dos utentes à LBV, até que ponto haverá uma inculcação religiosa no comportamento dos Sem-Abrigo.

Outro conceito importante que sustenta, orienta e legitima o trabalho é a instituição social. As instituições sociais são uma estrutura social que tem como objectivo o apoio e acompanhamento de indivíduos, neste caso em específico referimo-nos à LBV, assegurando-lhes as necessidades mínimas. As instituições desenvolvem o seu trabalho na tentativa de

fomentar o desenvolvimento físico, intelectual e moral e a (re)inserção social dos indivíduos na sociedade. Seguindo este raciocínio e recorrendo aos contributos de alguns autores, o papel formador das instituições deve-se ao facto de serem detentoras de esferas educacionais especiais, por meio das quais as pessoas cooperam socialmente de forma a desempenhar as funções institucionais, e por conseguinte, em todo o contexto informal pode dar-se a (re)educação, até ao ponto de transformar socialmente o indivíduo (Gerth; Mills, 1984).

Nos últimos anos tem-se assistido ao surgimento de uma panóplia de instituições, e neste caso em específico referimo-nos à LBV, todas elas com a finalidade de ajudar aqueles que mais necessitam e que o seu dia-a-dia não é mais do que estar e viver na rua, os Sem-Abrigo. Todas estas instituições, denominadas de instituições de apoio social, são engrossadas por pessoas que podem não ter muito para dar, mas que todas em conjunto conseguem reunir muito.

Estas instituições são enaltecidas com o trabalho de um conjunto de indivíduos que, juntos conseguem fazer muito por aqueles que pouco têm, vendo posteriormente o conhecimento e o reconhecimento do seu trabalho por parte dos indivíduos que beneficiam do seu apoio; a este conjunto de pessoas podemos denominamo-los de entidades superiores, técnicos e/ou voluntários. Esta acção voluntária pode ser exercida por qualquer indivíduo que tenha ao seu dispor um conjunto de características, entre as quais boa vontade, e tempo disponível.

É com a industrialização e a urbanização que nascem problemas como a pobreza e toda a problemática que lhe está subjacente, como a marginalização, a exclusão social e os Sem-Abrigo. Tal como refere Cloward e Ohlin, no capítulo “Delinquency and Opportunity” do livro “A Sociologia Americana” (1982), a existência do desvio e da pobreza nas cidades resulta “ (...) de uma correlação de forças onde intervêm tanto o tipo de urbanização (...) o nível de industrialização da região, a qualificação profissional dos imigrantes, como as instituições familiares, religiosas ou sexuais das populações” (Herpin, 1982:121).

Neste trabalho optámos por um conceito de Sem-Abrigo mais abrangente para designar “a situação daqueles indivíduos que não possuem meios de subsistência, nem domicílio certo e pernoitam ao relento ou recorrem a alternativas próprias (escadas, casas velhas abandonadas, camaratas, albergues, etc.) e que estão a viver num processo de ruptura (ou romperam já) com os principais «espaços de referência social» – família, trabalho e comunidade” (Pimenta, 1992:22). A emergência dos Sem-Abrigo resulta de factores diversos como por exemplo a toxicodependência, o alcoolismo, a precariedade de emprego, a modificação das estruturas familiares, ou as deficientes políticas de saúde, de educação, de

habitação e de segurança social. Este grupo social é bastante heterogéneo, um fenómeno complexo e multidimensional. Neste sentido, importa-nos perceber em que medida aqueles factores inerentes à sua condição de Sem-Abrigo servem para elencar uma cadeia de causas e consequências, quer mais individuais (doença, origem social desfavorecida), ou, por outro lado, mais estruturais (desemprego, habitação, etc.). Subjacente a esta explicação surge, um outro conceito importante para percebermos a trajectória formada pelo *self* de desenvolvimento do passado para um futuro antecipada; “Nós somos não o que somos mas sim o que fazemos de nós” (Giddens, 1994:67).

Algumas das características pertencentes ao Sem-Abrigo, acabam por ser características estereotipadas e preconceituosas, que levam a atitudes excludentes face a este grupo social. Contudo, os Sem-Abrigo enquanto grupo social, têm consciência de que são socialmente desenquadrados, acabando eles mesmos por desenvolver um conjunto de atitudes e comportamentos que fomentam a exclusão social que vivenciam, por via da sua condição de Sem-Abrigo. Neste sentido, importa-nos perceber a construção social da identidade dos Sem-Abrigo.

Pelo acima exposto, os conceitos centrais à nossa problemática são os seguintes: Sem-Abrigo, pobreza, exclusão social, acompanhamento institucional, (re)inserção social, trajectória social e construção da identidade. Como conceito auxiliar, e não menos importante, o conceito de voluntariado, surgindo este como uma mais-valia na medida em que na instituição em estudo os voluntários estão presentes em várias situações.

A construção do modelo de análise é um processo em curso que tendo em linha de conta as hipóteses previamente delineadas, delimita a nossa trajectória de pesquisa; contudo o pilar central para a elaboração deste desenho de pesquisa assenta na ideia de que o apoio prestado pela LBV aos Sem-Abrigo influencia ou potencia a sua reinserção social.

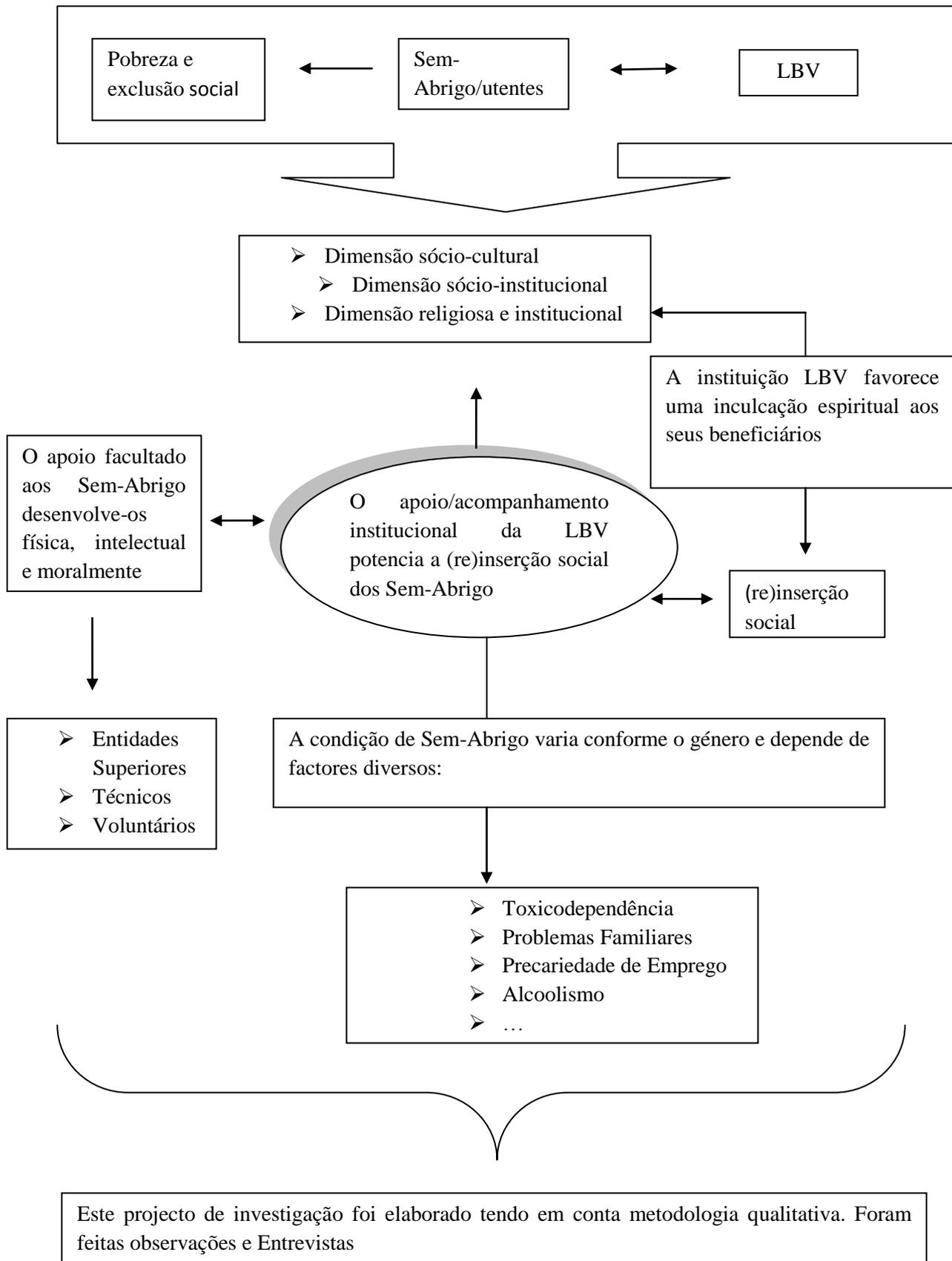
Assim sendo, elencámos as seguintes hipóteses teóricas:

- Os beneficiários do apoio da LBV encontram nesta instituição condições favoráveis à sua reinserção social.
- O apoio da LBV favorece uma inculcação espiritual aos beneficiários (Sem-Abrigo) capaz de possibilitar a sua reinserção social
- A emergência dos Sem-Abrigo resulta de factores diversos como por exemplo a toxicod dependência, o alcoolismo, a precariedade de emprego, a modificação das estruturas familiares, ou as deficientes políticas de saúde, de educação, de habitação e de segurança social.

- A condição de Sem-Abrigo varia conforme o gênero, destacando-se a população masculina.

A transposição de tudo o que abordamos até este ponto, para uma linguagem e forma que conduzam o trabalho de recolha e análise de dados, de observação ou experimentação, num momento posterior, demonstra a pertinência da construção do modelo de análise. É crucial nesta fase escolher conceitos e formular hipóteses de trabalho, definir dimensões, indicadores, identificar as variáveis que estão implicadas em cada uma das hipóteses, bem como, clarificar a relação entre as variáveis e indicadores presentes nas diferentes hipóteses.

Esquema 1: Modelo de Análise



4.3. Estratégia Metodológica

Quando pensamos no esboço daquilo que será o nosso trabalho de investigação científica, importa não descurar a importância que assume a natureza da problemática abordada. Aquilo que pretendemos captar, a essência daquilo que comumente, em termos científicos, designamos por problemática teórica, engloba todo um conjunto de questões teóricas, elementos que se revelam cruciais na forma como optamos efectuar a “caminhada” analítica.

Se pensarmos na questão de partida entendida como o cerne do presente projecto, consideramos que a aposta em termos de pesquisa será rica do ponto de vista qualitativo, uma vez que, este paradigma privilegia uma lógica indutiva, interpretativa e o seu objecto teórico é formulado em termos de acção, acção esta que contempla não só os comportamentos dos indivíduos, mas também o significado que estes atribuem às suas acções. No contexto do paradigma interpretativo e face ao objecto acção-significado “o investigador postula uma variabilidade das relações entre as formas de comportamento e os significados que os actores lhes atribuem através das suas interacções sociais. Em suma, comportamentos idênticos de um ponto de vista físico podem corresponder a significados diferentes e mutantes de uma perspectiva social...” (Hébert; Goyette; Boutin, 1990:39). Desta forma, o paradigma qualitativo tem como objecto de análise o meio social entendido como o local de produção de sentido e de valorização, vendo o indivíduo como sujeito que cria e atribui significado subjectivo. Os investigadores qualitativos importam-se particularmente com a significação e com a interpretação dos dados, que são apresentados sob a forma de imagens, palavras e textos. O significado tem uma importância vital, uma vez que os investigadores qualitativos se preocupam com aquilo que Erickson denominou de “perspectivas participantes” (Cit. por Hébert, 1994:9), o que lhes possibilita ter acesso ao modo como os autores interpretam as suas vivências e lhes atribuem determinados significados.

À investigação de cariz qualitativo está subjacente uma espécie de diálogo e empatia entre os investigadores e os respectivos investigados, pois, o objectivo desta investigação é ver através dos olhos daqueles que fazem parte do objecto de estudo, do contexto ou da comunidade estudada, ou seja, significa que é necessário compreendermos as interpretações que os actores fazem do real social. Portanto, esta investigação qualitativa distingue-se por apresentar uma visão holística, uma vez que analisa e tenta perspectivizar o contexto social como um todo e procura compreender as relações, as subculturas dentro do sistema social.

Assim, tal como refere António Joaquim Esteves, o paradigma qualitativo prende-se com a crescente necessidade de adoptar um paradigma mais subjectivo que se encontra directamente ligado com “ (...) a nova configuração da sociedade que exige outras construções teóricas, pela emergência de um social de tipo novo, onde prevalecem relações sociais de carácter electivo (...) ” onde se denota “ (...) a coexistência do individual e do universal.” (Esteves, 1998:1) Desta forma, a flexibilidade característica deste paradigma torna-se muito mais frutífera quando nos propomos trabalhar sobre um tema tão complexo como o dos Sem-Abrigo, que se caracteriza pela sua constante mutação, sendo o reflexo de uma sociedade em constantes transformações.

De acordo com os objectivos propostos, para esta investigação sociológica torna-se necessária uma vertente mais prática e uma aproximação à realidade empírica, no sentido de verificarmos a validade dos pressupostos teóricos levantados. Na análise qualitativa cada investigador tende, frequentemente, a desenvolver o seu próprio método em função do seu objecto de investigação, dos seus objectivos, dos seus pressupostos teóricos ou de outros factores contingentes. Ainda que alguns investigadores utilizem equipamentos vídeo ou áudio, os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo.

Consideramos pertinente e de extrema relevância, neste momento salientar as vantagens deste tipo de investigação, que se prende com o facto de proporcionar flexibilidade, visto já possibilitar uma progressiva (re)orientação da investigação à medida que o trabalho é realizado, ou seja, a investigação não está sujeita a uma receita prévia e rígida. Não deixam de existir fases de pesquisa estabelecidas, contudo, estas são passíveis de revisões, reformulações e transformações constantes e progressivas em função dos avanços do trabalho.

A abordagem qualitativa prevê um estudo exploratório para, desta forma, iniciar um estudo mais amplo encarado quase como um estudo guia, para levantar ideias, suscitar questões, pensar até em hipóteses de trabalho.

A tipologia qualitativa tem uma concepção do mundo marcadamente construtivista, assumindo que o real social resulta duma construção histórica e social feita em grande medida pelos actores sociais, pelo que adquire pertinência apreender os significados que estes atribuem às suas (inter)acções. O seu enfoque vai na busca do sentido weberiano de compreensão para posteriormente desenvolver teorias com base na realidade estudada intensivamente. Para o efeito, faz uso de técnicas como a fenomenologia, a *grounded theory*, etnografia, estudo de casos e observação, isto é, técnicas que permitem analisar em profundidade os fenómenos estudados, ainda que em pequena escala, já que o pretendido é

captar a complexidade dos fenómenos. A *grounded theory*, surgiu há mais de 30 anos, tratando-se de uma metodologia sociológica, sendo o resultado da ligação estabelecida entre o interaccionismo simbólico e a Escola de Chicago. Uma das suas marcas centrais diz respeito ao envolvimento do investigador no processo de investigação, o processo valorativo que se encontra aqui inerente. A *grounded theory* é apresentada como uma resposta à insatisfação proveniente dos modelos predominantes até então, os quais “protegidos” por Parsons e Merton. Tais modelos, eram, por muitos cientistas sociais, perspectivados como fortemente dotadas de um carácter especulativo, por via da ausência de relação com o processo de investigação, o que consequentemente desenrolava questões de validade científica.

A *grounded theory* é proposta por Strauss e Glaser na obra “The Discovery of Grounded Theory: Strategies for qualitative research”. Estes dois autores consideram que o objectivo de qualquer teoria é produzir teoria, elaborar um conjunto de categorias, propriedades e relações entre elas, o que nós denominamos por hipóteses. Estas teorias não são efectuadas *à priori*, bem pelo contrário, são assim o resultado do processo de investigação. A investigação científica é uma teorização baseada numa permanente confrontação de dados, sendo que os conceitos e categorias são dois pilares construídos tendo por base os dados recolhidos na investigação, sendo estes confrontados novamente com a realidade. No decorrer desta ideia podemos avançar com o facto da teoria construída pelos modelos hipotético-dedutivos encontrar as suas raízes, a sua base de desenvolvimento, nos dados recolhidos.

Os cientistas que accionam a *grounded theory* não se centram na criação de uma teoria acerca dos actores individuais, procuram sim teorizar sobre os moldes de acção e interacção existentes entre diferentes camadas sociais, face a processos decorrentes das mudanças do fenómeno em estudo.

O papel do investigador neste tipo de desenho de pesquisa é de proximidade face aos observados, pelo que a vigilância epistemológica terá que ser mais apertada, até porque o investigador muitas vezes produz interpretações de interpretações que os sujeitos fazem dos seus quotidianos, com aspectos valorativos. Embora o investigador possa ter uma agenda subjacente ao estudo, não pode deixar que esta comprometa a cientificidade e a validade do mesmo. Saliente-se ainda o papel decisivo - no seguimento do que tem vindo a ser dito – dos observados neste desenho de pesquisa pois o investigador encontra-se dependente da (qualidade da) sua colaboração para levar a investigação a bom porto.

Com o objectivo de se alcançar um maior envolvimento da população alvo na pesquisa em causa é crucial informa-los correctamente sobre os objectivos de investigação, das

actividades previstas, dos eventuais riscos e dos níveis de participação/ envolvimento, sendo que a forma como se revela tudo isto dependerá da população em análise, da sua receptividade e colaboração,

A metodologia qualitativa engloba em si uma diversidade de instrumentos metodológicos, entre as quais encontramos a entrevista e a observação directa, sendo estas as técnicas de eleição para analisar o objecto de estudo da presente investigação, uma vez que estas técnicas privilegiam a compreensão dos problemas. Neste sentido, e segundo Bogdan e Biklen (1994) esta abordagem facilita a descrição de um fenómeno em profundidade pela apreensão do sentido e dos estados aparentes dos sujeitos pois, nestes estudos, há sempre um esforço em capturar e compreender, com minúcia, as perspectivas e os pontos de vista dos indivíduos sobre determinado assunto.

No âmbito do nosso objecto de estudo, e uma vez que fizemos uso da metodologia qualitativa, accionamos as seguintes técnicas: a entrevista e a observação directa.

Neste sentido, foi realizada uma entrevista à Assistente Social da LBV; três entrevistas aos voluntários também da instituição LBV, uma vez que estes também fazem parte da instituição em estudo e dedicam parte do seu tempo aos Sem-Abrigo; e foram realizadas oito entrevistas a utentes do centro social LBV, isto é, aos Sem-Abrigo. Estas entrevistas tiveram que ser adaptadas, ou seja, antes de realizarmos as entrevistas fizemos algumas questões de filtro no sentido de percebermos se todos os entrevistados se encontravam na condição de Sem-Abrigo, ou se apenas atravessavam dificuldades económicas, familiar e/ou até emocional sendo motivo para se deslocar à carrinha da LBV.

Esta técnica é perspectivada como um instrumento metodológico que se caracteriza como “um procedimento de recolha de informação assente numa interacção visual e verbal entre o investigador e o investigado” (Almeida, 1995:34). O tipo de entrevista contemplada neste desenho metodológico é a semi-directiva, onde o seu carácter flexível se apresenta como uma mais-valia, permitindo-nos desmistificar os significados que os indivíduos atribuem ao apoio institucional, assumindo um carácter mais “intimista”. Tal como referem os autores do Manual de Investigação em Ciências Sociais, esta técnica é adequada na “análise de um problema específico”, assim como na “análise do sentido que os actores dão às suas práticas” (Quivy, 2005:193), o que remonta para este projecto de investigação, visto que, o objectivo passa por perceber a forma como o apoio prestado pela LBV tem repercussões na reinserção sócio-profissional dos Sem-Abrigo.

No que concerne a metodologias de análise, procedemos a uma análise de conteúdo das entrevistas. O uso desta técnica tem como objectivo encontrar na realidade empírica

estudada, validações para as hipóteses teóricas propostas. Assim, a análise de conteúdo das entrevistas torna-se essencial para apreendermos a vertente mais simbólica e latente dos discursos dos entrevistados. A análise de conteúdo, pode assim ser caracterizada pela produção de uma “ descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” a qual direccionada para uma extensão a “ todo o comportamento simbólico” (Silva, 2005:103)

Desta forma, o tratamento dos dados recolhidos é, um procedimento fundamental e indispensável, na medida em que possibilita uma clarificação daquilo que será esperado em termos de resultados da investigação.

A técnica da observação foi de igual forma eleita como um instrumento analítico. Esta técnica tem um forte impacto relativamente à presença do investigador na unidade social em estudo e das acções de recolha de informação por ele desenvolvidas. O registo deste tipo de observações foi efectuado na instituição da LBV, onde assistimos a uma acção de formação intitulada “relacionamento interpessoal – voluntário/pessoa Sem-Abrigo”, e foi também efectuado durante o trabalho itinerante de apoio aos Sem-Abrigo pelas ruas da cidade do Porto no “programa ronda da caridade”. Assim, foram feitas quatro observações inerentes ao “programa ronda da caridade” à Sexta e ao Sábado, com início às 21horas nas instalações da instituição da LBV, onde se preparava toda a comida para ser distribuída aos utentes nos diferentes postos de paragem. Estas rondas seguiam algumas regras, nomeadamente na preparação da comida. Ou seja, chegados à instituição por volta das 21horas, cada voluntário ocupava-se de uma tarefa: barrar os pães, preparação do kit completo, preparação da sopa ou do leite. Havia sempre um cuidado especial, pois uma das utentes era diabética logo o leite dessa beneficiária não levava chocolate. Por volta das 22h15m saíamos das instalações rumo às paragens: Loja do Cidadão, Viaduto da Areosa, Teatro Rivoli, Jardim do Carregal, Hospital Santo António, Mercado do Bom Sucesso, Via panorâmica, Centro Comercial do Campo Alegre, Rua Júlio Dinis, Rua da Restauração, Teatro Nacional São João, Rua Santa Catarina, Rua Sá da Bandeira, Rua de Camões, Santos Pousada, Rua Bento Jesus Caraça, Jardim Arca D’Água, Viaduto do Amial, Praça da Republica, Rua DR. Alves Veiga, e por fim Rua Fernandes Tomás. As rondas tinham o seu término por volta das 5horas da manhã. Para auxiliar o preenchimento da nossa grelha de observação elaboramos uma tabela auxiliar à grelha de observação (ver anexo I: Tabela auxiliar à grelha de observação) mais simples para o programa ronda da caridade que posteriormente contribuiu para a elaboração da grelha de observação. A ronda decorria sempre com normalidade, a distribuição das tarefas ou ficava à nossa escolha, ou então era o chefe de equipa que distribuía os voluntários, dando-lhe as

respectivas informações. Havia um especial cuidado em chegar em primeiro lugar aos postos de paragem e não de dormitório, porque nestes últimos os utentes estariam sempre lá à espera dos voluntários.

As principais vantagens da utilização desta técnica remetem-nos para “a apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem; a recolha de um material de análise não suscitado pelo investigado, portanto, relativamente espontâneo; a autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos” (Quivy, 2005:199).

Portanto, os registos informativos recolhidos pelo investigador permitem captar regularidades e/ou singularidades mediante a metodologia e a técnica escolhida para estudar o objecto de estudo, neste caso, pretendemos descobrir singularidades na população alvo estudada.

Exposta a metodologia e as técnicas por nós utilizadas importa referir, a importância do papel do investigador neste tipo de pesquisa qualitativa. O investigador é o responsável pela recolha e análise dos dados, tem que ser capaz de recuar e analisar criticamente as situações, reconhecer os enviesamentos, ser flexível e aceitar críticas.

O objecto de estudo do investigador passa por ter em linha de conta diversas realidades, ou seja, diferenciar aquilo que os mais diversos actores sociais “experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem” (cit. por Biklen; Bogdan, 1994:51). O investigador qualitativo usa todos os sentidos no acto da pesquisa, designadamente a visão, a audição, o tacto, o cheiro, o gosto em que todos são manuseados no próprio terreno para se proceder à colecta de dados.

É de salientar que o papel do investigador qualitativo é um papel impregnado de subjectividade, isto é, o investigador está consciente de si, dos seus sentidos e de todas as implicações que surgem no projecto de pesquisa. Embora os dados tenham subjacente toda e qualquer interpretação por parte do investigador, este tem, como objectivo “... construir conhecimento e não o de dar opiniões sobre determinado contexto.” (Biklen; Bogdan, 1994:67)

Quando o investigador e o investigado se encontram para uma entrevista, o investigador deve assumir uma determinada postura que engloba exigências de perspicácia, de tacto e atenção permanente, em simultâneo implica que, o investigador seja um bom ouvinte, este é um valor fundamental no sentido de identificar e clarificar incoerências discursivas, controvérsias entre os conteúdos da narração e os oriundos de outras fontes informativas.

Embora o encontro entre o investigador e o investigado tenha subjacente uma relação de confiança e um contexto quase informal, é indispensável que a conduta do próprio investigador tenha inerente questões éticas que primam qualquer trabalho científico.

Desta forma, tivemos presente na nossa investigação questões sustentadas pelo código deontológico que, desde logo, apresentamos à população-alvo do nosso estudo, tais como o tema e os objectivos de trabalho e garantimos também, o anonimato e a confidencialidade do conteúdo das entrevistas apenas para fins académicos.

Portanto, exposta a nossa metodologia de pesquisa importa reforçar que esta análise conta com a presença da triangulação metodológica, conceito basilar que nos permite desenvolver um esforço de complementaridade de métodos e técnicas. Uma das vantagens da triangulação metodológica assenta, no facto de esta nos dar informação diversificada e aprofundada, bem como assumindo ainda um maior grau de validade devido ao cruzamento de diferentes técnicas e métodos. Como contra partida exige mais tempo, mais custos financeiros e equipas pluridisciplinares. Através da triangulação atingimos, sempre, algum grau de complementaridade e conseguimos perceber as várias facetas que o nosso objecto de estudo tem.

Seguidamente apresentamos os resultados obtidos com o levantamento empírico efectuado.

5. Ronda pela Cidade: Missão de *Boa Vontade*

As observações do “programa ronda da caridade” foram efectuadas à sexta ou ao sábado, uma vez que este programa só se realizava nestes dias. Foram realizadas 4 rondas, nos dias 13 de Maio de 2011, no dia 21 de Maio de 2011, no dia 10 de Junho de 2011 e no dia 9 de Julho de 2011. Todas estas rondas tinham início às 21 horas nas instalações da LBV, onde se preparavam todos os alimentos para depois serem distribuídos na ronda. A saída das instalações para o início da ronda da caridade era sempre por volta das 22h30. A hora de regresso variava, dependendo dos utentes e da condição em que se encontravam, mas em média por volta das 5 horas da madrugada estávamos de regresso às instalações. Em média eram feitas cerca de 7 horas a 7h30 de observação. Nestas rondas era distribuído um kit, este era composto sempre por dois pães, um deles com compota, fruta (três peças) ou iogurtes (quatro), ou bolachas (um a dois pacotes), sopa e leite com chocolate.

No que respeita à categoria de análise “cenário das práticas” que envolve a dimensão coordenadas espaciais podemos mencionar o roteiro que *à priori* já está estabelecido antes da ronda. Verificamos que em média foram efectuadas cerca de 18 paragens por ronda, dependendo também dos fluxos dos Sem-Abrigo, mas as paragens eram: Loja do Cidadão; Areosa; Teatro Rivoli; Jardim do Carregal; Hospital de Santo António; Mercado do Bom Sucesso; Rua Júlio Dinis; Teatro Nacional São João; Rua da Restauração; Rua Santa Catarina; Rua Sá da Bandeira; Rua de Camões; Rua do Seixal; Rua Bento Jesus Caraça; Jardim Arca D’Água; Viaduto do Amial; Praça da República; Rua Dr. Alves Veiga; Rua Fernandes Tomas

Todos eles postos de paragem são ao ar livre, uns considerados postos de paragem dormitórios, outros como o nome indica apenas postos de paragem. Todas as vezes que foram realizadas estas rondas as condições climatéricas estavam favoráveis a esta acção, umas noites mais agradáveis do que outras, mas em nenhum dos dias choveu. Os cheiros eram intensos à medida que nos aproximávamos de alguns Sem-Abrigo e de alguns postos onde parávamos.

Uma outra categoria de análise que consta nas grelhas de observação são os actores sociais. Aqui a nível de dimensões fazemos uma distinção entre os públicos, isto é, os utentes, e a constituição da equipa de voluntários. Relativamente aos utentes constatamos que, ao longo destas quatro rondas, a presença de homens era muito maior do que a presença das mulheres, daria uma média de cinquenta e nove homens e apenas uma média de sete mulheres, simplificando:

Quadro nº 1: Caracterização dos utentes a nível de género por ronda

Nº de rondas da caridade	Utentes/ Género/Total
1ª Ronda	68 Masculino } 6 Feminino } 74 Utentes
2ª Ronda	58 Masculino } 6 Feminino } 65 Utentes
3ª Ronda	52 Masculino } 8 Feminino } 60 Utentes
4ª Ronda	61 Masculino } 9 Feminino } 70 Utentes
Média	59 Homens 7 mulheres

Os utentes tinham idades compreendidas entre os vinte e dois e os sessenta e oito anos de idade, mas verificava-se que a faixa etária predominante era dos trinta aos sessenta e oito. Estes utentes elegiam como local predilecto para dormir os passeios, debaixo de varandas, junto às urgências do hospital, em bancos do jardim etc... consigo acarretam tudo aquilo que lhes pertence. Convêm deixar claro que, nos postos apenas de paragem, os indivíduos deslocavam-se até à carrinha, mas nos postos considerados de dormitório os voluntários deslocavam-se até aos utentes, uma vez que os utentes já se encontravam deitados, perguntando-lhes calmamente o que desejavam para comer. Neste caso, era impossível observar o que os indivíduos vestiam e calçavam no momento, pois já se encontravam deitados. Todavia, nos postos de paragem conseguimos observar a forma como os indivíduos se apresentavam, isto é, a grande maioria vestia calças de ganga, camisolas e casacos, calçavam sapatilha ou sapatos, os utentes nestes postos de paragem ostentavam uma aparência mais “cuidada”.

No que respeita à constituição da equipa, que saía à noite pelas ruas do Porto às sexta feiras e aos sábados para ajudar os mais necessitados, esta é composta por um chefe de equipa, o responsável pela ronda que supervisionava todo o trabalho auxiliando todos os outros voluntários, e cinco voluntários. Cada voluntário encarregava-se de uma tarefa: distribuição do leite, ou sopa, ou kits ou ainda distribuição de agasalhos. Estas rondas da caridade promovidas pela LBV, em alguns casos, contam também com a participação de figuras públicas que mostram vontade de ajudar o próximo e se mostram desde logo

disponíveis em participar nas rondas. Uma destas quatro rondas contou com a colaboração de duas figuras públicas, a Marina Mota e o João Duarte.

Falando da categoria de análise “ronda da caridade” dividimo-la em quatro dimensões, isto é, i) antes da partida, ii) as dinâmicas durante a realização da ronda da caridade, iii) a logística e gestão da distribuição e por último, iv) o término da ronda da caridade. Portanto, todos os inícios de ronda se processavam da mesma forma, isto é, chegávamos às instalações preparávamos todos os alimentos, depois de tudo preparado e depois da distribuição de tarefas feita, vestíamos o colete de identificação, carregávamos a carrinha, o chefe de equipa ou a secretaria encarregava-se de fazer a contagem dos quilómetros, as amassadelas da carrinha e seguíamos rumo à primeira paragem.

No que respeita às dinâmicas podemos aferir que desde o início da ronda, e já nas instalações, se estabelecia uma boa relação entre a equipa de voluntários que passava posteriormente para os utentes. A relação que se estabelecia com os Sem-Abrigo era, com a grande maioria deles, de grande proximidade, uma vez que os Sem-Abrigo já eram conhecidos dos voluntários. A esta relação de proximidade acresce a presença das figuras públicas que tão bem “acarinham” os Sem-Abrigo e estes tentavam retribuir todo o afecto, chegando-se a eles para os cumprimentar, ou até mesmo o facto de estar presente um ou outro voluntário mais próximo, ou seja, apesar de haver uma boa relação com todos os voluntários, os utentes acabam por manifestar preferências.

Relativamente à logística, em cada posto de paragem cada um dos voluntários encarregava-se de uma tarefa, memorizando mentalmente aquilo que distribuía para posteriormente se fazer a contagem daquilo que foi dado, ou então a tarefa de secretário (a) ficaria a cargo de um dos voluntário. Nas quatro rondas realizadas foi distribuída uma média de oitenta kits por ronda, uma média de cinquenta e cinco leites por ronda e uma média de quarenta e três sopas por ronda. Esta distribuição variava de acordo com o número de utentes que eram atendidos numa noite, e também tínhamos que ter em conta que alguns dos beneficiários deste apoio usufruía mais do que um kit, leite ou sopa. Por conseguinte, toda esta gestão era feita em função da procura que tínhamos ao longo do programa ronda da caridade, sob pena de não ficarmos sem comida e sem roupa ao longo do percurso. Todos os utentes beneficiavam também de roupas, roupa interior e cobertores.

Como última dimensão da categoria da “ronda da caridade” apontamos então o término da ronda. Este também se processa sempre da mesma forma. Ao chegar às instalações da Instituição era descarregada a carrinha, o chefe de equipa ou o/a secretário/a faz novamente o relatório onde constam os quilómetros efectuados, e acrescenta a esse relatório a quantidade

que foi distribuída de cada alimento, o número de agasalhos, o número de utentes atendidos pelos voluntários da LBV. Depois de tudo preenchido e depois de a cozinha estar limpa abandonávamos as instalações rumo a casa dando assim por terminada mais uma ronda da caridade.

5.1. Análise da Informação Recolhida

Este capítulo procura expor os principais resultados conseguidos, acerca da temática do acompanhamento institucional dos Sem-Abrigo e a sua repercussão no quotidiano. Todo o trabalho desenvolvido, bem como as estratégias adoptadas vão dar resposta aos objectivos e às hipóteses teóricas do nosso trabalho.

Para tal, o princípio da constituição da nossa investigação qualitativa baseia-se numa amostra intencional por critérios, isto é, com base nas indicações facultadas pelos técnicos, foram seleccionados os Sem-Abrigo mais apropriados para o estudo em questão. Contudo, e no âmbito do “programa ronda da caridade” do qual participamos também foi-nos possível averiguar e aprofundar os níveis de conhecimento da realidade deste grupo social, os Sem-Abrigo, e percebemos que entrevistar toda a população seria uma tarefa bastante difícil e poderia não se constituir uma mais-valia. Por conseguinte, foi também definido um conjunto de critérios que nos permitiram saber se esses indivíduos eram ou não os mais indicados para entrevistar, como por exemplo a existência da eloquência no discurso, a inexistência de demência, o facto de não serem indivíduos agressivos. Estes critérios poderão justificar o número reduzido de entrevistados (Sem-Abrigo). Neste sentido, e seguindo o raciocínio de Thiollent (2005) as amostras intencionais são “um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto. Este princípio é sistematicamente aplicado no caso pesquisa-acção. Pessoas ou grupo são escolhidos em função de sua representatividade social dentro da situação considerada.” (Thiollent, 2005: 67)

Os dados aqui apresentados são resultado de observações feitas quer na instituição da LBV (onde foi feita uma observação) quer no “programa ronda da caridade” (onde efectuamos quatro observações); são também resultado de doze entrevistas, ou seja, oito aplicadas a Sem-Abrigo, três aplicadas a Voluntários da LBV, e uma aplicada à Assistente Social da LBV.

Desde já referimos que os nomes utilizados para identificar os Sem-Abrigo os voluntários e a Assistente Social entrevistados são fictícios de modo a salvaguardar o anonimato e privacidade dos indivíduos que compõem a nossa amostra.

Para conseguirmos apresentar os dados alcançados partimos para um cruzamento de dados das observações feitas, bem como procedemos a análise de conteúdo das entrevistas realizadas para capturarmos o lado mais simbólico e latente dos discursos dos entrevistados. Desta forma, proviemos à construção de grelhas de análise onde consta a síntese analítica acompanhada por excertos dos entrevistados que nos permita uma maior aproximação entre a empiria e a realidade social.

Uma vez efectuado o tratamento das informações recolhidas torna-se fulcral apresentar as conclusões alcançadas, efectuando a sua ligação com as hipóteses de pesquisa inerentes à investigação científica. Os dados serão apresentados tendo em conta quatro categorias de análise (caracterização sócio-demográfica, dimensão sócio-cultural, dimensão sócio-institucional e a dimensão religiosa da instituição) expondo as respostas dos diferentes entrevistados e cruzando a informação sempre que possível.

Num primeiro momento da nossa análise tentamos fazer uma caracterização sócio-demográfica da nossa população-alvo, com o apoio das entrevistas aos voluntários, à assistente social e aos próprios Sem-Abrigo. De acordo com esta dimensão de análise pudemos constatar que a presença de homens Sem-Abrigo é mais assídua do que a presença de mulheres Sem-Abrigo na rua. São, na sua grande maioria, homens na faixa etária dos trinta aos sessenta e oito anos de idade, estão divorciados têm uma média de dois filhos ou nenhum, e têm como habilitações literárias a 4^oa classe e o 7^oano.²

² Ver Anexo III - Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

Quadro nº 2: Caracterização sócio-demográfica da população Sem-Abrigo

Entrevistados	Idade	Género	Habilitações literárias	Estado civil	Nº filhos
Filipe	34 Anos	Masculino	9º Ano	Divorciado	2
Ana	38 Anos	Feminino	7º Ano	Divorciada	0
Zé	39 Anos	Masculino	4ª Classe	Divorciado	2
Manuel	40 Anos	Masculino	7º Ano	Divorciado	3
Jorge	45 Anos	Masculino	4ª Classe	Divorciado	3
António	48 Anos	Masculino	4ª Classe	Solteiro	0
Américo	52 Anos	Masculino	4ª Classe	Solteiro	0
Bernardino	68 Anos	Masculino	5º Ano	Divorciado	2

Os dados acima elencados, no quadro nº 2, foram também avançados com as observações efectuadas ao longo do “programa ronda da caridade”. No decorrer destas rondas conseguimos apurar que por noite eram sempre atendidos mais homens do que mulheres, ou seja, em média por ronda, eram atendidos cerca de cinquenta e nove homens e apenas uma média de sete mulheres (ver quadro nº 1: Caracterização dos utentes a nível de género por ronda.)

Estes indivíduos, e como conseguimos apurar através das observações efectuadas, encontravam-se em dois tipos de paragens, ou seja, nos postos de paragem, e nos postos dormitórios, os locais eleitos por estes indivíduos para pernoitar, essencialmente passeios, debaixo das varandas, junto às urgências do hospital, em bancos do jardim, etc, sempre perto dos seus bens (ver Ronda pela cidade: Missão de *Boa Vontade*). A autora Alves in Carmo (1996) confirma esta teoria, “em relação à escolha do sitio para dormir (...) próximo da esquadra da PSP (...) urgências dos hospitais (...)” (Alves in Carmo, 1996:67)

A apresentação destes dados corrobora uma das hipóteses teóricas desta investigação, denominada como a condição de Sem-Abrigo varia conforme o género, destacando-se a população masculina. Quando questionávamos os entrevistados (Sem-Abrigo, voluntários e Assistente Social) acerca do género que mais recorria ao apoio prestado pela LBV, a resposta tinha o mesmo denominador comum, homens, embora também já se comece a notar a presença de mulheres na rua, mas alegam que “ as mulheres são poucas, a rua é perigosa para elas. Mas tenho visto mais agora.”³. A mesma reposta era-nos dada pelos voluntários “

³ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

masculino... entre 100 beneficiários regulares assistimos em média 4/5 mulheres.”⁴ Para completar esta ideia fraseamos a resposta dada pela assistente social “ são homens na sua maioria, em termos de faixa etária... talvez dos trinta e cinco aos cinquenta anos de idade, também temos um ou outro mais novos, assim como um ou outro mais velho.”⁵

No que respeita à caracterização sócio-demográfica dos voluntários entrevistados, uma vez que também fazem parte da nossa amostra, verificamos que estes têm idades compreendidas entre os vinte e dois e os trinta e seis anos de idade, dois deles são chefes de equipa e são do sexo masculino tendo em comum as habilitações literárias, 12º ano, e o facto de já exercerem voluntariado há algum tempo, a outra voluntária tem uma licenciatura em Educação Social, participa nas rondas desde Dezembro de 2010 no âmbito do estágio curricular.

Quadro nº 3: Caracterização sócio-demográfica dos voluntários da LBV

Entrevistados	Idade	Género	Habilitações literárias	Estado civil	Há quanto tempo exerce voluntariado na LBV
Xavier	25	Masculino	12º Ano	Solteiro	Há 11 anos
Joana	36	Feminino	Licenciatura em Educação Social	Solteira	Há 7 meses
Francisco	22	Masculino	12º Ano	Solteiro	Há 5 anos

⁴ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos voluntários

⁵ Ver Anexo IV - Transcrição da Assistente Social

A Assistente Social é licenciada em Serviço Social e tem uma pós graduação em Gerontologia Social tem trinta e cinco anos de idade e trabalha nesta instituição desde Abril de 2002.

Quadro nº 4: Caracterização sócio-demográfica da Assistente Social da LBV

Entrevistada	Idade	Género	Habilitações literárias	Estado civil	Tempo de permanência na instituição
Daniela	35	Feminino	Licenciatura em Serviço Social e uma pós graduação em Gerontologia Social	Casada	Há 9 anos

Uma outra categoria de análise por nós estudada foi a dimensão Sócio-cultural. Aqui, era nosso objectivo perceber o percurso de vida dos Sem-Abrigo até ter chegado à instituição LBV, como se sentem e o que fazem no dia-a-dia, qual a relação que hoje mantêm com os familiares, as recordações que guardam do primeiro dia na rua e quais os factores que os impulsionaram a esta condição de Sem-Abrigo.

Neste sentido, e segundo a análise das entrevistas e através de algumas questões de filtro verificamos que, nem todos os indivíduos se encontram na situação de Sem-Abrigo. Quer isto dizer que, cada vez mais se começa a observar situações deste tipo, pessoas que têm casa, mas que por diversas razões estão a passar por momentos difíceis, por dificuldades a nível económico ou familiar e os levam desta forma a recorrer à LBV e também a outras instituições que os ajude a suprir as necessidades básicas, nomeadamente a nível de alimentação e agasalhos; podemos comprovar esta situação com aquilo que o voluntário Xavier nos diz “... não são todos Sem-Abrigo, são também pessoas que recorrem por um meio de subsistência e cada vez mais se nota isso.”⁶ Todavia, encontramos indivíduos que passam por situações mais delicadas, que não têm casa e por isso se vêm como que obrigados a fazer da rua a sua casa, o seu tecto. Um dia, a estes Sem-abrigo já foi proporcionado a felicidade do que é ter uma casa, uma vida estável, uma família, amigos e emprego.⁷ No entanto, existe um conjunto de factores inerentes à condição de Sem-Abrigo que por uma

⁶ Ver Anexo III - Análise horizontal das entrevistas dos voluntários

⁷ Ver Anexo III - Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

razão ou por outra os "obrigaram" a largar tudo, tais como álcool, toxicodependência, problemas familiares, modelos de organização familiar, desemprego, e há ainda indivíduos que estão na rua porque querem⁸, isto é, "pessoas Sem-Abrigo escolhem deliberadamente vagarear pelas ruas, dormindo nelas, livres dos constrangimentos da propriedade e da posse de bens". (Giddens, 2004:330) Estes dados também foram adiantados pelos voluntários da LBV⁹ e pela assistente social.¹⁰ "Tentei regressar ao lar, sim. Mas não conseguia viver sem a droga e os meus pais disseram "Ou deixas a droga, ou vais para a rua de novo." Depois comecei a roubar coisas de casa para combater a ressaca, enfim. Não me orgulho disso." «Américo»

"Tinha uma vida e uma família estável, e continuo a ter. A minha família graças a Deus apoia-me naquilo que eu preciso, eu estou aqui porque quero. Antes de estar na rua trabalhava era chapeiro de automóveis, agora não tenho trabalho porque não posso, queimei-me em último grau e não tenho força nos braços" (...) "está aqui porque quer? E a sua família alguma vez fez com que o senhor regressasse ao lar, a casa, alguma vez houve essa tentativa por parte da sua família?" (...) "muitas vezes a minha família me disse para regressar ao lar, mas eu habituei-me a isto, paciência." «Jorge»

Estes dados permite-nos corroborar a hipótese teórica de que a emergência dos Sem-Abrigo resulta de factores diversos como por exemplo a toxicodependência, o alcoolismo, a precariedade de emprego, a modificação das estruturas familiares, ou as deficientes políticas de saúde, de educação, de habitação e de segurança social. Complementando esta ideia, expomos a reflexão do autor Almeida (1994) "o desemprego, que constitui um traço estrutural das economias, tende a vulnerabilizar a situação das pessoas e das famílias por ele atingidas" (...) "outro factor ligado à produção e reprodução de pobreza e à sua evolução recente relaciona-se com os modelos de organização familiar." (Almeida, 1994:169-170) Seguindo ainda o mesmo raciocínio, e conforme nos diz a autora Alves in Carmo (1996) "pode-se falar em alcoolismo como causa ou como consequência de miséria e da marginalização de que é vítima a população Sem-Abrigo." (Alves in Carmo, 1996:61) Por seu turno, Giddens (2004) diz-nos que "grande parte dos Sem-Abrigo não são ex-doentes mentais, nem alcoólicos ou consumidores regulares de drogas ilegais. São pessoas que acabaram por se encontrar nas ruas devido a problemas pessoais, muitas vezes mais do que um em simultâneo. Tornar-se Sem-Abrigo raramente é resultado de uma sequência directa de causa-efeito. O desemprego de

⁸ Ver Anexo III - Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

⁹ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos voluntários

¹⁰ Ver Anexo IV - Transcrição da entrevista da Assistente Social

longa duração é um bom indicador. As quebras de relações amorosas e familiares parecem ser também influências-chave” (Giddens, 2004:331)

A nossa população-alvo recorda o seu primeiro dia na rua como algo penoso, crítico e bastante problemático, pois o facto de se encontrarem naquela situação, sem saber onde dormir, o que comer, e sem dinheiro nos bolsos era algo que os inquietava imenso e continua inquietar de certa forma. A maior parte destes indivíduos, apesar de terem familiares, sentem-se sozinhos, inferiorizados e ignorados por parte da sociedade, embora alguns mantenham contacto com familiares, sobretudo com os filhos. Adiantam-nos ainda que a instituição LBV é como uma família para eles devido ao trabalho que os voluntários desenvolvem, e pelo facto destes, terem sempre uma palavra amiga para dar aos Sem-Abrigo e às pessoas económica e emocionalmente carenciadas. Portanto, e segundo Alves in Carmo (1996) a noção de Sem-Abrigo não nos indica apenas que o indivíduo não tem tecto, mas conjuga uma série de factores também eles importantes para a estabilidade do indivíduo, tais como, os laços familiares, as relações pessoais, as condições de vida satisfatória e a integração na sociedade.

Estes indivíduos, os Sem-Abrigo e os indivíduos que por diversas razões recorrem ao apoio prestado pela LBV, passam o dia a estacionar carros, em casa, ou simplesmente não fazem nada para combaterem os momentos de solidão pelos quais passam. Para eles todos os dias são iguais, não festejam o seu aniversário, o natal, a Páscoa, etc.¹¹ A Assistente Social e os voluntários da LBV caracterizam estes indivíduos como um grupo social heterogéneo pessoas desmotivados, com baixa auto-estima, desacreditados, pessoas que não têm rendimentos certos, não têm objectivos, pessoas perdidas, e depois também é como que uma bola de neve do género se já fiz isto também posso fazer aquilo... pronto com uma série de problemas... problemas até com a justiça.¹²

Ainda relativamente à dimensão sócio-cultural, mas segundo os voluntários e a Assistente Social o trabalho que a LBV desenvolve passa por satisfazer as necessidades básicas a nível da alimentação e de agasalhos e minorar as dificuldades destes indivíduos. O objectivo do “programa ronda da caridade” visa não só suprir este tipo de necessidades, mas também fazer-lhes chegar uma palavra de conforto, de amizade na tentativa destes utentes mudarem, em busca de uma melhor qualidade de vida. Todo este trabalho conta com a colaboração dos voluntários, e em casos mais específicos, conta também com a ajuda da assistente social, ou seja, quando nos deparamos com situações de indivíduos que realmente pretendem mudar de vida, de comportamento, de atitude e encontrar um outro (caminho

¹¹ Ver Anexo III - Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

¹² Ver Anexo III e Anexo IV

certo?), são feitos todos os possíveis por parte da LBV, e da Assistente Social em encaminhar essas pessoas para as instituições capazes de responder às suas necessidades. O essencial, e o primeiro passo para o desenvolver de todo este trabalho passa por estabelecer relações de proximidade, de confiança e de amizade com os utentes para que eles percebam que toda a equipa da LBV está disposta a ajudar e a resolver possíveis problemas, dentro das suas limitações, contribuindo desta forma para a sua transformação social e cultural.¹³

A dimensão institucional tem também uma grande relevância para o nosso estudo. Aqui é nosso objectivo perceber o grau de envolvimento dos utentes com instituição que lhes presta apoio e perceber também se a LBV tem condições que possam potenciar a reinserção social dos utentes. Segundo o que conseguimos indagar nos discursos dos Sem-Abrigo, a instituição LBV é conhecida no seio desta comunidade, nomeadamente pelo bom trabalho que os voluntários desenvolvem, trabalho este, que os utentes admiram e agradecem. Consideram inclusive, haver relações de amizade para com os voluntários, abordam-nos como amigos, familiares e até confidentes. Todavia, a maior parte deste indivíduos apenas tiveram conhecimento da instituição LBV através do “programa ronda da caridade” e não por iniciativa própria.¹⁴

Os beneficiários deste apoio social mostram um certo desconhecimento das condições da instituição a nível da reinserção social, não obstante, proferem que tendo “um nome grande e bastante conhecido”, à partida terá condições a nível da reinserção, dizem ainda que há por parte dos voluntários palavras de apoio e de incentivo a essa mudança, à reinserção social. A esta questão os voluntários responderam que a LBV tem condições dentro das suas limitações, porém, quando a LBV não consegue dar resposta a toda a procura, a LBV encaminha os casos para instituições competentes e capazes de responder a essas necessidades, associam ainda a importância do trabalho desenvolvido pela LBV para o retorno do Sem-Abrigo ao lar.¹⁵ Por seu turno, a resposta da Assistente Social vai de encontro aquilo que os voluntários explicaram, “temos condições, embora estando limitados... mas estamos atentos e quando surge algum caso também fazemos os possíveis e os impossíveis para analisar a situação e encaminhar para as instituições que consigam dar resposta.”¹⁶ Neste sentido, talvez os dados não sejam conclusivos. Podemos afirmar que as condições da instituição ao nível da reinserção verificam-se até determinado ponto, ou seja, há por parte da instituição a preocupação e o incentivo para que os Sem-Abrigo regressem ao lar, no entanto, quando não

¹³ Ver Anexo III e Anexo IV

¹⁴ Ver Anexo III - Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

¹⁵ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos voluntários

¹⁶ Ver Anexo IV – Transcrição da entrevista da Assistente Social

conseguem dar resposta aos problemas destes utentes, encaminham estes casos para outras instituições capazes de solucionar o problema. “Hum... não sei menina, não tenho conhecimento disso, mas com certeza que deve ter, uma instituição com o nome tão grande, penso que deve ter.” «Ana»

“Temos condições, embora estando limitados... mas estamos atentos e quando surge algum caso também fazemos os possíveis e os impossíveis para analisar a situação e encaminhar para as instituições que consigam dar resposta e já passaram por aqui situações. Depois de encaminhar a situação acabamos por perder o contacto...” «Daniela, Assistente Social»

Com os resultados conseguidos, verificamos que nenhum dos utentes se encontra inserido em actividades promovidas pela LBV, portanto, pudemos avançar com a ideia de que o grau de envolvimento dos Sem-Abrigo com a instituição é negativo.¹⁷

Relativamente às questões dadas pelos voluntários e a assistente social acerca da dimensão sócio-institucional, a LBV é considerada pelos voluntários como uma instituição sólida, organizada e de carácter religioso, pela qual eles dão tudo de si na tentativa de chegarem até aos beneficiários através da sua palavra amiga incentivando-os a sair da rua. Por sua vez, a assistente social acrescenta ainda que “a instituição tem uma dimensão religiosa, tendo como lema, o trabalho desenvolvido é sobretudo para a educação. Existem vários projectos em que se pode verificar precisamente o lema da instituição, nomeadamente o “projecto de apoio às crianças”, “o programa sorriso feliz” que visa fomentar hábitos de higiene oral, educar, e é também uma instituição cultural. Este trabalho que é feito junto dos Sem-Abrigo é no fundo minimizar a situação em que as pessoas estão, tentar dar-lhes esperança, tentar ajuda-los satisfazendo-lhes as necessidades básicas, mas também depende sobretudo delas...”¹⁸ A Assistente Social acrescenta ainda que recorrem a algumas fontes de divulgação da instituição nomeadamente, a um programa de rádio que a instituição tem bem como o serviço de telemarketing, os meios de comunicação, o site e também aponta os voluntários como uma excelente forma de divulgação.

No que respeita às valências da instituição, os voluntários entrevistados apenas se encontram inseridos no “programa ronda da caridade”, porém, afirmam que a instituição tem outros programas sociais. Ao questionar a assistente social acerca das valências da instituição, a resposta completa a que nos foi dada pelos voluntários, “temos o “programa um passo em frente” que visa o apoio a familiares, nomeadamente a nível da distribuição de alimentos a pessoas carenciadas (...) Depois surgiu o “programa semente da boa vontade” que visa o

¹⁷ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

¹⁸ Ver Anexo IV - Transcrição da entrevista da Assistente Social

apoio à criança, as crianças estão connosco durante as férias escolares, durante o ano lectivo estão ao Sábado de manhã, procuramos em consonância com a própria filosofia da instituição transmitir princípios positivos (...) Mais tarde surgiu o “sorriso feliz”, cujo lema é informação prevenção e tratamento da saúde oral (...) Em 2004 surgiu o “viva mais”, no fundo temos a valência de centro de convívio, há um espaço dedicado à terceira idade (...) fazem voluntariado, isto é, fazem enxovais para mães carenciadas, é uma forma também de se sentirem úteis, portanto o objectivo deste programa é aumentar a qualidade de vida destas pessoas (...) é um trabalho que tem já uma dimensão muito grande, e pronto fazemos os possíveis e também os impossíveis... lá está e não é só quantidade, procuramos também por fazer sempre um trabalho de qualidade e nem sempre é fácil”¹⁹ Perante todas estas ofertas de oportunidade e acrescentando o programa ronda da caridade, são actividades que fomentam o trabalho dos voluntários. Como nos adiantou a assistente social, a instituição conta com o trabalho desenvolvido pelos voluntários para fazerem chegar junto dos utentes todo o esforço desenvolvido, neste sentido, a ronda é um excelente exemplo, pois esta funciona com voluntários, e são eles que dão a cara pela instituição neste tipo de trabalho.

Quando questionávamos os voluntários e a Assistente Social se a instituição contribuía para alterar as trajetórias sociais dos Sem-Abrigo no sentido de os dotar de instrumentos que potenciam a sua autonomia na busca de uma melhor qualidade de vida, na opinião dos voluntários foi-nos dito que contribuía; a LBV ajuda-os e incentiva-os a sair da rua em busca de uma melhor qualidade de vida, embora se reconheça também alguns casos de resistência à mudança, o que poderá expressar, de certa forma, que para muitos o apoio assistencialista seja suficiente, fomentando assim o conformismo e a resistência à mudança.²⁰ Desta forma, talvez a importação do conceito acomodação para o nosso projecto de investigação acabe por fazer sentido, na medida em que quando entrevistávamos os Sem-Abrigo, verificávamos que havia, por parte deles, resistência à mudança, ou seja, afirmavam-nos que estavam na rua porque queriam. Contudo, e segundo Alves in Carmo (1996) temos que ter em consideração a conjugação de alguns factores que nos permite identificar a acomodação do Sem-Abrigo à situação em que se encontra. Assim, “ há que considerar o tempo em que o indivíduo recebe apoio social. Se é beneficiário desse apoio durante mais de um ano, significará que a sua situação não tem tido evoluções consideráveis para se tornar autónomo do mesmo. (...) Os tipos de apoio que recebe (...) Conjugando o tipo com o tempo de apoio social e se verificar que recebe vários tipos de apoio e durante mais de um ano, poderá significar que existe

¹⁹ Ver Anexo IV – Transcrição da entrevista da Assistente Social

²⁰ Ver Anexo IV – Análise horizontal das entrevistas dos voluntários

acomodação à situação, uma vez que não se registam sinais evidentes de mudança da mesma.” (Alves in Carmo, 1996:30) Por conseguinte a Assistente Social diz-nos que o trabalho contribui sempre para alterar as trajetórias destes indivíduos, inclusive adianta-nos ainda que “ em 2009 demos um curso de trolha, portanto efectivamente era um curso de formação profissional (...) não temos assim ao nível da inserção profissional... mas tentamos dar dicas, podíamos fazer mais, mas ao nível do trabalho aqui também não fazemos devido às limitações (...) Agora claro que há casos de resistência, é uma opção de vida e não há nada a fazer (...) Quando elaboramos um projecto de vida temos que ter sempre em conta o que o outro quer ”²¹

Por último, resta-nos apresentar os dados relativamente à dimensão religiosa e institucional. Aqui, importa-mos perceber o grau de envolvimento dos utentes com a vertente religiosa da instituição LBV. Segundo os dados que conseguimos, verificamos que os utentes não estabelecem um vínculo religioso com a instituição, ou seja, os utentes desconhecem que a instituição LBV tem um forte cunho religioso e desconhecem também de que forma esta instituição promove o bem-estar e o respeito entre as várias religiões, não conhecem a prática ecuménica da instituição. A única coisa que eles manifestam conhecer da instituição é a carrinha, os voluntários e o trabalho por eles desenvolvido.²² Segundo a opinião dos voluntários, estes acreditam que não haja uma interferência espiritual e religiosa nos Sem-Abrigo, uma vez que por exemplo, só participa nas reuniões ecuménicas quem quer. Durante a ronda é também distribuído o jornal “Viva Jesus” com textos religiosos, e é certo que a maior parte dos utente não lê, não acredita e a instituição respeita.²³ O mesmo nos foi adiantado pela Assistente Social, apesar de a instituição ter uma dimensão religiosa e desenvolver trabalho nesse âmbito e de acordo com os princípios da filosofia que norteiam a instituição, não é inculcado aos beneficiários deste tipo de apoio condicionamentos no seu comportamento.²⁴

Portanto, uma vez mais, não temos dados conclusivos para perceber se o apoio da LBV favorece uma inculcação espiritual e religiosa aos beneficiários capaz de possibilitar a sua reinserção social.

A acrescentar a esta dimensão religiosa da instituição temos as opiniões dos voluntários acerca da sua identificação, ou não, com os valores que norteiam a instituição. Relativamente a esta questão, temos respostas divergentes, o que posteriormente influenciará

²¹ Ver Anexo IV – Transcrição da entrevista da Assistente Social

²² Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

²³ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos voluntários

²⁴ Ver Anexo IV – Transcrição da entrevista Assistente Social

a questão que se segue, ou seja, se essa identificação foi fundamental para a sua decisão de se tornar voluntário. Foram várias as motivações que moveram os voluntários a ingressarem neste trabalho, nomeadamente, “a vontade de ajudar o próximo, o interesse na população Sem-Abrigo, etc”²⁵, contudo, “é identificável uma certa prevalência das motivações de índole religiosa e da menção ao bem-estar pessoal proporcionado pelo voluntariado. Neste domínio, há ainda a referir que o voluntariado frequentemente não é um acto puramente altruísta, antes satisfaz necessidades e interesses do voluntariado (...)” (Delicado, 2002:227)

Para concluir este capítulo é de salientar que os dados apresentados, apesar de minuciosos e plausíveis, não finalizam em si, conclusões ou representatividade completas. Desta forma, deixa-se em aberto a recolha posterior de informações, isto é, exploração de novos conceitos, de novos horizontes, de forma a obter resultados mais engrandecidos e analíticos que poderão conferir a esta temática outras conceptualizações.

²⁵ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos voluntários

Considerações Finais

O estudo por nós desenvolvido teve como objectivo perceber se o apoio prestado pela LBV influencia ou potencia a reinserção social dos Sem-Abrigo. Com o avançar desta investigação, e com a experiência no terreno sentimos necessidade de afunilar os nossos objectivos na tentativa de elaborar um retrato social da nossa população alvo, isto é, conseguir caracterizar a população por nós escolhida e compreender todo o processo de acompanhamento dado pela LBV a estes indivíduos. Era também nosso objectivo mais específico identificar as apostas institucionais por parte da LBV, de combate à exclusão social, analisar a conduta social dos Sem-Abrigo até chegarem à LBV e consequentemente verificar o grau de envolvimento que estes indivíduos mantêm com a instituição. Neste sentido, e como é uma instituição de cariz religioso, importava-nos também perceber se existia alguma interferência espiritual/religiosa no acompanhamento institucional oferecido pela LBV. No que concerne à nossa amostra tivemos, em primeiro lugar, de a definir, para posteriormente recolher a informação necessária para responder aos nossos objectivos e às nossas hipóteses de trabalho. Assim, a nossa amostra é uma amostra intencional por critérios, isto é, foram-nos indicados pelos técnicos e segundo um conjunto de critérios, nomeadamente a existência da eloquência no discurso e a inexistência de demência, os Sem-Abrigo mais indicados para serem entrevistados.

Contudo, e ao longo deste percurso, verificamos que, a LBV presta não só apoio aos Sem-Abrigo, como também aos indivíduos que, por diversas razões, atravessam dificuldades. O denominador comum destes indivíduos passa pela necessidade de terem alguém que, pontualmente, os auxilie e os vá ajudando a suprir as necessidades básicas, nomeadamente a nível da alimentação, da bebida, ao nível de agasalhos e os vá confortando sempre com uma palavra amiga, terem alguém que os ouça, que lhes sirva de confidente. Ou seja, mais do que auxílio prestado a estes a nível alimentar e de agasalhos, os beneficiários do apoio prestado pela LBV têm um disfuncionamento em termos de integração social, que os leva a não ter com quem falar, com quem desabafar, com quem partilhar a sua visão do mundo. Este é também o papel determinante que a equipa de voluntários desempenha, o de ouvir estes indivíduos, tentar levar-lhes uma mensagem de esperança, dar um reforço positivo, fazê-los entender que “há vida há esperança”, como defende a filosofia da instituição. Outro aspecto determinante desta equipa é não só suprir as necessidades físicas, mas também contribuir para minorar os desequilíbrios emocionais que os utentes têm.

A sociedade actual está marcada por grandes alterações sociais que prejudicam os mais variados grupos que constituem a sociedade, referimo-nos neste caso, aos Sem-abrigo, talvez não sejam feitos os esforços suficientes por parte das entidades competentes para mudar o *status quo* das coisas. No entanto, há instituições como a LBV, e outras, que mobilizam voluntários para minorar o estado real das coisas, contudo, estes atravessam também muitas dificuldades porque, “em épocas caracterizadas por mudança profunda, que exige alteração das mentalidades e dos comportamentos no sentido de acompanhar essa mudança, corre-se sempre o risco da não aceitação, da rigidez do pensamento, do apego aos costumes e crenças antigos, de sentimentos negativos face a tudo o que é novo. A mudança suscita sempre reacções contrárias ao processo em curso o novo provoca oposição e fechamento, por medo, por desconhecimento ou por ignorância. O indivíduo que não compreende a mudança torna-se-lhe hostil.” (Carmo, 1996:381)

Para que a instituição consiga desenvolver todo este trabalho junto dos Sem-Abrigo, conta com a preciosa ajuda de uma equipa de voluntários. Estes manifestam como principais motivações a vontade de ajudar o próximo, o interesse pela população Sem-Abrigo, admitem ser um trabalho gratificante cujo saldo daquilo que levam e do que trazem dessa experiência é bastante positivo, embora na maioria dos casos não consigam mudar a vida destes indivíduos.²⁶ Todo este trabalho desenvolvido pelos voluntários é bem conhecido e reconhecido no seio da comunidade Sem-Abrigo.

Neste sentido, realçamos a importância da missão e da visão da instituição, ou seja, a visão da LBV passa pela capacidade que esta tem e pelos indivíduos que mobiliza para tentar melhorar a qualidade de vida dos seus utentes, tentar recuperar indivíduos que tenham momentos difíceis na vida ficando privados de bens essenciais. Note-se que, a missão da LBV é muito sustentada no carácter religioso e na prática ecuménica onde a abertura a pessoas, independentemente das crenças, das raças é permitida.

Por conseguinte, e depois de uma maior aproximação ao terreno, adoptando a metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas e observações e cruzando a informação recolhida, conseguimos encontrar algumas respostas ao nosso objecto de estudo. Segundo Guerra (2006) o “trabalho sociológico, a focalização não se faz geralmente nas dimensões particulares, mas sim nos fenómenos sociais colectivos, pelo que é através da comparação das entrevistas que se organiza a apresentação do material.” Guerra, 2006:83)

²⁶ Ver Anexo III – Análise horizontal das entrevistas dos voluntários.

Desta forma, conseguimos apurar que a nossa população alvo é maioritariamente do sexo masculino, com idades compreendidas entre os trinta e quatro e os sessenta e oito anos de idade, divorciados na sua grande maioria, estudaram até à 4ª classe e têm uma média de dois filhos ou nenhum.²⁷ Estes dados permitiram-nos corroborar uma das nossas hipóteses de : a condição de Sem-Abrigo varia conforme o género, destacando-se a população masculina.

Quando questionávamos os nossos entrevistados acerca do seu percurso de vida e dos factores inerentes à sua situação de Sem-Abrigo, estes mencionavam que até então sempre tiveram uma vida estável, com família; contudo e por outros factores adversos acabaram por “estragar” a vida, ou seja, viram-se desempregados, e/ou com problemas com álcool/toxicod dependência. Estas informações permitiram-nos também corroborar outra hipótese de trabalho inicialmente por nós lançada: a emergência dos Sem-Abrigo resulta de factores diversos como por exemplo a toxicod dependência, o alcoolismo, a precariedade de emprego, a modificação das estruturas familiares, ou as deficientes políticas de saúde, de educação, de habitação e de segurança social.

Os beneficiários do apoio prestado pela LBV (Sem-Abrigo) mostram um certo desconhecimento das condições da instituição ao nível da reinserção social, apesar de pronunciarem que, sendo “uma instituição com um nome tão grande e reconhecido” terá, à partida, condições a esse nível. Por seu turno, esta questão foi-nos avançada pela assistente social da instituição, informando-nos que a instituição embora esteja limitada, tem condições para tentar a (re)inserção social, quer isto dizer que, quando surge algum caso que a LBV não consiga dar resposta, encaminham para outras instituições capazes de solucionar o problema. Assim, e como temos dados pouco conclusivos fica em aberto a hipótese de trabalho lançada por nós relativamente às condições da instituição favoráveis à reinserção social dos beneficiários do apoio da LBV.

Relativamente ao grau de envolvimento dos utentes com a instituição e com a sua prática religiosa e ecuménica, este parece não ser tão positivo, ou seja, os beneficiários do apoio prestado pela LBV apenas conhecem o trabalho desenvolvido pelos voluntários, e nada conhecem acerca das instalações da instituição. Desta forma, proferem não conhecerem nem a prática religiosa e espiritual da instituição, nem a forma como a LBV promove o bem-estar entre as diferentes religiões. Assim, e uma vez que os utentes mostram desconhecimento a este nível, deixamos em aberto a hipótese de que o apoio prestado pela LBV favorece uma inculcação espiritual/religiosa aos beneficiários capaz de possibilitar a sua reinserção social.

²⁷ Ver Quadro nº 2: Caracterização sócio-demográfica da população Sem-Abrigo

Expostos os dados por nós conseguidos, importa clarificar se os objectivos por nós propostos no início do nosso plano de investigação foram ou não cumpridos. Neste sentido, importa clarificar que nem todos os objectivos por nós definidos foram cumpridos, o que de certa forma nos impede de apresentar conclusões lineares, consequência da conotação pouco explorada de algumas variáveis, nomeadamente ao nível da reinserção social, ao nível da prática religiosa/espiritual da instituição e ainda ao nível das apostas institucionais de combate à exclusão social. Esta última foi abordada, de uma forma geral, pela assistente social, quando nos comunicou que em 2009 a instituição deu aos seus beneficiários um curso de formação profissional. Contudo, esta questão poderia ter sido mais explorada, na tentativa de perceber se há por parte da instituição apostas a este nível, apostas capazes de responder aos fenómenos da exclusão social que estes indivíduos vivenciam.

Nem sempre o tempo disponível foi suficiente para efectuar a aproximação à realidade, uma vez que estávamos dependentes da disponibilidade da instituição para avançar para o terreno e conseguir uma proximidade com o nosso objecto de estudo tantas vezes como desejaríamos.

Por conseguinte, temos consciência que a ciência é resultado de uma produção inacabada e que neste sentido existem sempre novos quadros de questionamento que acabam por emergir ao longo da investigação abrindo sempre caminho para a necessidade de investigações científicas futuras.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de, (coord.) (1994) - *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Universidade Aberta. ISBN: 972-674-137-8
- ALMEIDA, João Ferreira de; CAPUCHA, Luís; COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís; NICOLAU, Isabel; REIS, Elizabeth (1992) – *Exclusão Social: Factores e Tipos de Pobreza em Portugal*. Oeiras: Celta Editora. ISBN: 972-8027-00-1
- ALMEIDA, João Ferreira de; PINTO, José Madureira (1995) – *A Investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença. ISBN 972-23-1231-6
- ALVES, Sandra Cristina Nunes (1996) – “Os Sem-Abrigo: (Sobre)vivências de Rua”. In CARMO, Hermano (coord) (1996) – *Exclusão Social: Rotas de Intervenção*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Dep. Legal: 99372/96
- AMARO, Rogério Roque (coord.) (2002) – *O Voluntariado nos Projectos de Luta contra a Pobreza*. Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários. Dep.Legal: 177969/02
- ARAÚJO, Henrique Gomes de; SANTOS, Paula Mota; SEIXAS, Paulo Castro [coords.] (1998) – *Nós e os Outros: A Exclusão em Portugal e na Europa*. Porto: Gradiva Publicações Lda. ISBN 972-560-020-7
- BARRETO, António; PONTES, Joana – *Portugal, Um Retrato Social. Nós e os Outros - Uma Sociedade Plural 04*. Público – Comunicação Social, S. A. ISBN 978-989-619-130-6
- BENTO, António; BARRETO, Elias (2002) – *Sem-Amor, Sem-Abrigo*. Lisboa: Climepsi Editores. ISBN 972-796-070-7
- BERGER, Peter (2001). A Desseccularização do Mundo: uma visão global. In: *Religião e sociedade* V. 21, N. 1.

- BIKLEN, Sari Knopp; BOGDAN, Robert C. (1994) – *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora. ISBN 972-0-34112-2

- BOURDIEU, Pierre (2003) – *A Miséria do Mundo*. Editora Vozes, Petrópolis. ISBN: 85-326-1818-9

- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes (1998) – “Pobreza, Exclusão Social e Marginalidades”. In COSTA, António Firmino da; VIEGAS, José Manuel Leite, (orgs.) – *Portugal, que Modernidade?* Oeiras: Celta Editora, pp. 209-242. ISBN 972-8027-90-7

- CARMO, Hermano (coord.) (1996) – *Exclusão Social: Rotas de Intervenção*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Dep. Legal: 99372/96

- CARREIRA, Henrique Media (1996), *As Políticas Sociais em Portugal*. Lisboa: Gradiva.

- COSTA, Alfredo Bruto (2007) – *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda. ISBN 978-972-662-612-1

- COSTA, Alfredo Bruto (coord.); BAPTISTA, Isabel; PERISTA, Pedro; CARRILHO, Paula (2008) – *Um Olhar Sobre a Pobreza – Vulnerabilidade e Exclusão Social no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Gradiva – Publicações, S. A. ISBN 978-989-616-253-5

- DELICADO, Ana; ALMEIDA, Ana Nunes de; FERRÃO, João (2002) - *Caracterização do Voluntariado em Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários. Dep. Legal: 177970/02

- ESTEVES, António; AZEVEDO, José (1998) - *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*. Porto: Instituto de Sociologia. ISBN 972-97763-0-X

- ESTIVIL, Jordi (2003) – *Panorama da Luta Contra a Exclusão Social: Conceitos e Estratégias*. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho. ISBN: 92-2-813652-9

- FERNANDES, António Teixeira (1995) – “Etnicização e Racização no Processo de Exclusão Social”. In *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, I Série, Vol. V. Porto, pp 7-67. ISSN 0872-3419

- FERREIRA, António Fonseca (1988) – “Política(s) de habitação em Portugal”, in *Sociedade e Território*, n.º 6, pp. 54-62.

- GERTH, Hansy; MILLS, Charles Wright (1984) – *Caracter y Estructura Social: la Psicología de las Instituciones*. Barcelona: Ediciones Paidós. ISBN: 84-7509-318-3

- GIDDENS, Anthony (1994) – *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editores Lda. ISBN: 972-8027-11-7

- GIDDENS, Anthony (2004) – *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 972-31-1075-X

- GUERRA, Isabel Carvalho (2006) – *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Estoril: Príncipia Editora, Lda. ISBN 972-8818-66-1

- HÈBERT, Michelle Lessard; Goyette Gabriel; Boutin, Gérald (1994) – *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget. ISBN 972-9295-75-1

- HERPIN, Nicolas (1982) – *A Sociologia Americana: Escolas, Problemáticas e Práticas*. Porto: Edições Afrontamento.

- INSTITUTO DE REINserção SOCIAL - *Relatório especial do Provedor de Justiça à Assembleia da República* (1997). Lisboa: Provedoria de Justiça – Divisão de Documentação. ISBN 972-97623-0-9

- JESUS, Maria Cristina Pinto de; PEIXOTO, Marisa Ribeiro Bastos; CUNHA, Mércia Heloisa Ferreira (1998) – “O Paradigma Hermenêutico como Fundamentação das

Pesquisas Etnográficas e Fenomenológicas”. *Rev.latino-am.enfermagem*: Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, pp. 29-35

- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan (2005) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva – Publicações, Lda. ISBN 972-662-275-1
- PAIS, José Machado (2006) – *Nos Rastos da Solidão: Deambulações Sociológicas*. Porto: Âmbar. ISBN 972-43-1050-7
- PERETZ, Henri (2000) – *Métodos em Sociologia*. Lisboa: Temas e Debates. ISBN: 972-759-216-3
- PIMENTA, Manuel (1992) - *Os Sem-Abrigo da Cidade de Lisboa*. Lisboa: Cáritas/CESIS, Coleção Cáritas, nº 14
- PORTUGAL. Presidência da República. (2000) - *Pobreza, Exclusão: Horizontes de Intervenção*. Lisboa: INCM. ISBN: 972-27-1032-X
- ROCHA, Gilberta; MEDEIROS, Octávio; DIOGO, Fernando; DIOGO, Ana (2008) – *Socializações Alternativas: Crianças e Jovens em Instituições nos Açores*. Ponta Delgada Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores. ISBN: 978-989-95167-2-4
- RODRIGUES, Eduardo Vítor; SAMAGAI, Florbela; FERREIRA, Hélder; MENDES, Manuela Maria; JANUÁRIO, Susana (1999) – “A Pobreza e a Exclusão Social: Teorias, Conceitos e Políticas Sociais em Portugal”. In *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*
- SAMPAIO, Járder dos Reis (2010) – *Voluntários: Um Estudo sobre Motivação de Pessoas e a Cultura em uma Organização do Terceiro Sector*. São Paulo: Unifran. ISBN: 978-85-60114-17-7

- SANTOS, José Rodrigues (1999) – *A Propósito das Noções de “Problema Social” e “Problema Sociológico”*. Évora: Cidehus.
- SILVA, Augusto Santos (1998) - Notas Sobre a Reforma da Segurança Social, in *Sociedade e Trabalho*. Edição Especial, pp. 42-49.
- SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.) (2005) – *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-36-0503-1
- SILVA, Susana Pereira da – “Sem-Abrigo: Método de Produção de Narrativas Biográficas”. *Revista de Ciências da Educação*. Nº 2 Jan/Abr 2007. ISSN 1649-4990.
- THIOLENT, Michel (2005) – *Metodologia da Pesquisa-Acção*. São Paulo: Cortez Editora. ISBN 85-249-1170-0
- VIEGAS, José Manuel Leite; COSTA, António Firmino da (1998) – *Portugal que modernidade?* Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-90-7

Webgrafia

INSTITUIÇÃO LEGIÃO DA BOA VONTADE [Em linha] [consult. 11 Maio 2011]
Disponível em <http://www.lbv.org.ar/>

VALE DE ACÓR, projecto homem [Em linha] [consult. 25 Julho 2001] Disponível em
<http://www.a-valedeacor.pt/conteudos/etapas-de-intervencao>

MUNDO SOCIAL, Laetitia [Em linha] [consult. 25 Julho 2011] Disponível em
<http://laetitia.web.simplesnet.pt/o%20mundo%20social.htm>

SOLIDARIEDADE, Mensário da confederação nacional das instituições de solidariedade
[Em linha] [Consult. 12 Maio 2011] Disponível em
<http://www.solidariedade.pt/sartigo/index.php?x=3728>

ANEXOS

ANEXO I: Grelhas de observação

Grelha de Situação de Observação na instituição LBV

Identificação do espaço: Instituição LBV		
Dia da semana:		
Horas de observação:	Início:	Fim:
Data de preenchimento do registo de observação:		
Posicionamento do observador face ao cenário de observação:		

Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário das práticas sócio-institucionais	1. Coordenadas temporais	Data; Duração da Observação; Identificação das actividades desenvolvidas no local.
	2. Coordenadas espaciais	Identificação do espaço (local de observação) Descrição da ambiência geral (sons, cheiros)
II. Actores sociais	3. Agentes presentes nas actividades da instituição (voluntários, técnicos, Sem-Abrigo)	Número de utentes/beneficiários presentes; número de funcionários e voluntários; caracterização sócio-gráfica dos agentes (idade e género); caracterização dos grupos presentes; modos de apresentação (vestuário); Identificação dos agentes; Modos de interacção dos grupos presentes (relações técnicos - voluntários; técnicos - Sem-Abrigo; voluntários – Sem-Abrigo)

III. Actividades de apoio	4. Confeção das refeições	Interacção dos técnicos/voluntários na realização desta tarefa.
	5. Actividades desenvolvidas	Interacção entre os indivíduos presentes; Comportamento corporal dos agentes; Marcadores de divulgação e meios utilizados pelos indivíduos durante a realização das actividades (telemóvel, rádio, jornal, vídeos);
	6. Demais actividades	Acções de formação; campanhas de sensibilização; angariação de fundos;

Grelha de Situação de Observação no “programa ronda da caridade”

Rondas da Caridade		
Dia da semana:		
Horas de observação:	Início:	Fim:
Data de preenchimento do registo de observação:		
Posicionamento do observador face ao cenário de observação:		

categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário das práticas: rondas da caridade	1.Coordenadas temporais	Data; Duração da Observação;
	2.Coordenadas espaciais	Identificação dos postos de paragem e o percurso das rondas de caridade, Identificação do espaço; Descrição da ambiência geral (sons, cheiros e meteorologia);
II. Actores sociais	3. Públicos	Número total de beneficiários; Caracterização sócio - gráfica dos agentes (idade e género); Modos de apresentação (vestuário e acessórios);
	4. Constituição da equipa técnica	Identificação dos elementos da equipa técnica; Modos de interacção com os utentes (Sem-Abrigo)

III. Ronda da caridade	5. Antes da partida (para a ronda)	Interacção entre a equipa técnica antes da partida; Perspectiva de como decorrerá a ronda da caridade;
	6. Dinâmicas durante a realização da ronda da caridade	Interacção entre a equipa técnica e os Sem-Abrigo e a interacção entre os próprios Sem-Abrigo, ao longo da ronda; Comportamento corporal dos técnicos e dos Sem-Abrigo (laços afectivos, constrangimentos, receio, proximidade versus distancia física);
	7. Fim da ronda da caridade	Comentários da equipa técnica acerca do desfecho da ronda da caridade (satisfação/insatisfação, angústias, etc); Existência/inexistência de diálogo chegados à instituição.

ANEXO II: Guiões de entrevista

Guião de entrevista aos Sem-Abrigo da LBV

I. Caracterização sócio-demográfica

Nome

Idade

Género

Habilitações literárias

Estado civil

Filhos / Dinastia de Sem-Abrigo (filhos e pais Sem-Abrigo)

II. Dimensão sócio-cultural

1. Pode falar um pouco do seu percurso de vida até ter chegado à instituição LBV? (Condição perante o trabalho, isto é, não apenas o ultimo trabalho, mas toda a sua trajectória)
2. O facto de actualmente ser Sem-Abrigo foi uma opção sua, ou houve outros factores que o conduziram a esta situação. (como por exemplo, alcoolismo, precariedade de emprego, problemas familiares ou problemas de saúde)
3. Alteraria de certa forma o rumo da sua vida?
4. Como foi a sua primeira noite na rua?
5. Que recordações tem do seu primeiro dia na rua? Como foi a sua primeira noite na rua? Depois de sair para a rua, houve alguma tentativa de regresso ao lar?
6. Mantém algum tipo de contacto com os seus familiares e/ou amigos antigos? Que tipo de relação mantém com eles?
7. Tendo em conta o apoio que a LBV lhe oferece, considera esta instituição como uma família?
8. Sente-se sozinho(a)? Como combate os momentos de solidão, o que faz com regularidade no seu dia-a-dia para se manter ocupado?
9. Como são passados os seus dias festivos, como por exemplo o Natal, a Pascoa, o seu aniversário?
10. Alguma vez se sentiu inferiorizado(a) /excluído(a) por estar nesta situação?
11. A condição em que se encontra é partilhada maioritariamente por homens ou mulheres?

III. Dimensão sócio-institucional

12. Como teve conhecimento da existência desta instituição?
13. Considera que esta instituição tem condições que potenciam a reinserção sócio-profissional? (apoio prestado pela LBV)
14. O trabalho desenvolvido pela LBV tem um papel importante para o retorno ao lar e/ou o (a) integração no mercado de trabalho?
15. Na sua opinião como caracteriza o trabalho desenvolvido pela LBV?
16. Qual a sua relação com os demais utentes, Assistente social e os voluntários desta instituição?
17. Em que actividades promovidas pela LBV se encontra inserido(a)?
18. Até que ponto se encontra satisfeito(a) ao participar nessas actividades?

IV. Dimensão religiosa e institucional

19. Tem conhecimento de que forma a LBV promove o bem-estar e o respeito entre as várias religiões?
20. Identifica-se com a prática ecuménica da LBV, ou seja, o facto de a instituição respeitar o ecumenismo foi decisivo para se aproximar desta instituição?
21. Se sim, em que medida o ajuda? (isto é, passou a regular a sua conduta pelos valores transmitidos pela instituição)

Guião de entrevista aos voluntários da LBV

I. Caracterização sócio-demográfica

Nome

Idade

Género

Habilitações literárias

Estado civil

Filhos

Há quanto tempo exerce voluntariado? E especificamente nesta instituição?

II. Dimensão sócio-cultural

1. Quais os motivos que estiveram na base da decisão de se tornar voluntario, nomeadamente nesta instituição?
2. É apenas voluntario nesta instituição, ou encontra-se inserido noutros projectos de voluntariado? Se sim quais?
3. Qual o papel que a instituição desempenha junto da comunidade Sem-Abrigo?
4. Qual a importância do trabalho por si desenvolvido para a comunidade Sem-Abrigo?
5. Na sua óptica, qual é a principal vantagem social do trabalho desenvolvido?
6. Considera que o esforço desenvolvido permite transformar social e culturalmente os indivíduos que se encontram envolvidos neste projecto (Sem-Abrigo, Voluntários, Comunidade em geral)?
7. Segundo a sua experiência, quais são os principais factores que impulsionam os indivíduos a chegarem à condição de Sem-Abrigo?
8. Como caracteriza os utentes desta instituição?
9. Qual o género (masculino/feminino) que mais recorre ao apoio prestado pela instituição LBV?

III. Dimensão sócio-institucional

10. O que é para si esta instituição?
11. Como descreveria o trabalho que desenvolve nesta instituição?
12. Descreva-me sumariamente quais as principais valências que a instituição LBV oferece e em que projectos se integra enquanto voluntário?

13. Em que medida estas actividades se assumem benéficas para o público a que se destinam?
14. A instituição contribui para alterar as trajectórias sociais dos Sem-Abrigo no sentido de os dotar de instrumentos que potenciam a sua autonomia na busca de uma melhor qualidade de vida? Ou, pelo contrário, o apoio dado pela instituição fomenta o seu conformismo perante a situação em que se encontram?
15. Tendo em conta o trabalho que realiza junto dos Sem-Abrigo consegue identificar a regularidade ou ausência desta (regularidade) no que respeita à procura do apoio oferecido pela LBV por parte dos Sem-Abrigo?
16. Considera que esta instituição tem condições que potenciam a reinserção social dos Sem-Abrigo?
17. O trabalho desenvolvido pela LBV tem um papel importante para o retorno dos Sem-Abrigo ao lar e/ou o (a) integração no mercado de trabalho?

IV. Dimensão religiosa e institucional

18. Considera que há uma interferência espiritual na inserção institucional por parte dos Sem-Abrigo?
19. Na sua opinião o comportamento dos beneficiários do apoio da LBV é condicionado pelos valores transmitidos pela instituição?
Identifica-se com os valores que norteiam a instituição? Essa identificação foi fundamental para a sua decisão de ser voluntário?

Guião de entrevista dirigida a Assistentes Sociais da instituição da LBV

I. Caracterização sócio-demográfica

Nome

Idade

Género

Habilitações literárias

Estado civil

Tempo de permanência na instituição (há quanto tempo trabalha na instituição)

II. Dimensão sócio-cultural

1. Qual o papel que a instituição desempenha junto da comunidade Sem-Abrigo?
2. Qual a importância do trabalho desenvolvido para os indivíduos (Sem-Abrigo)?
3. Na sua óptica, qual é a principal vantagem social do trabalho desenvolvido?
4. Considera que o esforço desenvolvido permite transformar social e culturalmente os indivíduos que se encontram envolvidos neste projecto (Sem-Abrigo, Voluntários, Comunidade em geral)? (de que forma)?
5. Segundo a sua experiência, quais são os principais factores que impulsionam os indivíduos a chegarem à condição de Sem-Abrigo?
6. Como caracteriza os utentes desta instituição?
7. Qual o género (masculino/feminino) que mais recorre ao apoio prestado pela instituição LBV?

III. Dimensão sócio-institucional

8. O que é para si esta instituição?
9. Quais as principais formas de divulgação da instituição e o trabalho desta junto da sociedade?
10. Descreva-me sumariamente quais as principais valências que a instituição LBV oferece?
11. Tendo em conta a oferta de oportunidades disponíveis nesta instituição, quais são as principais actividades desenvolvidas no seio desta, de modo a fomentar o trabalho dos voluntários, bem como quais as principais actividades desenvolvidas junto da comunidade Sem-Abrigo?

12. Em que medida estas actividades se assumem benéficas para o público a que se destinam?

13. A instituição contribui para alterar as trajectórias sociais dos Sem-Abrigo no sentido de os dotar de instrumentos que potenciam a sua autonomia na busca de uma melhor qualidade de vida? Há casos de resistência a uma possível reinserção? [Ou, pelo contrário, o apoio dado pela instituição fomenta o seu conformismo perante a situação em que se encontram?]

 14. Considera que esta instituição tem condições que potenciam a reinserção social dos Sem-Abrigo?

 15. Houve já alguma experiência nesse sentido? ***

 16. *** O trabalho desenvolvido pela LBV tem um papel importante para o retorno dos Sem-Abrigo ao lar e/ou o (a) integração no mercado de trabalho?

IV. Dimensão religiosa e institucional

17. Considera que há uma interferência espiritual na inserção institucional por parte dos Sem-Abrigo?

18. Se sim, considera essa vertente (espiritual) fundamental para a reinserção dos Sem-Abrigo?

19. Na sua opinião o comportamento dos beneficiários do apoio da LBV é condicionado pelos valores transmitidos pela instituição?

ANEXO III: Análise
horizontal das
entrevistas dos Sem-
Abrigo

Grelha horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

Categorias de Análise	Síntese	Excerto
Caracterização sócio-demográfica		
Dimensão sócio-cultural		
Dimensão sócio-institucional		
Dimensão religiosa e institucional		

Análise Horizontal das entrevistas dos Sem-Abrigo

Categorias de Análise	Síntese	Excerto
Caracterização sócio-demográfica	<p>Foram entrevistados 8 indivíduos. A maior parte dos entrevistados são do sexo masculino, foi apenas entrevistada uma mulher. Têm idades compreendidas entre os 34 e os 68 anos de idade, mas a maior parte deles têm idades na casa dos 40. A grande maioria dos indivíduos tem a 4ª classe e 7º ano estando a maior parte deles divorciados e com uma média de 2 filhos ou nenhum.</p>	<p>“Tenho 39 anos, tenho a 4ª classe estou divorciado e tenho 2 filhos” «Zé»</p> <p>“Tenho 34 anos, tenho o 9º ano estou divorciado e tenho 2 filhos” «Filipe»</p> <p>“Tenho 68 anos, tenho o 5º ano estou divorciado e tenho 2 filhos” «Bernardino»</p> <p>“Tenho 45 anos, tenho a 4ª classe estou divorciado e tenho 3 filhos” «Jorge»</p> <p>“Tenho 40 anos, tenho o 7º ano estou divorciado e tenho 3 filhos” «Manuel»</p> <p>“Tenho 52 anos, tenho a 4ª classe sou solteiro e não tenho filhos” «Américo»</p> <p>“Tenho 48 anos, tenho a 4ª classe sou solteiro e não tenho filhos” «António»</p> <p>“Tenho 38 anos, tenho o 7º anos sou divorciada e não tenho filhos” «Ana»</p>
Dimensão sócio-cultural	<p>Os indivíduos antes da condição de Sem-Abrigo ou pessoas com carências eram casados com uma vida estável e com empregos na área da construção civil, em</p>	<p>“Tinha uma vida e uma família estável, e continuo a ter. A minha família graças a deus apoia-me naquilo que</p>

	<p>cafés, em oficinas de automóveis. A Condição em que se encontram advém de factores diversos, nomeadamente traição, álcool, drogas, desemprego ou simplesmente porque querem estar na rua.</p>	<p>eu preciso, eu estou aqui porque quero... Antes de estar na rua trabalhava era chapeiro de automóveis, agora não tenho trabalho porque não posso, queimei-me em último grau e não tenho força nos braços.”</p> <p>«Jorge»</p> <p>“Eu era casado tinha 2 filhas comecei-me a meter no álcool e a minha a mulher, hoje ex-mulher meteu-me fora de casa. Depois por causa do álcool também fiquei desempregado vim parar à rua.” «Zé»</p> <p>“ Tinha uma vida normal com mulher, filhos e trabalho na construção civil. A dada altura soube que a minha mulher tinha outra pessoa e acabei por me divorciar... acabei por me meter na droga e desgraçar a minha vida...” «Filipe»</p> <p>“Eu era casada, trabalhava num café e até muito feliz, pensava eu... e meti-me no mundo da prostituição por desespero...” «Ana»</p>
--	--	--

	<p>Podemos afirmar que o contacto que mantêm com familiares e amigos é uma variável incerta, ou seja, metade mantêm contacto com familiares e amigos e a outra metade não mantêm. Chegam mesmo a afirmar que a instituição LBV é a como uma família para eles devido á palavra amiga e por todo o trabalho que os voluntários desenvolvem, no fundo são os confidentes dos Sem-Abrigo e das pessoas económica e emocionalmente carenciadas.</p>	<p>“ Desde que entrei no mundo da droga desliguei-me dos amigos que tinha... todos os voluntários e pessoas da LBV são simpáticos e fazem um trabalho fantástico para nos melhorarem a vida.”</p> <p>«Américo»</p> <p>“ Os meus amigos de agora são os Sem-Abrigo aqui da zona... além de me terem ouvido, no meu primeiro dia como Sem-Abrigo cá no Porto, também me dão a única refeição que faço ao dia.” «Filipe»</p> <p>“ Volta e meia eu vejo as minhas as minhas filhas, mas sabe qual é o problema? Elas têm vergonha do pai ser bêbado, de ser alcoólico, e isso dói-me muito cá dentro... Sim, no fundo é a minha família, com eles eu sei que posso contar, sei que posso desabafar e contar-lhes aquilo que me magoa e também sei que, se depender deles eles me ajudam com aquilo que têm.” «Zé»</p>
--	---	---

	<p>Os indivíduos recordam o seu primeiro dia na rua como algo doloroso, difícil, duro, sentiram-se desorientados sem saber onde dormir, onde ficar, o que fazer. Verificamos ainda que, uma grande parte dos indivíduos sente-se sozinho, e inferiorizado por estar nesta situação, passa o dia a estacionar carros, ou em casa, ou simplesmente não faz nada para combater os momentos de solidão. Para eles os dias festivos são dias como tantos outros. Estes indivíduos partilham todos da mesma opinião, isto é, os homens são aqueles que mais são vistos na rua e nesta condição de Sem-Abrigo, isto é, a condição de Sem-Abrigo varia conforme o género destacando-se a população masculina.</p>	<p>“ Dificil, dura... Lembro-me que me senti desorientada, sem saber para onde ir, para onde olhar, com medo... que me reconhecesse... habitue-me a virar-me sozinha e a ter que pensar por mim mesma... os dias festivos são passados como os outros dias normais, é apenas mais um dia... as vezes gostava de poder festeja-los, mas com quem e como? Ahh... só se for sozinha ou com os meus amigos, os que me procuram... os clientes, até esses nos olham com desprezo e os outros então olham-nos como se fossemos bichos-domato...” «Ana»</p> <p>“Foi a desorientação total... Foi duro demais não saber onde dormir, não ter o que comer e de bolsos vazios sem dinheiro para as doses que me sustentavam... A solidão é algo relativa. Eu passo os dias a pedir, no meio de muita gente. Tenho aqui o meu Hulk (cão) que</p>
--	---	---

		<p>me faz companhia todos os dias... No último ano fui para o Coração da Cidade, comer à pala do Pinto da Costa. (risos). Não ligo ao Natal, nem a essas festas religiosas. O meu aniversário é algo que gosto de esquecer... Inferiorizado? Não, ignorado. Somos um problema grande para a sociedade. Somos a escumalha que ninguém quer saber e procura esconder... Maioria é homem. As mulheres são poucas, a rua é perigosa para elas. Mas tenho visto mais agora.” «Américo»</p> <p>“ Ui... foi má... ainda hoje continua a ser má... Bastante sozinho que me sinto... Não ligo a nada disso, passo-os na rua... Sem dúvida, estão mais homens, são poucas as mulheres que vivem aqui.” «Jorge»</p>
<p>Dimensão sócio-institucional</p>	<p>A instituição LBV é conhecida na comunidade Sem-Abrigo, nomeadamente pelo bom trabalho que os voluntários</p>	<p>“ Foram vocês que vieram ter comigo... É o único apoio que temos, é deveras</p>

	<p>desenvolvem. Os Sem-Abrigo afirmam ter uma relação de amizade para com os voluntários da instituição, chegando a considera-los como uma família. A maior parte destes indivíduos tiveram conhecimento da instituição devido ao programa ronda da caridade e não por iniciativa própria.</p>	<p>um trabalho importante... Os voluntários são impecáveis, são muito prestáveis, muito bons ouvintes são amigos acima de tudo, acho que os posso considerar assim. O resto ainda não conheço, mas até gostava” «Filipe»</p> <p>“Basicamente foram eles que vieram ter comigo... Conheço a instituição de nome, ui é muito grande... acredite em mim, o trabalho dos voluntários é uma coisa de se louvar... Só conheço os voluntários... mas a nossa relação é muito boa, e só tinha que ser boa, afinal eles ajudam-nos tanto, nós só temos agradecer-lhes.</p> <p>«Zé»</p> <p>“Apareceram aqui, começaram a falar comigo, perguntaram-me o nome... Falo só da relação que tenho com os voluntários porque a assistente social não conheço, mas a relação que tenho com os voluntários é muito boa, a menina sabe disso. Eles são muito amigos e têm sempre uma palavra amiga para nos dar.”</p>
--	--	--

	<p>Os utentes mostram desconhecimento acerca da tentativa de reinserção sócio-profissional por parte da LBV; mencionam apenas que tem um nome grande, à partida terá condições que potenciam essa reinserção, assim como também tem um papel importante para o retorno ao lar. Porém há por parte dos voluntários palavra de apoio e incentivo.</p> <p>Nenhum dos entrevistados se encontra inserido em actividades promovidas pela</p>	<p>«Jorge»</p> <p>“Isso é tudo relativo. Também depende da boa vontade das pessoas, se querem ou não. De quem quer ajudar e quem quer ser ajudado... Eu sei que eles ajudam no que podem... O importante é saber como resolver os problemas por nós mesmos. Desenrascar-se, sem recorrer a ninguém.”</p> <p>«Bernardino»</p> <p>“Não sei menina, não tenho conhecimento disso, mas com certeza que deve ter, uma instituição com o nome tão grande, penso que deve ter... agora uma coisa é certa, palavras certas e incentivo é dado” «Ana»</p> <p>Não tenho conhecimento de nenhum caso, logo não lhe sei responder... Pode ter essas capacidades, sim... até porque é uma das instituições mais antigas aqui na cidade do Porto, é a LBV.” «Manuel»</p> <p>“Em nenhuma meninas, só conheço a carrinha da LBV,</p>
--	---	--

	LBV.	<p>e os voluntários que vêm, mais nada.” «Ana»</p> <p>“Nenhuma, só conheço a instituição que vem à rua, de resto desconheço tudo o resto que faça parte.”</p> <p>«Filipe»</p>
<p>Dimensão religiosa e institucional</p>	<p>Relativamente a esta dimensão do nosso projecto de investigação, conseguimos verificar através das afirmações dos entrevistados que não existe um vínculo de ligação dos Sem-Abrigo à instituição, não existe um vínculo religioso/espiritual. Os utentes não têm conhecimento de que forma a LBV promove o bem-estar, nem tão pouco têm conhecimento da prática ecuménica. O que os utentes apenas conhecem é o “programa da ronda da caridade” e os voluntários que participam nessas rondas.</p>	<p>“Não menina, não tenho conhecimento, como lhe disse a única coisa que conheço é a carrinha e os voluntários, e se calhar não sei se os conheço a todos”</p> <p>«Zé»</p> <p>“Não. Eu não vou seguir certas coisas. Eu nasci católico, não vou mudar. O Dr. Paiva Netto, (actual presidente da LBV) as pessoas têm uma visão dele que é Deus mas não é nada. Não concordo com as visões religiosas diferentes da católica que dizem que o todo-poderoso não é Deus, mas Jesus. É mentira!”</p> <p>«Bernardino»</p> <p>“... Sei que eles são brasileiros e acreditam na ajuda cristã e em Deus... Sou eu que faço o meu dia-a-dia, não é Deus que me</p>

		ajuda... Acredito que eu sou responsável pelas minhas acções.” «Américo»
--	--	--

Grelha horizontal das entrevistas dos voluntários

Categorias de Análise	Síntese	Excerto
Caracterização sócio-demográfica		
Dimensão sócio-cultural		
Dimensão sócio-institucional		
Dimensão religiosa e institucional		

Análise horizontal das entrevistas dos Voluntários

Categorias de Análise	Síntese	Excerto
<p>Caracterização sócio-demográfica</p>	<p>Foram entrevistados três voluntários, dois dos quais são chefes de equipa, são do sexo masculino e já exercem voluntariado há algum tempo têm o 12ºano e tem idades compreendidas entre os 22 e os 25 anos de idade, a outra voluntária é do sexo feminino tem 36 anos licenciou-se em Educação Social, estagiou na LBV onde integrou o “programa da ronda da caridade”.</p>	<p>“25 Anos... 12ºano... masculino... Há cerca de 11 anos comecei com 14” «Xavier»</p> <p>“22 Anos... 12ºano... masculino... Há cerca de 5 anos” «Francisco»</p> <p>“36 Anos... Licenciatura em Educação Social... Na LBV exerço há um mês. Mas participo nas rondas desde Dezembro de 2010, no âmbito do meu trabalho de estágio, exactamente com as mesmas funções de qualquer voluntário.” «Joana»</p>
<p>Dimensão sócio-cultural</p>	<p>Estes voluntários manifestam como principais motivações a vontade de ajudar o próximo, o interesse deles na população Sem-Abrigo, a vontade em conhecer a realidade dos Sem-Abrigo, etc. Para além de voluntários na LBV são, ou já foram, voluntários noutros projectos. Consideram o trabalho que desenvolvem como gratificante, mesmo que muitas das vezes não consigam mudar a vida dos Sem-Abrigo.</p>	<p>“A minha vontade de ajudar o próximo foi crescendo... foi o que me levou a estar ligado estes anos todos à LBV... já que a menina sozinha não vai salvar o mundo planeta terra, se puder salvar o mundo de alguém é o fundamento da minha missão...” «Xavier»</p> <p>“O meu interesse na população em condição de Sem-Abrigo... e continuei como voluntária porque me permite desenvolver uma relação de proximidade com as pessoas... durante o secundário exerci voluntariado com outros</p>

	<p>Consideram que a LBV desempenha um bom trabalho a nível de alimentação, agasalhos, e na palavra amiga; contudo todo este trabalho não promove mudanças na vida dos Sem-Abrigo.</p>	<p>alunos do estabelecimento de ensino, apoiávamos famílias carenciadas, por exemplo, ajudávamos a fazer obras nas suas casas... Sinto que a vida dos beneficiários não mudou em nada... apesar de conversar com eles, no sentido da transformação das suas representações, do seu auto-conceito, de modo a procurarem mudanças nas suas vidas, sinto que não estou a conseguir, o que é realmente frustrante” «Joana»</p> <p>“Outro motivo foi porque de facto também gostava de conhecer a realidade dos Sem-Abrigo...Na Fundação de Serralves e como secretário numa associação recreativa e cultural... é gratificante para mim, mas acima de tudo é importante para quem recebe uma refeição, um abrigo, ou apenas uma palavra.” «Francisco»</p> <p>“ A LBV desempenha um papel que é, antes de mais o apoio a nível de alimentos e agasalhos... a palavra amiga é o incentivo para que não desistam e dar-lhes um pouco de fé. Acabamos por nos tornar uns confidentes deles... é</p>
--	---	---

	<p>Acreditam que todo o trabalho desenvolvido pela LBV possa transformar social e culturalmente os indivíduos, embora seja um trabalho difícil.</p>	<p>como uma família...é ajudar e tentar a reinserção social, ou seja, convencê-los de que a rua não é um modo de vida, fazer chegar o caso de cada um às assistentes sociais e tentar por aí ajuda-los a reconstruir a sua vida... depende do indivíduo em questão, se o indivíduo aceitar a ajuda, se tiver predisposição para... eu acredito que sim, que consigam evoluir social e culturalmente.”</p> <p>«Xavier»</p> <p>“ O trabalho social assistencialista não promove uma real mudança, pelo contrário, perpetua as circunstâncias... o facto de a instituição promover o diálogo entre os voluntários e os beneficiários... a partilha de perspectivas permite o desenvolvimento pessoal e social de todos... é muito difícil conseguir uma continuidade no trabalho que permita uma transformação de todos os envolvidos.” «Joana»</p> <p>“ É a retaguarda e o apoio de muitos que não tem mais nenhum tipo de apoios... Evitar maior degradação, e acima de tudo motivar o indivíduo a acreditar num projecto de vida...”</p> <p>«Francisco»</p>
--	---	---

	<p>Os voluntários, e segundo a sua experiência, apontam como principais factores impulsionadores à condição de Sem-Abrigo o desemprego, o álcool, a toxicodependência e os problemas familiares. Caracterizam estes utentes como indivíduos desmotivados, com baixa auto-estima, desacreditados, contudo consideram-nos um grupo social bastante heterogéneo onde predomina o sexo masculino. Não são apenas os Sem-Abrigo que recorrem a este tipo de ajuda, mas também indivíduos que atravessam dificuldades.</p>	<p>“ Problemas relacionados com álcool, droga, problemas familiares, são para mim os principais factores... São diferentes, são heterogéneos, são todos distantes uns dos outros... São mais homens... não são todos Sem-Abrigo, são também pessoas que recorrem por um meio de subsistência e cada vez mais se nota isso...” «Xavier»</p> <p>“Acho que devemos considerar constrangimentos micro e macro, além das idiosincrasias... desde problemas familiares, distúrbios de personalidade, sistema económico... É um grupo, naturalmente, heterogéneo... como característica comumente partilhada, talvez possa apontar a apatia... Masculino, entre 100 beneficiários regulares assistimos em média, 4/5 mulheres.” «Joana»</p> <p>“ Hoje em dia o desemprego é o factor maior. Daí advêm fenómenos sociais como o alcoolismo, dependências, famílias instáveis... São indivíduos desmotivados, desacreditadas e com baixa auto-estima... São iguais por partilharem a mesma</p>
--	--	---

		<p>situação, Sem-Abrigo, mas são todos diferentes, cada um tem a sua história de vida, as suas vivências e experiências... São mais homens... mas também já começam a ver-se algumas mulheres.” «Francisco»</p>
<p>Dimensão sócio-institucional</p>	<p>A LBV é considerada pelos voluntários como uma segunda casa, como uma instituição sólida e organizada, uma instituição de carácter religioso. De acordo com as opiniões dos voluntários constatamos que estes dão tudo de si para desenvolverem um bom trabalho e para este ser reconhecido, tentam ainda chegar até aos Sem-Abrigo através da sua palavra amiga, incentivando-os a sair da rua.</p>	<p>“É a minha segunda casa, é o meu refúgio de uma semana de trabalho... tento dar o meu melhor, acho que faço um bom trabalho, é reconhecido por parte dos Sem-Abrigo e até da própria instituição” «Xavier»</p> <p>“É uma instituição de cunho fortemente religioso, logo, tem uma visão fatalista – tendo em conta as suas definições institucionais (Missão, Visão) ... Tento, nas conversas com os beneficiários, numa relação de ajuda, potenciar o seu desenvolvimento pessoal e social no sentido da sua inclusão, contudo, por vezes, este esforço da nossa parte nem sempre vale a pena, há sempre uns mais receptivos do que outros mas</p>

	<p>Os voluntários entrevistados apenas se encontram inseridos no “programa ronda da caridade”, embora a instituição tenha outros programas sociais. Apontam como principais objectivos do programa o facto de os beneficiários poderem usufruir de alimentos, agasalhos e também da palavra amiga e de conforto, no fundo a LBV tenta semear a boa vontade</p>	<p>damos o nosso melhor” «Joana»</p> <p>“É uma instituição fiável, organizada de confiança e muito competente no trabalho que desenvolve. É uma instituição sólida, com projectos muito apelativos sempre na óptica de ajudar os mais carenciados, sempre com novos projectos, sempre com novos rumos para dar à vida das pessoas... Muito gratificante, muito enriquecedor, dou tudo de mim para aqueles que mais necessitam.” «Francisco»</p> <p>“Enquanto voluntário só estou integrado no “programa ronda da caridade”, apesar de a instituição ter alguns programas sociais... a LBV tenta semear a boa vontade eles baseiam-se muito no ecumenismo e pronto... Mas perante os Sem-Abrigo tentam chegar até eles através do apoio que lhes dão e através da palavra amiga... fazermos chegar até eles os alimentos, os agasalho e a palavra amiga... Para mim as noites que mais me marcam são as noites de Natal que eu faço questão de as fazer.” «Xavier»</p> <p>“Apenas participo no programa ronda da caridade. A LBV</p>
--	--	---

	<p>Na opinião dos voluntários a instituição contribui para alterar as trajectórias de vida dos indivíduos, a LBV ajuda-os e incentiva-os a melhorar de vida, embora se verifique também alguns casos de renitência à mudança, isto é, o apoio dado pela instituição é suficiente para os indivíduos fomentando assim o conformismo dos beneficiários. Estes são regulares na busca do apoio dado pela LBV</p>	<p>desenvolve programas de apoio a famílias carenciadas; programas promotores da higiene oral das crianças; apoio aos Seniores... possibilidade dos beneficiários terem uma refeição quente, cobertores e roupa, além de terem nos voluntários a possibilidade de sentirem escutados, apoiados e considerados...” «Joana»</p> <p>“Só me integro na ronda da caridade... Mas os projectos que a ronda da caridade tem é essencialmente dar a comida ao Sem-Abrigo tentar ajudar, mas isso só vai depender deles para a reinserção social.” «Francisco»</p> <p>“ Se eles tiverem sucesso nas reinserções automaticamente estão a contribuir para uma melhor qualidade de vida. Sim... estão ligados a várias instituições sociais, como a segurança social, para poderem encaminhar casos para obterem sucesso... Os processos até chegarem à reinserção são muito demorados, ou seja, muitos deles se já estão em situação de desespero e começam a ver uma luzinha muito ao longe no fundo do túnel quanto mais tempo demorar, mais tempo eles estão a ver a luz</p>
--	---	--

		<p>ao longe e acabam por perder as forças e desistir...temos alguns pontos de paragem que eu considero-os como pontos de paragem dormitórios, ou seja, automaticamente estão sempre lá as mesmas caras, e depois há aqueles pontos de paragem apenas, onde às vezes vão surgindo caras novas...” «Xavier»</p> <p>“Não creio que a instituição fomente o conformismo, embora o trabalho assistencialista a isso impele. O apoio da LBV também passa por indicar aos beneficiários instituições com programas que visam a sua inclusão... Os beneficiários que todas as manhãs recebem bens alimentares nas instalações da LBV são regulares, tal como um número considerável durante as rondas.” «Joana»</p> <p>“ Sim, acho que sim... embora também se veja alguns casos de conformismo, por isso é que um dos objectivos da ronda é identificar essas pessoas e tentar ajuda-los para que eles saiam da rua... temos sempre aqueles Sem-Abrigo base, se eles não estiverem lá é porque algo correu mal, dependendo de vários factores vão aparecendo mais ou menos do que</p>
--	--	--

	<p>A LBV tem condições que potenciam a sua reinserção social dentro das limitações da instituição, e quando esta não consegue dar resposta encaminha os casos para as entidades superiores capazes de dar resposta. Todo este trabalho desenvolvido pela LBV é importante para o retorno dos Sem-Abrigo ao lar. Contudo, e apesar de todo o esforço da LBV e das limitações com que muitas vezes se defronta, verifica-se que nenhum Sem-Abrigo o confirma.</p>	<p>o normal.” «Francisco»</p> <p>“ Sim e cada vez mais, a instituição cresceu imenso e conforme foi crescendo também foi adaptando os seus serviços para poder prestar um melhor apoio aos utentes... Sim, eu acho que primeiramente a LBV quando tenta uma reinserção social ou seja... claro que não é a LBV em si que faz, a LBV passa o processo às entidades competentes... tenta sempre esse contacto com a família, se é possível, em caso de ser possível a própria LBV tenta intervir, se não for o caso a LBV tem mesmo que passar o caso às entidades superiores para resolverem.”</p> <p>«Xavier»</p> <p>“ Não. Esta população precisa de um apoio psico-social para a qual a instituição não dispõe de recursos humanos nem materiais... Os objectivos da instituição, particularmente, no programa ronda da caridade são assistencialistas, no caso, a supressão de necessidades primárias alimentares...” «Joana»</p> <p>“ Sim tem condições dentro dos meios da instituição... para o</p>
--	---	---

		<p>indivíduo se reintegrar tem que passar por diversos processos que não dependem da instituição. Quando a LBV vê que é possível, contacta a família... depende da família e da atitude do Sem-Abrigo... Sim, agora a reintegração no mercado de trabalho aí não consegue fazer muito, tem que ser o Sem-Abrigo a lutar por si.”</p> <p>«Francisco»</p>
<p>Dimensão religiosa e institucional</p>	<p>Os voluntários acreditam que não há uma interferência espiritual nos Sem-Abrigo, isto é, só participa quem quer nas reuniões ecuménicas. Aos utentes é distribuído o jornal com textos religiosos, mas eles acabam por não os ler, e a LBV respeita isso, contudo, há casos que querem mesmo sair da rua e, estes procuram tudo inclusive a fé.</p> <p>Porém, há voluntários que se identificam com os valores que norteiam a instituição e essa identificação acabou por ajudar na decisão de se tornar voluntário, como também temos voluntários que não se identificam com a visão e missão da instituição, mas</p>	<p>“...depende, são casos, há aqueles que querem sair e procuram tudo inclusive a fé e se a LBV lhes puder dar... Sim... sim... tento sempre transmitir a palavra que a LBV quer que passe, mas acho que isso também depende da minha maneira de ser.” «Xavier»</p> <p>“ A LBV promove os valores ecuménicos, todos são bem-vindos, inclusive relativamente aos voluntários... a instituição oferece o respectivo jornal, com textos religiosos, mas, pelo que fui observando, os beneficiários não o lêem, e a instituição respeita essa vontade... não me identifico com a Visão e Missão da instituição. Porém, sempre me senti bem recebida por todos os seus colaboradores.... sou ateia, prefiro</p>

	foram sempre bem recebidos	<p>a espiritualidade à religiosidade... tudo o que é dogmático incomodame profundamente... subliminarmente, os dogmas impedem, na minha perspectiva, uma verdadeira mudança social.”</p> <p>«Joana»</p> <p>“Acho que não, a ronda da caridade é mais por caridade mesmo não por interferência espiritual.... Não... quer dizer, nunca participei em nenhuma reunião ecuménica, mas estou curioso e qualquer dia sou capaz de ir e se gostar participo. Mas a minha decisão de ser voluntário não passou por aí, como já lhe disse.” «Francisco»</p>
--	----------------------------	---

ANEXO IV:
Transcrição da
entrevista da
Assistente Social

Transcrição da entrevista da Assistente Social

I. Caracterização sócio-demográfica

Nome: Daniela

Idade: 35

Género: Feminino

Habilitações literárias: Sou licenciada em Serviço Social e tenho uma pós-graduação em Gerontologia social

Estado civil: Casada

Tempo de permanência na instituição (há quanto tempo trabalha na instituição):
Trabalho desde Abril de 2002 na LBV

II. Dimensão sócio-cultural

E: Qual o papel que a instituição desempenha junto da comunidade Sem-Abrigo?

e: Vou ter que falar do programa da ronda da caridade... este programa foi criado em 93, portanto para a semana comemora o 18º aniversário e o projecto visa minimizar e satisfazer as necessidades da alimentação, vestuário, as necessidades básicas... minimizar essas necessidades, para além disso procuramos sempre com a colaboração dos voluntários, uma vez que o programa conta exclusivamente com a participação deles, tentar motivar os utentes para uma mudança de comportamento, essa é a dimensão principal do programa. A parte alimentar e do vestuário também é um pretexto para tentarmos uma abordagem... para chegarmos até eles. As rondas da caridade é feita nas madrugadas de Sábado e de Domingo e para além disso os utentes durante a semana também podem beneficiar aqui na LBV de um lanche matinal. Temos também uma técnica, que sou eu, e para as situações que as pessoas realmente pretendem mudar comportamentos e encontrar um caminho, posso e faço os possíveis para ouvir e tentar encaminhar para as instituições que tenham a resposta mais adequada à situação, portanto, portanto a LBV quando iniciou trabalho em 93 era pioneira, não havia outras instituições com este trabalho... as carrinhas surgiram mais tarde, no início de 2000 começaram a surgir outras instituições com essa vertente itinerante de apoio ao Sem-Abrigo.

E: Qual a importância do trabalho desenvolvido para os indivíduos (Sem-Abrigo)?

e: Portanto é assim a nossa presença, o nosso trabalho, a nossa intervenção é importante, se não fosse eles também não estariam à nossa espera tentamos fazer a diferença, em primeiro lugar pelas pessoas que vão os nossos voluntários também se preocupam com estas questões,

procuram também ouvi-los e estabelecer uma relação de confiança e de amizade, tentar também fazê-los ver que há outras saídas outros caminhos, e lá está a satisfação das necessidades básicas da alimentação e do vestuário. Penso que é um contributo importante e também o objectivo último será sempre obviamente a reinserção social... dentro da nossa capacidade de resposta, não temos assim uma equipe técnica que possa acompanhar nas rondas, mas já foi pensado criar-se uma equipe técnica que pudessem acompanhar nas rondas, mas lá esta ainda não conseguimos mobilizar uma equipe constituída por técnicos de diferentes áreas que pudessem trabalhar bem a vertente da reinserção social. A maior parte dos voluntários n têm formação na área social, há uma ou outra pessoa mas é um dos objectivos que pretendemos é a ronda da cidadania... portanto a ronda da caridade passar a ser a ronda da cidadania

E: Na sua óptica, qual é a principal vantagem social do trabalho desenvolvido?

e: Vantagem social acabei por já responder, e é a relação de proximidade, acho que também já é o primeiro passo para então se conseguir o tal trabalho. Para eles não sentirem que queremos invadir o espaço, mas estamos lá para ajudar e se eles precisarem de alguma coisa estamos lá para resolver. E depois há sempre um ou outro elemento que vai na equipe e que faz a ronda com maior regularidade e acaba por fazer a ponte mesmo para os outros voluntários se sentirem mais a vontade.

E: Considera que o esforço desenvolvido permite transformar social e culturalmente os indivíduos que se encontram envolvidos neste projecto (Sem-Abrigo, Voluntários, Comunidade em geral)? (de que forma)?

e: Lá está, eu acho que esta proximidade faz toda a diferença, nós estamos... é um esforço efectivamente porque o trabalho na rua não é fácil, faça chuva ou faça sol e é um trabalho que fazemos desde 93 e nunca houve uma interrupção, é um trabalho que requer esforço, tempo, vontade de ajudar. Acho que mesmo que não sejamos nós a tirar o indivíduo da rua, estamos lá e acabamos por fazer um pouco a diferença não é, a transformação social e cultural.

E: Caso a instituição não tenha capacidade para dar resposta a essas situações a LBV encaminha-os para outras instituições ou para as entidades superiores?

e: Sim sim sim, claro, a problemática que envolve os Sem-Abrigo é uma problemática bastante complexa, não é apenas um problema, são vários problemas e a começar pelos problemas familiares. Mas a maior parte deles todos têm família, houve uma ruptura mas têm família, são poucos os que não têm.

E: Segundo a sua experiência, quais são os principais factores que impulsionam os indivíduos a chegarem à condição de Sem-Abrigo?

e: Lá está, vários factores... os problemas familiares, e depois também temos indivíduos que estiveram institucionalizados depois chegam aos 18 anos deixam os colégios deixam a instituição onde estiveram e acabam por ficar na rua... depois a toxicodependência, há uma serie de factores, o desemprego, mas eu penso que o mais comum será os problemas familiares e... depois não têm aquela retaguarda que é desejável, são famílias desestruturadas.

E: Como caracteriza os utentes desta instituição?

e: São homens na sua maioria, em termos de faixa etária... talvez dos 35 aos 50, também temos um ou outro mais novos, assim como um ou outro mais velho, são os homens que nos procuram mais... são pessoas que não tem rendimentos certos, não têm objectivos, é um dia de cada vez não têm assim grandes motivações, a própria situação também... as pessoas são desmotivadas com baixa auto-estima, pessoas perdidas, e depois também é como que uma bola de neve do género se já fiz isto também posso fazer aquilo... pronto com uma série de problemas... problemas até com a justiça.

III. Dimensão sócio-institucional

E: O que é para si esta instituição?

e: Portanto, temos a Legião que é uma dimensão religiosa que criou por sua vez o centro social que é uma IPSS e é a partir deste centro social que são desenvolvidos estes projectos. É assim a instituição preocupa-se... aliás há um lema que... o trabalho é sobretudo para a educação em que temos vários projectos em que isso é mais visível, nomeadamente o projecto de apoio às crianças, o programa sorriso feliz que visa fomentar hábitos de higiene oral, educar e também é uma instituição cultural. Este trabalho que é feito junto do Sem-Abrigo é no fundo minimizar a situação em que as pessoas estão, tentar dar-lhe assim esperança tentar ajuda-los satisfazendo-lhes as necessidades básicas, mas também depende sobretudo delas...

E: Quais as principais formas de divulgação da instituição e o trabalho desta junto da sociedade?

e: Temos um programa de rádio, depois temos o serviço de telemarketing... portanto... para arrecadar recursos financeiros, aproxima-se o natal já se começa a pedir...os próprios meios de comunicação social, também é assim, as pessoas contribuem melhor se conhecerem por isso é que há por parte da instituição preocupação em divulgar, por isso é que também temos um departamento de comunicação social, temos também o site e os próprios voluntários que são uma excelente fonte de divulgação, é a campanha do um mais um, é assim há um voluntario que gosta do que faz e chama outro.

E: Descreva-me sumariamente quais as principais valências que a instituição LBV oferece?

e: Temos o programa um passo em frente que visa o apoio a famílias, é a distribuição de alimentos às pessoas carenciadas, damos formação também às famílias que vem, gostaria também de fazer um trabalho com um grupo dos beneficiários do cabaz para posteriormente conseguir fazer o acompanhamento, temos também o programa da ronda da caridade. Depois surgiu o programa semente da boa vontade apoio à criança, as crianças estão connosco durante as férias escolares, durante o ano lectivo estão ao sábado de manha fazem, actividade e também procuramos em consonância com a própria filosofia da instituição transmitir princípios positivos, valores para que no futuro próximo se tornem assim uns cidadãos de qualidade esse é um dos objectivos educar para a paz educar para a cidadania. Mais tarde surgiu o sorriso feliz, começou ate na cidade de Lisboa, o lema é informação prevenção e tratamento da saúde oral, que tem duas valências, que é a unidade móvel de saúde oral, temos uma carrinha que foi transformada num consultório dentário para se fazer os rastreios e depois todo o trabalho que é feito que é feito com a ajuda de voluntários que são devidamente formados vão juntamente com a nossa técnica aos locais onde é feita a intervenção a ensinar a escovar correctamente e dar também formação aos encarregados de educação e também aos professores. Mais tarde, em 2004 surgiu o viva mais, no fundo temos a valência de centro de convívio, há um espaço dedicado à terceira idade onde as pessoas estão, vêm as vezes que quiserem não tem obrigatoriedade, as pessoas vêm quando querem e podem, fazem voluntariado, isto é, fazem os enxovais para mães carenciadas, é uma forma também de se sentirem úteis, portanto o objectivo deste programa é aumentar a qualidade de vida destas pessoas. Maioritariamente são mulheres, já tivemos um ou outro homem, mas neste momento são só mulheres, é um grupo coeso. Penso que não me esqueci assim de nenhum projecto, é um trabalho que tem já uma dimensão muito grande, e pronto fazemos os possíveis e também os impossíveis... Lá está e não é só quantidade, procuramos também por fazer sempre um trabalho de qualidade e nem sempre é fácil.

E: Tendo em conta a oferta de oportunidades disponíveis nesta instituição, quais são as principais actividades desenvolvidas no seio desta, de modo a fomentar o trabalho dos voluntários, bem como quais as principais actividades desenvolvidas junto da comunidade Sem-Abrigo?

e: Para conseguir fazer chegar o nosso trabalho junto das pessoas, nós contamos muito com o trabalho desenvolvido pelos nossos voluntários não é, a ronda é um exemplo disso, funciona basicamente com os voluntários, eles são a cara da instituição, por isso é que essa é a minha preocupação, porque se eles fizerem alguma asneira é a imagem da instituição... alias o próprio motorista que anda com a carrinha que esta devidamente identificada eu digo-lhes que

eles não vão a conduzir o seu carro, temos que ter sempre em mente que não somos nós, quer dizer somos mas não somos, naquele momento é o motorista da LBV, portanto tem que haver por parte do motorista um controlo, porque é a imagem da instituição, e mesmo o trabalho que é feito na ronda é de exposição portanto eu também tenho cuidado na selecção das pessoas para a ronda. Não quer dizer que já não tenha acontecido uma ou outra situação menos boa, mas é esporadicamente, também as vezes apanhamos Sem-Abrigo que estão alcoolizados e que as vezes pronto... mas graças a Deus nunca tivemos situações de violência. Eu quando faço ronda também acabo por perguntar certas coisas para também ouvir o feedback deles. Por exemplo quando ouço um voluntário tratar um Sem-Abrigo por tu não acho piada nenhuma, mas também não vejo assim nenhuma situação... temos que saber que há regras e que estas são para serem cumpridas, por exemplo, durante o trabalho da ronda nunca devemos fazer doações de... por exemplo de cigarros aos Sem-Abrigo, se forem a título individual podem fazê-lo, agora com a instituição não porque depois começam a criar-se certos hábitos e acaba por ser complicado, porque depois quem vem a seguir e não satisfaz esse tipo de necessidade é que acaba por ouvir não é.

E: Em que medida estas actividades se assumem benéficas para o público a que se destinam?

e: Também já acabei por responder a esta questão na primeira parte.

E: A instituição contribui para alterar as trajectórias sociais dos Sem-Abrigo no sentido de os dotar de instrumentos que potenciam a sua autonomia na busca de uma melhor qualidade de vida? Há casos de resistência a uma possível reinserção? [Ou, pelo contrário, o apoio dado pela instituição fomenta o seu conformismo perante a situação em que se encontram?]

e: O trabalho contribui sempre para alterar as trajectórias de vida deles... Em 2009 demos um curso de trolha, portanto efectivamente era um curso de formação profissional, este curso tinha como destinatários os beneficiários do programa um passo em frente, é um público mais estruturado digamos assim. Já neste caso da ronda, a ideia é que eles deixem aquela vida. Não temos assim ao nível da inserção profissional... mas tentamos também dar dicas, podíamos fazer mais, mas ao nível do trabalho aqui também não fazemos devido às limitações. A autonomia deles lá está, acho que passa sobretudo pela inserção no mercado de trabalho e pronto... as vezes pedem-nos uma muda de roupa porque vão a uma entrevista de trabalho, vemos motivação por parte deles. Agora claro que há casos de resistência não é, é uma opção de vida e não há nada a fazer. Por exemplo o que é bom para mim pode não ser bom para eles e nós temos mais é que respeitar. Quando elaboramos um projecto de vida temos que, ter sempre em conta o que o outro quer, porque é assim até podemos fazer uma coisa muito bem-feita mas não vai de encontro ao que eles querem, não adianta portanto... tem que ser um

passinho de cada vez porque esta população tanto andamos para a frente como recuamos... depois numa fase posterior também temos que envolver a família... e as vezes com o apoio da família não conseguem dar a volta no caso dos toxicod dependentes.

E: Considera que esta instituição tem condições que potenciam a reinserção social dos Sem-Abrigo?

e: Temos condições, embora estando limitados... mas estamos atentos e quando surge algum caso também fazemos os possíveis e os impossíveis para analisar a situação e encaminhar para as instituições que consigam dar resposta e já passaram por aqui situações. Depois de encaminhar a situação acabamos por perder o contacto...

E: O trabalho desenvolvido pela LBV tem um papel importante para o retorno dos Sem-Abrigo ao lar e/ou o (a) integração no mercado de trabalho?

e: Sim tem, porque nos fazemos os possíveis na nossa abordagem para os incentivar para isso.

IV. Dimensão religiosa e institucional

E: Considera que há uma interferência espiritual na inserção institucional por parte dos Sem-Abrigo?

e: Basta esta instituição ser religiosa as pessoas fazem o trabalho também... o espírito de solidariedade, o amor ao próximo eu acho que isto esta patente e isto é fundamental nem só do pão vive o homem, o mais importante é a parte humana, o resto é secundário, portanto sem isso o trabalho não faria sentido, alias nós temos a preocupação de rezar um pai-nosso antes de sair para a ronda.

E: Na sua opinião o comportamento dos beneficiários do apoio da LBV é condicionado pelos valores transmitidos pela instituição?

e: Não é, eu penso que não, e quem conhece sabe que a instituição respeita todas as crenças, não há condicionamentos maiores.

E: Da minha parte é tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que não tinha sido dito?

e: o fundamental foi dito... se pegarmos numa folha e numa caneta haveria talvez muito a dizer, mas de momento não me ocorre assim mais nada... acho que nós fazemos a diferença pelas pessoas que participam na ronda, pela filosofia da instituição. Tentamos fazer um trabalho com qualidade e que é reconhecido por parte dos Sem-Abrigo.

E: Muito obrigada Doutora.